



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

ELLEN CORREIA ARAÚJO

**ANÁLISE COMPARATIVA DE TRADUÇÕES DE TEXTOS BÍBLICOS PARA A
LIBRAS**

**BRASÍLIA
2018**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

ELLEN CORREIA ARAÚJO

**ANÁLISE COMPARATIVA DE TRADUÇÕES DE TEXTOS BÍBLICOS PARA A
LIBRAS**

Trabalho submetido à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Soraya Ferreira Alves

**BRASÍLIA
2018**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

Banca avaliadora

Prof^a. Dr^a. Soraya Ferreira Alves

Universidade de Brasília

Presidente

Prof^a. Dr^a. Patrícia Tuxi dos Santos

Universidade de Brasília

Examinador interno

Prof. Dr. Gláucio de Castro Júnior

Universidade de Brasília

Examinador externo

Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves

Universidade de Brasília

Examinador suplente

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a **DEUS**, meu Criador, que manteve minha vida preservada até hoje. Por todas as dificuldades que me fez enfrentar e descobrir que sozinha não daria conta desta jornada. Em alguns momentos, Sua ajuda veio em particular; em outros momentos, por intermediários. A eles, sigo com meus agradecimentos:

Aos meus **pais**, por todo o investimento feito na minha educação e, principalmente, pelos princípios passados a mim;

A minha **família**, alicerce forte;

Ao meu amigo e companheiro e esposo, **Leonardo**, por ter, literalmente, suportado ao meu lado este desafio;

A minha orientadora, **Prof^a. Dr^a. Soraya Ferreira Alves**, pela paciência e fundamental condução desse trabalho;

Aos **surdos**, principalmente aqueles que frequentaram a Igreja Memorial Batista de Brasília durante estes quase 25 anos de ministério, por me ensinarem uma nova forma de ver o mundo mediante sua língua;

Aos pastores que passaram pela minha vida, especialmente o pastor **Jair Sousa Pereira**, pelo tempo disponível para orientações teológicas e empréstimo de material;

Aos meus **colegas e amigos** de trabalho que assumiram minhas atribuições durante o período que me ausentei para elaboração desta pesquisa;

À **chefia** do Instituto de Letras e do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, por permitirem meu afastamento para aperfeiçoamento profissional; e

À **Anninha** que, com muito carinho, aceitou revisar este trabalho.

RESUMO

Diante das conquistas da comunidade surda, a questão da acessibilidade está, gradativamente, alcançando novas esferas do cotidiano nacional. E, para que este progresso se solidifique ainda mais, se faz necessária tanto a perseverança dos grupos de interesse como o aumento dos estudos voltados para a tradução nessas esferas. Uma das áreas que apresenta carência de pesquisa científica é a religiosa, visto que, apesar de já realizar a tradução/interpretação de seus conteúdos para a Libras há bastante tempo, ainda são poucas as produções profissionais identificadas no universo institucional, dentre outros. Seja pela preocupação da responsabilidade de atingir o objetivo da tradução sem os desvios da mensagem divina, seja pela língua portuguesa arcaica ou pela riqueza metafórica dos textos, a questão é que o âmbito religioso está cheio de indagações advindas de grupos de pessoas que se dispõem a fazer esta atividade. O presente trabalho tem o objetivo de realizar uma análise comparativa entre traduções bíblicas para a Libras do trecho presente em Efésios, capítulo 6, versículos de 10 a 20, em relação a questões técnicas, linguísticas e tradutórias e, finalmente, construir reflexões sobre como estes textos podem ser traduzidos, seguindo os parâmetros propostos por Nord (2016).

Palavras-chave: Tradução. Libras. Acessibilidade. Texto bíblico.

ABSTRACT

Faced with the achievements of the deaf community, the issue of accessibility is gradually reaching new spheres of national daily life. And for this progress to solidify further, both the perseverance of the interest groups and the increase in translation studies in these areas are required. One of the areas lacking scientific research is the religious one, since, despite having already performed the translation/interpretation of its contents for a long time, there are still few professional productions identified in the institutional universe, among others. Whether it is the responsibility of reaching the goal of translation without the deviations of the divine message, whether by the archaic Portuguese language or the metaphorical richness of the texts, the point is that the religious scope is full of inquiries from groups of people who are willing to do this activity. The present work has the objective of performing a comparative analysis between biblical translations of the passage in Ephesians, chapter 6, verses 10 to 20, for the Brazilian Sign Language, in relation to technical, linguistic and translation questions, and finally, to construct reflections on how these texts can be translated, following the parameters proposed by Nord (2016).

Keywords: Translation. Brazilian Sign Language. Accessibility. Biblical text.

LISTA DE ABREVIATURAS

TILS	Tradutor e intérprete de língua de sinais
Libras	Língua brasileira de sinais
LPB	Língua portuguesa do Brasil
ILS	Intérprete de língua de sinais
LS	Língua de sinais
IIGD	Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil
TA	Texto alvo
TF	Texto fonte
LO	Língua de origem
LT	Língua traduzida
TLO	Texto na língua de origem
JMN	Junta de Missões Mundiais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ação tradutória	40
Figura 2: Processo de tradução	41
Figura 3: Metáforas	44
Figura 4: Mapeamento em língua de sinais americana, sinal THINK-PENETRATE	45
Figura 5: Mapeamento em Libras, sinal ABRIR A CABEÇA	46
Figura 6: Versões da Bíblia em português	52
Figura 7: Princípios da tradução da Bíblia	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 O SURDO E AS RELAÇÕES DE PODER	15
1.1 O indivíduo surdo.....	15
1.1.1 Libras e suas especificidades.....	17
1.2 Tradutor/intérprete de Libras/LPB (TILS)	18
1.2.1 Atuação dos TILS no contexto religioso	20
1.3 Relações de poder.....	22
1.3.1 Contato de línguas.....	24
1.3.2 O Surdo e a religião.....	25
1.4 Conclusão.....	26
2 A LIBRAS E AS TEORIAS DA TRADUÇÃO	27
2.1 Libras-LPB: tradução e interpretação.....	27
2.2 Critérios para a tradução para a Libras.....	30
2.2.1 Registros e análises	30
2.2.2 Questões técnicas	33
2.2.3 Questões linguísticas	34
2.2.4 Questões tradutórias	38
2.3 Conclusão.....	49
3. TRADUÇÃO BÍBLICA.....	50
3.1 A sensibilidade do texto bíblico	50
3.2 Panorama geral das traduções bíblicas.....	51
3.3 Produções bíblicas traduzidas para a Libras.....	54
3.4 <i>Skopos</i> da tradução da Bíblia para a Libras.....	55
3.4.1 Fatores extratextuais.....	56
3.4.1.1 Emissor e intenção do emissor	56
3.4.1.2 Público-alvo	57
3.4.1.3 Meio	59
3.4.1.4 Lugar e tempo.....	59
3.4.2 Fatores intratextuais	61
3.4.2.1 Assunto.....	62
3.4.2.2 Conteúdo	63
3.4.2.3 Pressuposições.....	63

3.4.2.4	Estruturação.....	64
3.4.2.5	Léxico.....	64
3.5	Interdependência entre os fatores de análise	65
3.6	Conclusão.....	65
4	METODOLOGIA	66
4.1	Etapas da pesquisa.....	66
4.2	Tipo de pesquisa e abordagem de pesquisa.....	67
4.3	Contexto da pesquisa e seleção do <i>corpus</i>	68
4.4	Registro dos dados	69
4.5	Critérios analisados no <i>corpus</i>	69
4.6	Análise dos dados.....	70
4.6.1	Texto A - Efésios 6: 10-20	70
4.6.1.1	Transcrição	70
4.6.1.2	Questões técnicas	73
4.6.1.3	Questões linguísticas	75
4.6.1.4	Questões tradutórias	83
4.7	Aplicação do texto sagrado baseada nos princípios propostos por Nord (2016).....	93
4.7.1	Questões técnicas	93
4.7.2	Questões linguísticas	94
4.7.3	Questões tradutórias	95
4.8	Conclusão.....	106
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	BIBLIOGRAFIA	110
	ANEXO 1	118
	ANEXO 2	121

INTRODUÇÃO

A comunidade surda e as religiões possuem entre si um caminho coexistente. Os primeiros anos de atendimento aos surdos¹ realizados pela igreja tinham uma visão assistencialista, uma vez que a preocupação das igrejas dividia-se entre a evangelização e a assistência voluntária em esferas sociais, tais como atendimentos médico e jurídico, crises familiares e reforço escolar. De acordo com Santos (2006), a perspectiva assistencialista parte da visão de que alguns intérpretes afirmam ter recebido um dom, uma missão designada por Deus para realizar a interpretação português-língua de sinais:

A questão da vocação, da missão serve como estratégia para trabalhar em “prol”, “em favor” das pessoas surdas. Parte-se da premissa que esse grupo é desvalorizado e discriminado pela sociedade em geral e que os mesmos, nessa perspectiva, precisam da ajuda de pessoas que conheçam a língua de sinais e de intérpretes de língua de sinais para que tenham o mesmo nível de formação e informação (SANTOS, 2006, p. 76).

A partir do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras², outorgada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e sua regularização pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, no qual, no capítulo VI, artigo 22, é garantida a educação bilíngüe³, os surdos passam a ter maior possibilidade de desenvolver suas habilidades de leitura e compreensão da língua portuguesa escrita. Consequentemente, vem se tornando mais fácil o entendimento dos textos em Língua Portuguesa do Brasil (LPB) pelos surdos.

Diante deste cenário, as igrejas não poderiam se distanciar do avanço educacional da comunidade surda. Para isso, se fez necessário um melhor preparo dos voluntários mediadores entre os surdos e os ouvintes dentro das instituições religiosas. Anteriormente, o aprendizado da língua de sinais se dava pelo contato com a comunidade surda. Com o passar do tempo,

¹ Há pesquisadores que optam por utilizar a grafia “Surdo(a)”, com “S” maiúsculo, por uma questão de estilística e como uma marca do empoderamento desses indivíduos. Contudo, apesar de concordar com a causa, utilizei a grafia minúscula seguindo padronização da Língua Portuguesa do Brasil.

² Libras: sei que existem outras nomenclaturas para denominar a Língua Brasileira de Sinais, LBS ou LSB, contudo, para este trabalho, escolho Libras, por ser reconhecida desta forma pela grande maioria da comunidade surda e ser, assim, nomeada pela lei brasileira.

³ A educação bilíngüe, segundo o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, é descrita da seguinte maneira: “§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo” (BRASIL, 2005).

além do convívio com os surdos, foi preciso o aprofundamento do conhecimento da língua e das técnicas de tradução pelos voluntários. Segundo Santos (2006):

Dentro dos espaços religiosos, não era investido na formação desse profissional, compreendendo as questões linguísticas, culturais e éticas que a atividade de interpretar requer. Para esses trabalhos desenvolverem-se, a base era o voluntariado por parte dos intérpretes de língua de sinais, o que perdurou durante muitos anos. Atualmente, sabemos de algumas denominações religiosas que têm investido na formação dos intérpretes de língua de sinais (SANTOS, 2006, p. 48).

Hoje, podemos observar avanços nos trabalhos religiosos com um maior foco na evangelização, com a produção de materiais cristãos em Libras, com a formação de surdos em Teologia e igrejas formadas por surdos ou tendo a língua de sinais como primeira língua no âmbito comunicacional formal e informal. Além disso, diversos voluntários procuraram aprofundar seus conhecimentos por meio de cursos de Libras e até mesmo pela profissionalização em curso de graduação em Letras-Libras, bacharelado e licenciatura.

Ainda assim, podemos observar várias lacunas nos trabalhos realizados dentro das igrejas junto à comunidade surda, e não há dúvidas de que a falta de tradução da Bíblia em Libras interfere muito nas atividades realizadas pelos voluntários religiosos, assim como na necessidade de responder aos anseios da comunidade surda por sua independência e igualdade de informação.

Essa falha vem, aos poucos, sendo preenchida com a realização de trabalhos individuais e de poucos grupos religiosos. A tarefa da tradução bíblica, para quaisquer que sejam as línguas envolvidas, aponta impasses importantes. Primeiramente, estamos tratando de um texto sagrado para diversas religiões, as quais consideram a Bíblia como um guia de fé e prática, mais especificamente, sendo as palavras do próprio Deus. Assim, esta questão possibilita um desdobramento de outros pontos, a saber: Como é visto o papel do tradutor frente aos textos religiosos? A tradução pode ser feita por uma pessoa incrédula ou que siga outra religião cujo entendimento não seja o da Bíblia como um texto sagrado? Ou ainda: Traduzir implica em alteração da mensagem divina?

A necessidade da pesquisa predecessora a este trabalho partiu de experiências pessoais – há aproximadamente 10 anos atuo como intérprete e tradutora no âmbito religioso. As traduções⁴ e interpretações⁵ realizadas dos textos sagrados, normalmente, esbarram nas mesmas questões: português arcaico, uso da linguagem poética e metafórica, conceitos

⁴ Tradução: para fins deste trabalho, o termo tradução não será abrangente. Considero, portanto, a tradução como um processo que requer tempo e consulta para o desenvolvimento e registro do seu produto final.

⁵ Interpretação: seguirei, para esta pesquisa, o conceito proposto por Luciano (2005, p. 40) “realização, sob imposição externa da velocidade, da versão final de um texto na primeira produção feita pelo intérprete”.

abstratos e falta de terminologias teológicas na língua-alvo, Libras, e marcas culturais do texto. Essas inquietações se somam à falta de critérios na tradução de textos bíblicos, o que propicia uma grande variação entre as produções, sem nenhuma justificativa teórica que embase as estratégias adotadas. Toda esta falta de padronização científica e prática torna o processo em questão ainda mais aleatório e subjetivo. Independentemente da escolha, não há que se prestigiar ou desvalorizar qualquer que seja ela, mas é importante ressaltar os pontos positivos e negativos de cada uma e procurar fundamentos para essas escolhas.

As indagações supracitadas seriam minimizadas caso fosse preenchida a carência de textos bíblicos traduzidos de português para Libras, com uma fundamentação teórica que pudesse ser utilizada nos diversos contextos religiosos. Se tal perspectiva fosse realidade, o trabalho do tradutor e do intérprete seria feito de forma ainda mais adequada e consistente.

O tempo limitado destinado para a realização desta pesquisa, porém, não é suficiente para a tradução completa da Bíblia e de modo algum seria minha pretensão atingir tal objetivo. Dessa forma, o objetivo geral é: realizar uma análise contrastiva de traduções de textos sagrados já realizadas, apontando as semelhanças e diferenças, a fim de promover uma reflexão sobre a tradução dos textos sagrados com a aplicação dos parâmetros propostos por Nord (2016). Além disso, outros objetivos adicionam-se à pesquisa: observar as relações de poder entre os surdos e as religiões; relacionar as teorias tradutórias às línguas envolvidas, português e Libras, e analisar como são produzidas as traduções para Libras, principalmente, no âmbito religioso.

Para atingir os objetivos propostos, serão analisadas duas produções videográficas, sendo um trecho bíblico produzido pela missionária Marília Manhães, que atua na Junta de Missões Nacionais⁶, e o mesmo trecho traduzido pelo pastor Adoniran Melo, membro da Primeira Igreja Batista de Curitiba⁷ – local este onde é responsável pelo ministério com surdos.

A escolha das traduções se baseia em dois pontos: primeiramente, a escassez deste tipo de material analisado – vídeos de textos bíblicos traduzidos. O segundo ponto foi procurar pessoas que já tivessem uma experiência na área de tradução de textos bíblicos, bem como estivessem vinculadas a alguma instituição reconhecida pela comunidade cristã brasileira.

A pesquisa está organizada em quatro capítulos. No capítulo 1, abordarei o indivíduo surdo e suas especificidades linguísticas. Será esclarecido o papel do tradutor de língua

⁶ Junta de Missões Nacionais: sociedade civil de caráter religioso, criada em 1907, ligada à Convenção Batista Brasileira (<https://www.missoesnacionais.org.br/>).

⁷ Primeira Igreja Batista de Curitiba: igreja ligada à Convenção Batista Brasileira, fundada em 1914. Realiza o ministério com surdos desde 1984 (<https://www.pibcuritiba.org.br/>).

brasileira de sinais na comunidade surda, em uma visão generalista e, depois, com enfoque no âmbito religioso. Ainda no primeiro capítulo, tratarei sobre a relação entre o surdo e o ouvinte no contato de línguas, cultura e religião, questões importantes para as escolhas tradutórias.

No capítulo 2, discorrerei sobre questões tradutórias da LPB para a Libras e como as teorias da tradução podem ser aplicadas neste caso. Ainda neste capítulo, serão apresentados critérios para a tradução em Libras, os quais servirão como requisitos para a avaliação das produções videográficas. No capítulo 3, convergirei a pesquisa para a etapa das traduções religiosas e suas teorias, assim como sua respectiva parte teórica, com uma investigação sobre as produções bíblicas já realizadas em Libras. Também identificarei os fatores extra e intratextuais que formam o *skopos* proposto por Nord (2016) na análise textual voltada para a tradução.

Por fim, o capítulo 4 conterá a metodologia da pesquisa e a análise dos vídeos escolhidos, bem como uma reflexão sobre a tradução de textos bíblicos, fundamentada em Barbosa (2004), Marques e Oliveira (2012) e, principalmente, em Nord (2016), capaz de evidenciar as possíveis estratégias baseadas em fundamentação teórica, oferecendo, dessa forma, segurança às escolhas realizadas pelo tradutor.

CAPÍTULO 1

1 O SURDO E AS RELAÇÕES DE PODER

Este capítulo tem como objetivo apresentar um panorama sobre o indivíduo surdo, bem como mostrar o processo de reconhecimento de sua língua. A partir deste momento, constata-se a ampliação de produções acadêmicas dentro do ambiente de pesquisa da Libras e de suas especificidades. Também é abordada a formação profissional dos tradutores de português/Libras, a partir das conquistas dos surdos, em especial, em atuações no âmbito religioso. Devido aos acontecimentos da história, à supremacia dos ouvintes e à dificuldade de reconhecimento e aceitação do outro, o convívio entre surdos e ouvintes apresenta diversas tensões e, por isso, aproveito este capítulo para tratar das relações de poder e do contato das línguas que envolvem estes dois grupos: surdos e ouvintes. Todas as questões aqui levantadas têm como objetivo mostrar como os acontecimentos, no decorrer dos anos, podem interferir, ainda hoje, nas escolhas tradutórias.

1.1 O indivíduo surdo

Para conhecer o indivíduo surdo hoje, é importante fazer uma breve exposição de como foi o seu caminho social e linguístico durante a história. Não tenho como objetivo o aprofundamento deste tema, mas, por outro lado, entendo ser necessário o apontamento de alguns aspectos importantes no âmbito linguístico e, conseqüentemente, na tradução e no surgimento/aperfeiçoamento dos profissionais oriundos deste processo.

Strobel (2009) divide a história dos surdos em três momentos marcantes – revelação cultural, isolamento cultural e despertar cultural –, os quais são conceituados da seguinte forma:

1. Revelação cultural: nesta fase os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidência de que antes do congresso de Milão⁸ havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos.
2. Isolamento cultural: ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral.

⁸ Congresso de Milão: “Em 6 até 11 de setembro de 1880, houve um congresso internacional de educadores surdos na cidade de Milão na Itália. Neste congresso, foi feita uma votação proibindo oficialmente a língua dos sinais na educação de surdos” (STROBEL, 2009, p. 33).

3. Despertar cultural: a partir dos anos 1960, inicia uma nova fase para o renascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos (STROBEL, 2009, p. 12).

A partir da descrição de Strobel (2009), podemos observar fatos relevantes ocorridos no processo de construção, desconstrução e reconstrução da língua de sinais, assim como no posicionamento do surdo dentro da sociedade. No primeiro período, os surdos tinham acesso a uma educação de qualidade, sem diferenças entre as suas produções e as dos ouvintes. Em um segundo momento, os surdos passam a viver uma superposição dos ouvintes por meio da imposição da língua oral, proibindo, assim, o uso da língua de sinais. Finalmente, quase cem anos após a sujeição às línguas majoritárias – no caso, às línguas orais –, percebe-se que a metodologia usada para a educação do surdo era um fracasso. E, daí em diante, constata-se a necessidade de aceitação da língua de sinais.

Em 1960, inicia-se a valorização das línguas de sinais a partir da publicação “*Language Structure: an Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*”, de William Stokoe. A obra afirma, oportunamente, que a língua de sinais americana, ASL, é uma língua com as mesmas características da língua oral (STOKE, 1960 apud STROBEL, 2009). Isto posto, os surdos vêm, desde então, conquistando cada vez mais espaço na sociedade. O reconhecimento de sua língua, o acesso à educação e a garantia da acessibilidade por meio dos intérpretes são as grandes marcas dos avanços alcançados.

No Brasil, o reconhecimento da Libras verifica-se a partir da Lei Federal nº 10.436/2002, cujo artigo 1º estabelece: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.” Posteriormente, essa lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, o qual categoriza o indivíduo surdo da seguinte forma:

Art 2º Para fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2002).

Quase dez anos depois, na esfera educacional, a Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, aprova o Plano Nacional de Educação e tem como uma de suas metas o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, sendo garantido aos surdos:

7) a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos (as) e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos (BRASIL, 2014).

Assim, por conta também do reconhecimento de tantas carências e necessidades, essa mesma lei precisou garantir a acessibilidade aos surdos por meio dos profissionais específicos para esta atuação:

4.13) apoiar a ampliação das equipes de profissionais da educação para atender à demanda do processo de escolarização dos (das) estudantes com deficiência [...] tradutores (as) e intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdos-cegos, professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues (BRASIL, 2014).

1.1.1 Libras e suas especificidades

Diante das pesquisas em Libras que apresentam provas irrefutáveis do seu status como língua, não há mais espaço para a discussão sobre o reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais. Desde o início das pesquisas realizadas nesta área por Stokoe, em 1960, já foram identificados critérios linguísticos, assim como ocorre em qualquer outra língua oral, a saber: léxico, sintaxe e capacidade de gerar infinitas sentenças (QUADROS e KARNOPP, 2004).

As diferenças entre as línguas orais e a de sinais se concentram, especificamente, na modalidade e nas regras constitutivas:

A língua de sinais tem como meio propagador o campo gesto-visual, o que a diferencia da língua oral, que utiliza o canal oral-auditivo. Além dessa diferença, também apresenta antagonismos quanto às regras constitutivas. No entanto, a língua de sinais deve ser respeitada como língua, pois assume a mesma função da língua oral, a comunicação (DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 589).

Algumas narrativas podem mostrar relatos que depreciem a surdez, sobrelevando sua incapacidade cognitiva e afetiva, mas o que podemos inferir é que as condições oferecidas para o sujeito surdo é que apresentam limitações. A questão é que a sociedade não está preparada para receber o sujeito surdo – detecção tardia da surdez e falta de orientação dos

profissionais da saúde –, de modo que não há possibilidade para que ele desenvolva sua linguagem de forma adequada (DIZEU e CAPORALI, 2005).

Sobre o processo de aquisição de língua pelos surdos, as autoras continuam o raciocínio com a seguinte visão: “adquirindo a LIBRAS, ela (a criança surda) se tornará capaz de significar o mundo”. Isso porque essa língua possui estruturas compostas de representações abstratas, regras gramaticais e expressões metafóricas.

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que não há como fazer comparações com as línguas orais e declarar que as línguas de sinais são lexicalmente pobres e incapazes de expressar questões abstratas.

As línguas de sinais são línguas de modalidade visuoespacial que apresentam uma riqueza de expressividade diferente das línguas orais, incorporando tais elementos na estrutura dos sinais através de relações espaciais, estabelecidas pelo movimento ou outros recursos linguísticos (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 35).

No momento em que se reconhece e se aceita a língua de sinais como a língua natural dos surdos, admite-se o papel significativo que essa língua exerce no indivíduo para conduzi-lo, “por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno” (DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 588).

1.2 Tradutor/intérprete de Libras/LPB (TILS)

Segundo Santos (2006), a atividade de interpretação é antiga e a respeito dela existe uma dificuldade de se estabelecer uma data de início, seja pela falta de documentos registrados ou pela falta de reconhecimento da profissão. Porém, juntamente com os avanços linguísticos alcançados pela comunidade surda, houve, gradualmente, a oficialização da profissão.

No Brasil, os intérpretes de Libras vêm se organizando em encontros e seminários desde 1988 (QUADROS, 2004; SANTOS, 2006; MASUTTI e SANTOS, 2008). Entretanto, após o aumento da representação dos surdos nos diversos ambientes, por meio do processo educacional, houve, também, a necessidade da profissionalização dos tradutores e intérpretes de português/Libras, tanto para assegurar a acessibilidade como por uma obrigação legal. Segundo Quadros (2004):

A participação de surdos nas discussões sociais representou e representa a chave para a profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua de

sinais. Outro elemento fundamental neste processo é o reconhecimento da língua de sinais em cada país. À medida que a língua de sinais do país passou a ser reconhecida enquanto língua de fato, os surdos passaram a ter garantias de acesso a ela enquanto direito lingüístico. Assim, conseqüentemente, as instituições se viram obrigadas a garantir a acessibilidade através do profissional intérprete de língua de sinais (QUADROS, 2004, p. 13).

Esta relação é reforçada novamente por Quadros (2004, p. 51): “enquanto a comunidade surda não constitui um grupo com identidade sócio-cultural-política, o intérprete não se constitui enquanto profissional”. Em outras palavras, a formação desse profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividades laborais, na medida em que os surdos foram conquistando o seu exercício de cidadania.

Reconhecidamente, o Brasil só inicia a formação, mesmo que tardia, dos profissionais das línguas de sinais após os adventos legais já mencionados. Ademais, vale ressaltar que foram necessários três anos para a conclusão da regulamentação da profissão, da mesma forma que foram requeridos outros três anos para a criação do primeiro curso de bacharelado em Letras-Libras.

Apenas em 2008 foi criado o referido curso na modalidade à distância, em 15 polos, a saber: Pará (UEPA), Ceará (UFC), Rio Grande do Norte (IF-RN), Pernambuco (UFPE), Bahia (UFBA), Goiás (IFG), Brasília (UnB), Mato Grosso do Sul (UFGD), Espírito Santo (UFES), Rio de Janeiro (INES), Minas Gerais (CEFET), São Paulo (Unicamp), Paraná (UFPR), Rio Grande do Sul (UFRGS) e Santa Catarina (UFSC). De acordo com Pêgo e Lopes (2014), o número de alunos matriculados em todos os polos supracitados no ano de 2008 chegou a 900 (450 em bacharelado e 450 em licenciatura) e 690 concluíram o curso (378 bacharéis e 312 licenciados).

Entretanto, até a formação da primeira turma da graduação, o que existia era o exame de proficiência em Libras – ProLibras –, com o objetivo de “realizar a certificação de proficiência no uso e ensino de Libras e na tradução e interpretação da Libras”⁹. A primeira prova ocorreu em 2007, tanto para a área de licenciatura como para a de bacharelado, estendendo-se até o ano de realização da presente pesquisa (2018), como pode ser conferido no portal do Ministério da Educação:

O Exame ProLibras recebeu 4.730 inscrições e será feito em todas as capitais do país. Os interessados no certificado de proficiência para professores de Libras são usuários surdos ou ouvintes de Libras. Já os candidatos a

⁹ Portal do Ministério da Educação: www.mec.gov.br (acesso em 15/01/2017).

intérpretes são ouvintes fluentes em Libras. Os intérpretes devem ser capazes de converter o português falado e escrito em linguagem de sinais e vice-versa. A conversão permite que o aluno surdo acompanhe aulas ao lado de colegas ouvintes. Os candidatos a professor e a intérprete passarão por provas objetivas e práticas (BRASIL, 2017).

Em setembro de 2010, houve a aprovação da Lei nº 12.319 que legalizou a profissão de intérprete de Libras no Brasil, com apenas a exigência educacional de conclusão do Ensino Médio, demonstrando um descompasso entre as políticas públicas e o interesse da categoria, dado que já existia a formação superior destes profissionais, além de outros avanços alcançados até aquele momento.

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:
I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;
II - cursos de extensão universitária; e
III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Em meados de dezembro de 2017, a subcomissão da Câmara dos Deputados, ligada à Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovou a regulamentação da profissão de intérprete de Libras. Dentre os itens discutidos, estavam exatamente a obrigatoriedade da formação destes especialistas em curso superior na área, bem como a respectiva carga horária de atuação e o criterioso revezamento laboral no momento da atuação. A partir desta etapa em diante, a proposta da regulamentação passará a tramitar como projeto de lei, revogando a Lei nº 12.319 de 2010. As propostas sugeridas vieram da classe dos intérpretes, o que mostra a necessidade de engajamento político para que as necessidades da inclusão dos surdos sejam atendidas¹⁰.

1.2.1 Atuação dos TILS no contexto religioso

Não há como desvincular, historicamente, a atuação dos TILS do contexto religioso, uma vez que, possivelmente, desde a década de 1980, existe a atuação de voluntários em instituições religiosas (SANTOS, 2006). Dessa forma, não há como deixar de mencionar a relevância precursora dos trabalhos voluntários realizados dentro das igrejas para a formação profissional destes especialistas, uma vez que o início deste trabalho se deu muito antes dos primeiros cursos de formação no Brasil.

¹⁰ Fonte: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/RADIOAGENCIA/550990-SUBCOMISSAO-APROVA-REGULAMENTACAO-DA-PROFISSAO-DE-INTERPRETE-E-TRADUTOR-DE-LIBRAS.html>, acesso em 19/02/2018.

Na história dos ILS¹¹, os lugares iniciais para a atuação desse profissional foram as igrejas, as instituições de caridade e os espaços familiares em que transitavam surdos. Assim, a aquisição da LS¹² pelos ouvintes acontecia no contato direto com as pessoas surdas, isto é, sem nenhuma aprendizagem sistemática por meio de cursos que ensinassem essa língua (SANTOS, 2006, p. 71).

Nesta pesquisa, dentre as diversas religiões que desenvolvem o trabalho evangelístico com o surdo, foi escolhida a denominação Batista, uma das ramificações do Cristianismo. Esta escolha foi baseada em meu interesse pessoal, por ser a denominação na qual atuo como voluntária como TILS e por perceber que, apesar dos anos dedicados a esse trabalho, as igrejas Batistas ainda não desenvolveram uma metodologia suficientemente eficiente e/ou capaz de ser adotada como modelo para a tradução dos textos bíblicos.

Segundo Silva e Teixeira (2008), em uma pesquisa etnográfica¹³ denominada “Estudos da Comunidade Surda: língua cultura e história”, coordenada pelo Dr. Lelang McCleary – professor do departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo –, a denominação protestante Batista é organizada por ministérios, de acordo com suas atividades específicas, dentre eles, o ministério com surdos. Normalmente, esse ministério é gerido por um missionário-intérprete que tem um chamado específico para esta missão. Ele atua, “sobretudo, como intérprete lingüístico e cultural, aquele que realiza a tradução simultânea Libras/português e a transformação de qualquer signo sonoro em signo visual apreensível aos surdos” (SILVA e TEIXEIRA, 2008, p. 7).

Um fato chamou a atenção da equipe de pesquisadores desta pesquisa etnográfica:

Percebemos a presença constante de jovens ouvintes, com trajetória religiosa protestante, que interagiam fluentemente com os surdos através da Libras, e que desempenhavam a função de intérprete Libras/português. Quando indagávamos sobre a trajetória desses jovens, onde aprenderam a Libras e iniciaram a performance da interpretação, identificamos que era o meio evangélico o local por excelência de emergência dessa prática. De modo que nos pareceu que havia algo ocorrendo no campo religioso brasileiro, que estava repercutindo de maneira significativa no modo como as pessoas passavam a se relacionar com a surdez (SILVA e TEIXEIRA, 2008, p. 4).

¹¹ ILS: Intérprete de Língua de Sinais.

¹² LS: Língua de Sinais.

¹³ Desde 2002, no Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU), sob coordenação do professor Dr. José Guilherme Cantor Magnani, tem sido realizada uma série de etnografias que objetivam compreender estas novas e múltiplas experiências relacionadas à surdez. Esta pesquisa constitui parte do trabalho desenvolvido pelo grupo multidisciplinar sobre surdez e Libras denominado “Estudos da Comunidade Surda: língua, cultura e história”, coordenado pelo Dr. Leland McCleary, professor do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo.

Como havia mencionado, mesmo com a falta de profissionalização dos intérpretes voluntários no âmbito religioso, muitos se destacaram como líderes nos movimentos surdos e promoveram a profissionalização da classe. Dessa forma:

[...] muitos daqueles intérpretes que atuavam nesses espaços se tornaram, ao longo dos anos, líderes da categoria e, atualmente, participam do cenário nacional enquanto articuladores do movimento em busca da profissionalização desse grupo, como membros e presidentes das associações de intérpretes de Língua de Sinais no país (MASSUTI e SANTOS, 2008, p. 155).

Destarte, podemos reparar que a visão de trabalho de algumas igrejas tem se mostrado grande aliada junto ao processo de reconhecimento do indivíduo surdo com suas características linguísticas e culturais próprias, uma vez que, em sua maioria, as igrejas não consideram a surdez uma patologia ou uma deficiência que necessita de cura. Pelo contrário, respeitam o surdo tal qual ele é, como um “povo”, isto é, um indivíduo pertencente a um segmento da sociedade tão importante quanto outros grupos sociais existentes, com sua própria língua, cultura e história –, bem como compreende que a cura da surdez é uma metáfora relacionada à conversão de fé, ao mesmo tempo em que é vista como um sinal distintivo de um “povo não alcançado” pela mensagem cristã (SILVA e TEIXEIRA, 2008).

1.3 Relações de poder

As importantes conquistas já mencionadas anteriormente, tais como a oficialização da língua de sinais e a garantia de acessibilidade, foram fundamentais para que os surdos começassem a adquirir um empoderamento que antes lhes era negado. Afinal, um indivíduo ao qual são negadas sua língua, história e cultura, também lhe é negado o poder. Desta forma, e até hoje, só é possível se falar sobre a relação assimétrica de poder existente entre os surdos e os ouvintes. Falta, ainda, vivenciar outras conquistas legais e sociais alusivas à equiparação de direitos e deveres dos surdos, em especial, no Brasil.

Perlin e Quadros (2008) concebem o termo ouvincentrismo no sentido de que o ouvinte é o centro de toda a metodologia da normalidade. Assim, segundo as autoras, este padrão de “normalidade” adotado leva alguns ouvintes a acabarem com a língua de sinais e com qualquer manifestação cultural dos surdos por meio do oralismo, dos programas educacionais

com base na língua falada e dos implantes cocleares¹⁴, por exemplo. Acrescentam ainda que, durante muitos anos, o surdo foi considerado como inferior, anormal e deficiente.

Ainda segundo as autoras, é necessário que os ouvintes passem a perceber o surdo não como “o outro”, mas como o “eu-dele”, respeitando toda a singularidade e individualidade, partindo daí o reconhecimento da diferença:

Nesse estágio, em que a diferença é reconhecida, os ouvintes objetivam dar lugar às experiências surdas. A lógica da civilização ouvinte não é mais a que impera. A lógica passa a ser a de reconhecimento de que há a civilização da fala, da escuta, da leitura, e que há, também, a civilização dos surdos, da língua de sinais, da expressão corporal, do olhar (PERLIN e QUADROS, 2008, p. 175).

Durante muitos anos, o outro (ouvinte), para o surdo, representou uma grande ameaça e, por isso, não era muito comum perceber uma postura proativa de aproximação e espaço para o diálogo por parte dos surdos. Por conseguinte, para que haja um processo de negociação, é necessário que um aceite o outro, tanto por parte dos ouvintes quanto dos surdos (PERLIN e QUADROS, 2008).

De acordo com Dizeu e Caporali (2005), enquanto os surdos convivem apenas com os ouvintes, não há expectativas de criação de uma identidade que corresponda às suas especificidades. Apenas a partir do contato com seus pares é que se torna possível perceber o surdo mais seguro de sua confirmação identitária. “Para que o surdo possa reconhecer sua identidade surda é importante que ele estabeleça o contato com a comunidade surda, para que realize sua identificação com a cultura, os costumes, a língua e, principalmente, a diferença de sua condição” (DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 593).

Por fim, as autoras entendem que a interação dos surdos somente com ouvintes afirma o estigma da deficiência na intenção de equipará-los aos ouvintes. “Infelizmente, na maioria das vezes, o surdo só é visto pela sua incapacidade, sendo depreciada sua diversidade cultural e linguística” (DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 594). Contudo, relacionar-se com outros surdos, sem se distanciar do grupo majoritário, permite que eles se aceitem como pessoas “normais”, com potencialidades e limitações também consideradas habituais no comportamento dos seres humanos.

¹⁴ Implante coclear: “é indicado como uma opção de tratamento para pacientes com deficiência auditiva do tipo sensorio-neural de grau profunda bilateral que obtêm pouco ou nenhum benefício com o aparelho de amplificação sonora individual” (<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/898-sas-raiz/daet-raiz/media-e-alta-complexidade/13-media-e-alta-complexidade/12666-cgmac-teste-botao-5>). Acesso em 23/08/2017).

1.3.1 Contato de línguas

Se hoje o mundo passa pelo processo da globalização, em que o contato de línguas é quase inevitável, o indivíduo surdo, desde o seu nascimento, em qualquer parte do mundo, deve conviver com o contato de línguas – entre a língua de sinais e a língua oral do país correspondente –, tornando-o, obrigatoriamente, bilíngue. Por isso, quando refletimos sobre a comunidade surda brasileira, diversas questões vêm à tona e nos fazem refletir sobre situações sociolinguísticas envolvidas neste contexto. As relações de contato entre os surdos, os não-surdos e os intérpretes, os quais precisam cruzar entre as duas visões de mundo, causam diversas tensões:

Em uma sociedade estruturada por práticas logofonocêntricas¹⁵, não causa estranhamento à maioria a “marginalização” de discursos e reivindicações enunciadas por movimentos surdos e outros movimentos cujas premissas não correspondem à lógica central imperante. Que tipo de escutas, no sentido acima referido, ocorre em relação a comunidades situadas fora da lógica logofonocêntrica? Os intérpretes de Língua de Sinais estão dentro desse contexto de invisibilidade discursiva em nome de um totalitarismo lingüístico e cultural, e justamente por descortinarem pouco a pouco a diferença de universos não logofonocêntricos sofrem tensões especialmente no campo das relações institucionais (MASSUTI e SANTOS, 2008, p. 152).

Dizeu e Caporali (2005, p. 589) afirmam que, sendo os surdos inseridos dentro de uma comunidade ouvinte, “é preciso ter acesso à língua majoritária; esta irá proporcionar experiências, aquisição de conhecimentos e integração com o meio”. Machado e Ratt (2000), por sua vez, em artigo sobre o livro “Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação”, de Mary Louise Pratt (1999), citam que o conceito de zonas de contato é compreendido como uma fronteira cultural.

Na relação entre surdos e ouvintes, não há como negar ou neutralizar a presença destas zonas fronteiriças de contato e linhas de diferença. Muito pelo contrário, é necessário reconhecê-las. “Contato é o principal articulador de sentidos quando se trata de encontros culturais com experiências díspares, e que o choque da diferença não se resolve com olhares marcados por algo já instituído” (MASSUTI e SANTOS, 2008, p. 151).

Strobel (2008) apresenta o termo “povo surdo” para denominar todos os sujeitos surdos, mesmo que não habitem no mesmo local, e constroem sua formação de mundo por meio de artefatos culturais visuais independentemente do seu grau linguístico.

¹⁵ Perspectivas logofonocêntricas são aquelas que partem de uma lógica centrada no som e exigem um processo de revisão de posturas em relação à alteridade (MASSUTI e SANTOS, 2008).

1.3.2 O Surdo e a religião

É natural que diversos grupos religiosos possuam variadas perspectivas sobre a surdez. A respeito disso, Silva e Teixeira (2008, p. 11) apresentam em sua pesquisa etnográfica uma análise comparativa entre as visões de duas igrejas, a Batista e a Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil (IIGD). Nesta última, apesar de ter os cultos interpretados para Libras, “os surdos são estimulados a buscarem a cura biológica da surdez que, segundo o discurso teológico da IIGD, pode ser dada a todos mediante a ação do espírito santo”.

A pesquisa demonstra que a IIGD acredita na surdez como uma doença que ocorreu pela ação direta de um demônio, o qual deve ser exorcizado. Em diversos cultos, há demonstrações de cura feitas pelo missionário responsável pela igreja ou por seus pastores auxiliares. A título de exemplo, existe o registro dentro da pesquisa de que, apesar de outras curas já terem sido alcançadas, como uma gripe, por exemplo, “os pastores recomendam que a verdadeira cura a ser buscada ainda deve ser a cura da surdez, já que esse é o maior mal que os aflige” (SILVA e TEIXEIRA, 2008, p. 12).

Estas experiências certificam que, em algumas igrejas, o surdo pode ser visto como inferior, devido à sua condição biológica. Contudo, na contramão do que foi dito anteriormente, as igrejas Batistas defendem a cultura surda e são pioneiras, junto a outras instituições religiosas, nas atividades missionárias com os surdos. Em síntese, tais instituições consideram os surdos como um povo que precisa ser alcançado:

De modo que, em grande medida, nas práticas batistas se afirma que o surdo não precisa da cura biológica da surdez, mas sim do reconhecimento de sua particularidade lingüística e cultural e da garantia de igualdade lingüística perante aos ouvintes, isto é, o direito à interpretação, à participação (SILVA e TEIXEIRA, 2008, p. 10).

Diante desta visão, as instituições religiosas têm um papel importante no reconhecimento do indivíduo surdo, bem como sua língua e cultura. E, para atingir sua missão, de forma que o surdo compreenda a mensagem cristã, tais instituições foram pioneiras no desenvolvimento de trabalhos como coletas sistemáticas, publicações por meio de livros, dicionários e manuais do que hoje se denomina Libras (SILVA e TEIXEIRA, 2008).

Isto posto, os dados coletados para a presente pesquisa foram embasados nos fatores supracitados, particularmente, dois trabalhos realizados por membros de instituições cristãs Batistas que não buscam a cura biológica da surdez. Elas, no que lhes concerne, oferecerem aos surdos o acesso, em sua língua natural, às informações bíblicas.

1.4 Conclusão

A partir do levantamento destas informações, foi possível traçar uma síntese da história social e linguística do surdo no Brasil. Estes dados podem dar noção ao tradutor de quais estratégias se adequam melhor ao seu público-alvo. Ademais, o fator educacional do surdo, que até pouco tempo passou por um grande abalo metodológico com a falta de acesso ao conhecimento em sua língua natural em todas as esferas educacionais, é algo a ser considerado no processo tradutório.

Se por um lado temos alguns surdos que já desfrutam das vitórias conquistadas com o acesso à educação bilíngue – em cursos de graduação, mestrado e doutorado – e possuem um conhecimento de mundo amplo, por outro ainda existem surdos sem nenhum acesso à educação, tampouco aproximação com a comunidade surda. As atividades missionárias, com o objetivo de apresentar a Bíblia, devem tentar atender a todos os níveis linguísticos e, por isso, um conhecimento do horizonte do surdo é fundamental para que o trabalho de tradução da Bíblia para línguas de sinais seja ideal.

CAPÍTULO 2

2 A LIBRAS E AS TEORIAS DA TRADUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar a compreensão de autores quanto à tipologia aplicada à tradução de/para língua de sinais. Vale ressaltar que ainda não há uma consonância em relação a qual termo deve ser aplicado para conceituar este processo. A insuficiência de conceitos nessa nova área de tradução pode interferir nas produções científicas, reafirmando a necessidade de se propor conceitos em estudos acadêmicos para que pesquisas científicas possam ser aprofundadas com base em teorias já existentes ou, caso necessário, ser criadas teorias que se enquadrem nas traduções para as línguas de sinais.

Além do levantamento desta questão, abordarei como as teorias da tradução podem nortear os estudos da tradução em língua de sinais. Partindo disso, apontarei as produções já realizadas e discutirei sobre as questões nelas envolvidas.

2.1 Libras-LPB: tradução e interpretação

Mesmo que alguns autores, em suas pesquisas, considerem o termo "tradução" de forma mais ampla e "interpretação" como uma das modalidades de tradução, para fins deste trabalho, o termo "tradução" não será abrangente e sim particular. Por isso, é importante especificar a diferenciação entre os termos para que se avance ao embasamento teórico.

Inicialmente, vale ressaltar que ainda são incipientes as pesquisas que analisam a diferença entre tradução e interpretação, assim como aquelas que investigam qual o tipo de tradução pode ser melhor aplicado nos processos que envolvem línguas de sinais. Embora não haja um consenso entre autores, indico nesta sessão conceitos utilizados por alguns estudiosos da área da Libras, bem como outros pontos de vista embasados em pesquisas realizadas nas línguas orais.

Para diferenciar tradução de interpretação, Luciano (2005) aponta o tempo como fator crucial para a realização destas duas modalidades. Enquanto na interpretação a velocidade depende do orador, na tradução a velocidade do produto depende do próprio tradutor.

O tempo escapa ao controle do intérprete uma vez que este recebe o texto de partida na velocidade determinada pelo orador. As condições de trabalho que resultam dessa situação são totalmente diferentes das dos tradutores que podem, por exemplo, fazer um intervalo ou voltar ao texto para tentar entender melhor um dado parágrafo (LUCIANO, 2005, p. 33).

Outros fatores que diferenciam tradução de interpretação são propostos por Pereira (2015), os quais se encontram esquematizados no quadro a seguir:

Quadro 1: A tradução e a interpretação interlíngua quanto à produção, apresentação, registro e armazenamento

Etapas	Tradução escrita	Interpretação Interlíngua
Produção	Escrever à mão, datilografar, digitar.	Falar por meio de vocalização ou por sinalização.
Apresentação	Escrita.	Movimentos corporais.
Registro	Escrita: textos físicos ou eletrônicos.	Nenhum: os movimentos corporais não deixam traços.
Armazenamento	Automático.	Não automático.

Fonte: Pereira (2015, p. 50).

Assim, podemos observar que, com a aceitação linguística das línguas de sinais, o termo "oralidade" foi expandido para incluir as línguas orais-auditivas e as visuais-espaciais, permitindo que os processos que contemplam as línguas de sinais pudessem ser inseridos tanto na área de tradução quanto na de interpretação.

A língua fonte (LF), portanto, é a Língua Portuguesa escrita e a língua alvo (LA), é a Língua Brasileira de Sinais na sua versão – oral. Entende-se – oral em como a língua na sua forma de expressão oral, no caso específico das Línguas de Sinais, expressão em sinais (QUADROS e SOUZA, 2008, p. 174 e 175).

É importante frisar que os registros das línguas de sinais podem ser realizados das seguintes maneiras: por *signwriting*¹⁶ e pela gravação de vídeos, segundo Segala (2010), ou pelos sistemas recomendados pela *Sign Language Linguistics Society*¹⁷ – ELAN¹⁸, *SignStrem*¹⁹, HamNoSyS²⁰, *The Berkeley Transcription System*²¹ e *signwriting*, de acordo com Pereira (2015). Além dessas, a autora lembra que, no Brasil, tenta-se estabelecer sistemas

¹⁶ *Signwriting*: sistema de escrita que utiliza símbolos visuais para representar o formato das mãos, os movimentos e as expressões faciais em língua de sinais. *Signwriting* é um “alfabeto” – uma lista de símbolos usada para escrever qualquer língua de sinais do mundo (<http://www.signwriting.org> – tradução minha).

¹⁷ *Sign Language Linguistics Society*: A Sociedade de Linguística de Língua de Sinais é um grupo que tem como objetivo promover a pesquisa das línguas de sinais com altos padrões científicos e éticos (<http://slls.eu/> – tradução minha).

¹⁸ ELAN: ferramenta profissional desenvolvida para a criação de anotações de grande complexidade em vídeos e áudios (<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> – tradução minha).

¹⁹ *SignStrem*: programa que permite uma descrição detalhada de comportamentos manuais e não manuais em uma linha de tempo (<http://slls.eu/starting-guide/> – tradução minha).

²⁰ HamNoSyS: sistema de transcrição fonética (<http://slls.eu/starting-guide/> – tradução minha).

²¹ *The Berkeley Transcription System*: sistema de transcrição morfológica. “Foi desenvolvido especificamente para encontrar alternativas aos problemas de glossa nas línguas de sinais” (GARCIA E SALLANDRE, 2012 – tradução minha).

de escrita e transcrição de sinais, entretanto, ainda sem consenso na padronização. Os sistemas mais utilizados no Brasil serão descritos mais adiante.

A partir disso, focarei nos estudos das traduções. Se partir de um conceito de tradução bastante aceito, encontrarei em Jakobson (1995) a distinção de três tipos de tradução: tradução intralingual, interlingual e intersemiótica.

- 1) A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 1995, p. 64 e 65).

Ao que parece, estas classificações abrangem as línguas orais ou aquelas com a mesma modalidade oral-auditiva, o que mostra não ser suficiente para englobar as necessidades das traduções para a língua de sinais. Não é apenas por conta disso que os desafios conceituais crescem, como explica Pereira (2015, p. 47 - 48): “Com a evolução dos meios de comunicação, as modalidades híbridas entre traduções escritas e interpretações faladas compõem um desafio terminológico e conceitual”.

Para conceituar melhor o processo tradutório que envolve uma língua oral e outra de sinais, Segala (2010) escolhe o termo tradução intermodal, apesar de admitir que este ainda não era reconhecido, à época, na pesquisa da comunidade surda.

Na tradução de Língua Portuguesa para Libras, a tradução interlingual não traduz a especificidade envolvida, pois estamos diante de línguas em diferentes modalidades, portanto, Intermodal (SEGALA, 2010, p. 28).

E mais, devido a outras especificidades, além do autor considerá-la intermodal, soma-se, também, a tradução intersemiótica:

A tradução de Língua Portuguesa escrita, como língua-fonte, para a Língua Brasileira de Sinais, como língua-alvo, não pode considerar apenas a tradução intermodal, devido ao fato de que, para essa tradução, há a necessidade da imagem, que pode ser feita por meio de filmagem [...], através da tradução intersemiótica (SEGALA, 2010, p. 28).

Nesse aspecto, seguirei as considerações feitas por Segala (2010). Uma vez que, através dos dados apresentados em capítulo anterior, Libras e LPB possuem a condição de língua, porém com modalidades distintas, portanto, denominando o processo de tradução como

intermodal. Além disso, por sua especificidade, Libras requer outros elementos como a atuação do tradutor e o registro por meio de filmagem, agregando ao seu adicionando ao seu processo a tradução intersemiótica.


2.2 Critérios para a tradução para a Libras

O registro tradutório para a língua de sinais exige algumas especificidades que podem e devem ser obedecidas em uma produção videográfica. Estas regras ainda não estão totalmente esgotadas em suas discussões, contudo, já se encontram materiais que podem ser utilizados como padrões formais para publicações em língua de sinais. O modelo que será descrito a seguir está presente na Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras. Na determinação das normas de publicação, esse modelo propõe-se a favorecer o registro padronizado e formal das produções em Libras. Com isso, visa a contribuir para o desenvolvimento científico e acadêmico dos usuários de Libras²².

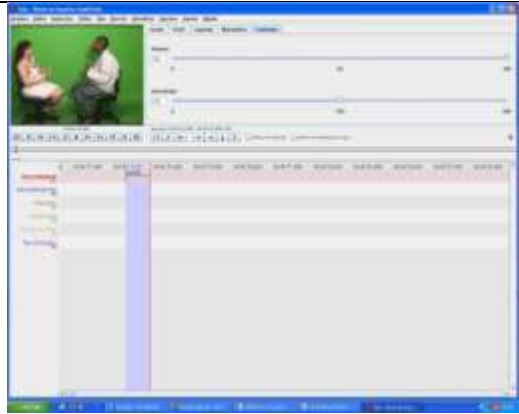
2.2.1 Registros e análises

Como mencionado anteriormente, a língua de sinais pode ser registrada e analisada de várias formas: há desde a transcrição da língua, passando pela escrita de sinais, até programas de alta tecnologia que permitem fazer descrições de vídeos em sua linha de tempo. Vejamos alguns exemplos dos modelos já apresentados no quadro subsequente.

Quadro 2: Formas de registro das línguas de sinais

Modo de registro e análise	Exemplos
Transcrição	1sDAR2s "eu dou para você", 2sPERGUNTAR3p "você pergunta para eles/elas", kdANDARK'e "andar da direita (d) para à esquerda (e)".
<i>Signwriting</i> (Sistema de escrita de sinais)	 UNIVERSIDADE CARRO [MUITO-CARRO-ESTACIONADO]cl <i>Na universidade, há muitos carros estacionados</i>

²² Fonte: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>, acessado em 19/09/2017.

ELAN (programa de descrição)	
------------------------------	--

Fonte: Araújo (2018).

Para este trabalho científico, aprofundarei a pesquisa na área da transcrição, uma vez que foi o método utilizado para registro dos vídeos selecionados. As convenções para a transcrição de Libras foram retiradas do livro “Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor”, de Felipe e Monteiro (2007, p. 25-27).

Quadro 3: Transcrição de Libras

Convenção	Exemplo
Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.	CASA ESTUDAR CRIANÇA
Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.	QUERER-NÃO AINDA-NÃO
Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^.	CAVALO^LISTRA (zebra) LEÃO^BOLINHA-PELO-CORPO (onça)
A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada letra por letra por hífen.	J-O-S-É M-A-R-Y

O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à Libras por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está representado pela soletração ou parte da soletração do sinal em itálico.	N-U-N-C-A (nunca) M-Ç-O (março)
Na Libras, não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural). O sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão.	AMIG@ (amiga(s) ou amigo(s)) FRI@ (fria(s) ou frio(s)) MUIT@ (muita(s) ou muito(s)) TOD@ (toda(s) ou todo(s)) EL@ (ela(s), ele(s))
Os traços não-manuais (as expressões facial e corporal, que são feitas simultaneamente com um sinal) estão representadas acima do sinal ao qual está acrescentando alguma ideia, que pode ser em relação ao tipo de frase, advérbio de modo ou um intensificador.	NOME ^{interrogativa} NOME ^{...i...} ADMIRAR ^{exclamativo} LONGE ^{muito} ANDAR ^{rapidamente}
Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal, veículo), através de classificadores, estão representados com o tipo de classificador em subscrito.	pessoa ¹ MOVER veículo ¹ MOVER
Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará: <ul style="list-style-type: none"> a variável para o lugar: <ul style="list-style-type: none"> i = ponto próximo à 1ª pessoa; j = ponto próximo à 2ª pessoa; K e k' = pontos próximos à 3ª pessoa; e = esquerda; d = direita. 	_{1s} DAR _{2s} (eu dou para você) _{2s} PERGUNTAR _{3p} (você pergunta para eles/elas) _{kd} ANDAR _{k'e} (andar da direita (d) para à esquerda (e))

<ul style="list-style-type: none"> • as pessoas gramaticais: 1s, 2s, 3s = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular; 1d, 2d, 3d = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do dual; 1p, 2p, 3p = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural. 	
--	--

Fonte: Felipe e Monteiro (2007, p. 25-27).

2.2.2 Questões técnicas

Para o desenvolvimento das questões técnicas, serão utilizadas as normas propostas pelo Grupo de Pesquisa Vídeo-Registro em Libras para a uniformização das produções acadêmicas para as pessoas surdas (MARQUES e OLIVEIRA, 2012).

Assim como a LPB descreve minuciosamente suas normas para a produção escrita científica, a Libras deve procurar uma forma de padronização. Para Marques e Oliveira (2012), as produções em vídeo são a forma escrita da Libras e, por isso, o conceito de escrita deveria ser ampliado:

A evidência primeira das produções de vídeos em Língua de Sinais são constatações de uma modalidade de escrita disponível às pessoas surdas. Para isso propõe-se que, a partir das inovações tecnológicas, o conceito de escrita seja ampliado, considerando principalmente a diferença de modalidade da língua de sinais e o acesso ao conhecimento às pessoas surdas, de modo que os estudantes surdos possam produzir os textos acadêmicos que fazem parte de sua formação em Libras (MARQUES e OLIVEIRA, 2012, p. 2).

Dessa forma, o Grupo de Pesquisa Vídeo-Registro em Libras, após analisar diversos vídeos e observar fatores que contribuíssem para a qualidade da mensagem, desenvolveu uma proposta de padronização disponibilizada na Revista Brasileira Vídeo Registros de Libras, no endereço: <http://revistabrasileiravrLibras.paginas.ufsc.br/normas-de-publicacao/>.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, serão descritas apenas quatro normas, as quais serão utilizadas de forma integral ou adaptadas para o tipo textual nas avaliações e produções dos textos escolhidos, a partir dos apontamentos indicados por Marques e Oliveira (2012):

- Fundo e Iluminação:** o fundo para as filmagens deve ser branco e liso, sem desenhos, objetos ou qualquer outro item que chame a atenção. A iluminação deve ser cuidadosa, sem excesso ou carência de brilho; sombras precisam ser evitadas.
- Vestuário:** para a sinalização, devem-se usar camisetas tipo básica (*T-Shirt*), com mangas curtas ou longas; o decote não deve ser aberto, não deve ter estampas, formas,

- listras, botões ou bolsos. Para a execução do artigo fica a seguinte orientação: a) pessoas de pele clara devem utilizar camisas com cor azul marinho para os títulos, preta para os textos e vermelha para as citações; b) pessoas morenas ou negras devem utilizar camisas com cor bege para os títulos, cinza para os textos e vermelha para as citações.
- c. Posição de Filmagem: a posição da câmera deve ter a seguinte configuração: a) parte superior – o quadro superior da câmera deve ficar entre 6 e 8 centímetros acima da cabeça; b) laterais esquerda e direita – o quadro dos lados deve seguir a máxima posição dos cotovelos com os dedos médios se tocando à altura do peito; c) parte inferior – o quadro inferior deve ficar entre 6 e 8 centímetros abaixo da posição das mãos do sinalizante. A sinalização não pode sair do quadro de filmagem.
- d. Título, Autor/Tradutor: para o título, deve ser feito o sinal de “título” e usar a camisa de cor azul ou bege (de acordo com o tom de pele), bem como o subtítulo (fazer uma pausa rápida entre o título e o subtítulo, indicando os dois pontos “:”), se houver este elemento no texto original. Deve-se fazer o movimento de pausa, colocando as mãos em posição de “pausa” (mãos juntas à altura do umbigo), esperando 2 ou 3 segundos e iniciar apresentando o autor (no caso, o original) ou o tradutor (em caso de tradução). Soletrar o nome do autor (ou tradutor) e o contato (e-mail). Após apresentar o autor (ou tradutor), deve-se fazer referência ao item de rodapé, bem como o respectivo número (normalmente o número 1). Para as traduções mediante autorização, o tradutor se apresenta primeiro (nome, sinal, e-mail e nota de rodapé), depois anuncia que está realizando a tradução e apresenta o autor. Entre o autor e o resumo, deve haver um escurecimento e clareamento (2 a 3 segundos) da imagem, indicando o início de outro tópico.

2.2.3 Questões linguísticas

Como já apresentado no capítulo 1, assim como em qualquer língua, a Libras possui sua própria estrutura gramatical, sintática, morfológica e fonética. E dentro destas questões linguísticas, foram selecionadas algumas que serão úteis no decorrer da presente pesquisa: a terminologia, a datilologia e as descrições imagéticas (classificadores). Ei-los, detalhadamente, a seguir.

a. Terminologia

Lurquin (1979, apud Faulstich 2001, p. 13) retoma os três significados da terminologia segundo Eugen Wüster (1931): “sistema de conceitos próprios a um domínio especializado e suas denominações; [...] lexicologia especializada desse domínio; [...] princípios comuns que são gerais a domínios variados em diversas línguas”.

Conforme Tuxi (2017), existe a ampliação deste termo com o desenvolvimento científico, passando, assim, a ser considerada uma disciplina de descrição e análise:

A partir do desenvolvimento das pesquisas científicas, o campo de atuação desse conhecimento se amplia a tal ponto que o objeto do estudo em questão deixa de ser uma simples nomeação de um léxico especializado e passa a ser uma disciplina de descrição e análise de termos em contextos sociais de diversas línguas (TUXI, 2017, p. 25).

A terminologia na Libras se torna imprescindível quando se observa a apropriação dos surdos nas diversas áreas do conhecimento, como observado por Nascimento (2006).

As terminologias das mais diversas áreas técnicas e científicas têm sido organizadas em léxicos, dicionários, glossários nas Línguas de Sinais. Isto se deve às conquistas de inclusão social dos surdos, que têm ocupado ambientes em que o vocabulário de LS precisa ser ampliado para a plena participação dos surdos, principalmente, nos espaços acadêmicos e técnicos (NASCIMENTO, 2006, p. 53).

Em Libras, foi criada a expressão “sinal-termo”, por Faulstich (2012) apud Castro Júnior (2014), com o seguinte conceito:

1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo adaptado do português para a Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos que denotem palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas específicas do conhecimento. 3. Nota: A expressão sinal-termo foi criada por Faulstich (2012) e aparece pela primeira vez na dissertação de mestrado de Messias Ramos Costa, denominada Proposta de modelo de enciclopédia bilíngue juvenil: Enciclolibras (FAULSTICH, 2012, apud CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 28).

Em sentido oposto ao processo de desenvolvimento de um termo, apesar do extenso período de relação com os surdos no âmbito religioso, poucos sinais-termo foram desenvolvidos e publicados. Ao que se tem registro, o primeiro material publicado neste

contexto ocorreu somente em 1991, pela Junta de Missões Nacionais (JMN), cujo título é “O Clamor do Silêncio – Manual de Sinais Bíblicos”. “Essa obra traz o primeiro registro de sinais-terms bíblicos para todos os ministérios de surdos das igrejas evangélicas, facilitando a comunicação no contexto histórico da Bíblia” (DOUETTES, 2015, p. 91).

Como o próprio Manual é apresentado, os sinais-termo surgem e resultam de pesquisas sobre os significados bíblicos ou, ainda, de sinais-termo convencionados pela comunidade surda:

Os sinais foram escolhidos, partindo-se de uma pesquisa sobre o seu significado bíblico e uso em igrejas batistas que já possuem o ministério com surdos. Os que não apresentam significados são os sinais convencionados pela comunidade de surdos, cujo significado é desconhecido. [...] Não se esgotam neste exemplar todos os sinais necessários (JMN, 1991, p. 4).

Outras frentes religiosas também desenvolveram materiais para atender à necessidade de seu grupo religioso, bem como produções acadêmicas recentes como a de Douettes (2015), nomeado “Glossário Semibilíngue de Termos Bíblicos”, como parte integrante da sua dissertação de mestrado. Mas, apesar de todo o trabalho já realizado na prática tradutória, sentimos a existência de lacunas ainda não preenchidas.

b. Datilologia

Segundo Castro Júnior (2011, p. 22), a datilologia “é o alfabeto manual usado para expressar nomes de pessoas, localidades e outras palavras que não apresentam sinais em LSB”. Dessa forma, a datilologia é um elemento presente na Libras.

Em vista disso, o mesmo autor (2009 apud Castro Junior, 2011) analisou seu uso e fez uma proposta da gramática da datilologia, fazendo o levantamento de diversos aspectos, dentre eles, postura e situação de uso, apontando qual o campo visual, além de roupa e outros cuidados que deveriam ser tomados durante a execução da datilologia. E este será o padrão considerado para as análises a seguir:

[...] através da organização das regras datilológicas, o uso do espaço é muito importante, pois a datilologia acontece de dentro para fora e nunca de fora para dentro; o espaço adequado para a datilologia depende do meio em que o falante da língua for sinalizar, por exemplo, se estiver em um ambiente de filmagem, o ideal é que a datilologia prossiga na frente do peito e não na frente do rosto, pois o contato visual e as expressões faciais são princípios inerentes das línguas de sinais. É desejável que, ao realizar a datilologia, haja uma sequencialidade, bem como uma movimentação. Este movimento foi

denominado por “movimento datilológico”, o qual possibilita perceber a palavra na datilologia (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 27).

O mesmo autor (2014), é importante resaltar a diferença entre os conceitos de datilologia e processo datilológico, que, frequentemente, podem ser confundidos. “Exemplos de processo datilológicos são os números, as siglas e outros elementos reduzidos que fazem uso da datilologia” (p.42).

c. Descrição imagética

Para o presente trabalho, será acolhida a proposta feita por Campello (2008) que, em sua tese de doutorado, apresenta um novo conceito ao termo classificador intitulado descrição imagética.

Partimos do pressuposto que o uso da denominação classificador ou classificadores ou classificação manual (como um dos recursos gramaticais) poderá provocar o desaparecimento da visualidade e da imagem da Língua de Sinais, tornando a imagem em um “texto fixo”. Essa denominação estanque parece não dar conta de todos os recursos visuais da Língua de Sinais, pois parece estar atrelada a um estruturalismo restritivo e que coloca a iconicidade, a complexidade do signo imagético tudo dentro da estrutura lingüística quando deveria considerar o seu uso, seu contexto de uso, e a possibilidade de representar um conhecimento de mundo Surdo visual e parcialmente próximo aos referentes que descrevem (CAMPELLO, 2008, p. 156).

Para Pimenta (2012, p. 92), a escolha dos descritores imagéticos (ou classificadores, como usa o autor) cria “produções menos lexicais e mais visuais, contribuindo para um entendimento melhor da narrativa”.

Em consonância com Cuxac (1985) apud Campello (2008), cinco formas de transferências²³ são possíveis: Transferência de Tamanho e de Forma (TTF); Transferência Espacial (TE); Transferência de Localização (TL); Transferência de Movimento (TM) e Transferência de Incorporação (TI). A seguir, será especificada, brevemente, cada transferência, de acordo com Campello (2008).

- Transferência de Tamanho e de Forma: representa o tamanho visual do signo, que pode ser grande, pequeno, comprido, forte, intenso etc. Já a forma concerne às características físicas dos seres e das coisas.

²³ Transferências são “operações cognitivas que permitem transferir, anamorfando-as ligeiramente, experiências reais ou imaginárias no universo discursivo tridimensional chamado espaço de sinalização (o espaço de realização das mensagens)” (CUXAC, 1985, apud CAMPELLO, 2008, p. 164).

- Transferência Espacial: é a localização referente à profundidade espacial (tanto para baixo quanto para cima, signo dimensional, bidimensional e tridimensional), ao tamanho (no sentido da intensidade), ao isolamento, aos diferentes ângulos e aos movimentos.
- Transferência de Localização: “relaciona-se com a direção que vai para frente, para atrás, do lado direito, do lado esquerdo, da alternância, de puxar, de soltar” (p. 214).
- Transferência de movimento: serve para conseguir o equilíbrio visual. “As características de Alto e Baixo mostram as desigualdades de signos e sempre mostram a dualidade ou diferença ou oposto” (p. 215).
- Transferência de incorporação:

O narrador passa a mostrar as ações efetuadas ou sofridas no processo do enunciado humano, animal ou de objeto, e mais freqüentemente, pode ser um não-animado. O narrador passa a ser transformado em um objeto para caracterizar aquilo que sente ou mostra fisicamente (CAMPELLO, 2008, p. 215).

2.2.4 Questões tradutórias

As questões tradutórias abordadas a seguir incluem: a formação do tradutor, os procedimentos tradutórios e as expressões metafóricas.

a. Quanto à formação do tradutor

A formação do tradutor passa pela importância de se esclarecer o real papel deste dentro da realidade social dos surdos, bem como pela necessidade de se preocupar com o processo de desenvolvimento profissional deste especialista.

É necessário explicar que uma tradução, muito além de tratar da transferência de códigos de uma língua X para uma língua Y, é a colocação, na língua Y, de idéias e pensamentos expressos na língua X numa determinada situação e de uma forma peculiar àquela cultura, muitas vezes tendo de recuperar a situação e as nuances culturais (PASCHOAL, 2007, p. 217).

Para isso, Paschoal (2007) elenca uma série de pressupostos os quais considera importantes para a formação de um tradutor: o conhecimento da língua materna e da língua

estrangeira, a relação entre as teorias linguísticas e a tradução, a cultura estrangeira e os textos técnicos.

A presente pesquisa trata de um texto sensível e de uma área específica, a religiosa, o que exigirá do tradutor um conhecimento particular. Em vista disso, pergunto: é possível conseguir oferecer uma capacitação adequada e suficientemente abrangente a este profissional apenas no período de formação do tradutor? Paschoal (2007) responde a esta questão afirmando a impossibilidade de se trabalhar todas as áreas técnicas durante a formação, mas reforça a necessidade do estímulo à pesquisa para que o processo tradutório seja satisfatório.

Não seria possível, por extensa que fosse a carga horária de um curso de formação de tradutores, torná-los aptos ao trabalho em toda e qualquer área técnica. Nem mesmo os professores de Tradução teriam condições para preparar um material que abrangesse todo o vocabulário técnico de uma língua.

O que se sugere é que, na formação dos tradutores, seja fornecido a eles o maior número possível de obras de referência, dentre elas dicionários bilíngües, monolíngües e multilíngües, conforme o caso, e que se trabalhem textos técnicos de áreas as mais distintas.

O responsável pela formação deverá ainda incentivar os estudantes à pesquisa do tema, à busca de material daquela área produzido em língua portuguesa etc. Através da pesquisa e do contato com textos da mesma área – produzidos em português ou traduzidos para o português – o estudante terá condições de traduzir com mais segurança. É imprescindível que o tradutor estude aquilo que está traduzindo, que busque informações com pessoas da área, que procure em bibliotecas, em sites específicos etc. Este hábito de estudo e de pesquisa deve ser desenvolvido durante a formação do tradutor, pois se ele não o fizer posteriormente, no mercado de trabalho, suas traduções estarão fadadas ao erro (e conseqüentemente, ao fracasso), e ele perderá, assim, a chance de sobreviver de seu trabalho (PASCHOAL, 2007, p. 224 - 225).

Naves et al (2016) enfatizam a necessidade de que os TILS sejam certificados pelo Prolibras para certificar a fluência das línguas envolvidas. Este exame veio como uma solução provisória para o impasse da falta de titulação destes profissionais e inexistência de documento comprobatório do conhecimento da Libras e da prática do processo tradutório.

A formação recente do curso de bacharelado Letras-Libras (2008), bem como a regulamentação da profissão de intérprete de Libras, com a exigência mínima de nível médio (2010), e agora com o projeto de lei em tramitação na Câmara dos Deputados, com sugestões de obrigatoriedade de curso superior na área, carga horária e revezamento entre os profissionais no momento da atuação, são marcos importantes a serem considerados quando a atenção está voltada para a formação deste par linguístico e para o fortalecimento da profissão e da garantia de acessibilidade.

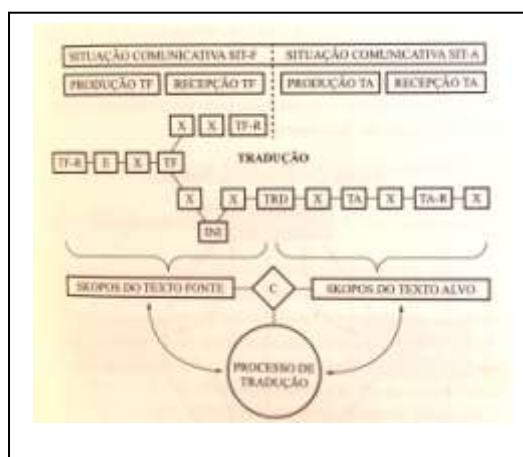
b. Quanto aos procedimentos tradutórios

Para iniciar a reflexão sobre os procedimentos tradutórios, é primordial discorrer sobre a abordagem escolhida, no caso, a abordagem funcional, defendida por Nord (2016). Esta autora apresenta um modelo de análise de texto orientado para a tradução²⁴, que pode ser usado tanto por alunos e professores quanto por tradutores profissionais.

É útil para tradutores em formação, uma vez que lhes permite justificar suas decisões, sistematizar problemas de tradução e entender as convenções e comportamento de tradução mais claramente (NORD, 2016, p. 17).

A ação tradutória é esquematizada da seguinte forma:

Figura 1: Ação tradutória



Fonte: Nord (2016, p. 71).

Segundo Nord (2016), o iniciador (INI), isto é, o indivíduo que necessita de um instrumento de comunicação específico (o texto-alvo), é o fator que começa o processo de ação tradutória e determina seu curso. É o iniciador que irá solicitar a tradução de acordo com um determinado propósito. Portanto, é fundamental que o tradutor busque a maior quantidade possível de informações sobre os fatores situacionais de recepção previstos do texto-alvo – situação esta que é denominada como *skopos* do texto-alvo –, ou seja, qual a função pretendida. É isso que irá determinar o processo de tradução.

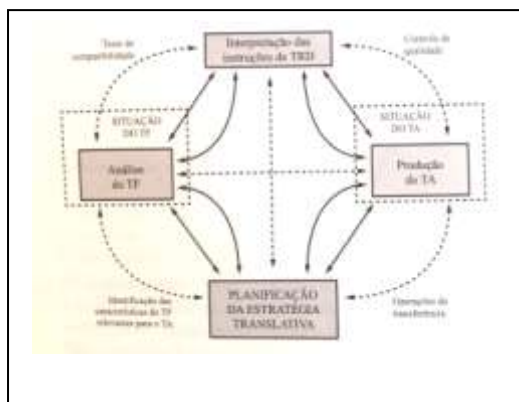
²⁴ O termo “tradução” contempla aqui a tradução oral, a interpretação, bem como a tradução escrita (NORD, 2016, p. 21).

Apesar de o iniciador ser a pessoa responsável por determinar o *skopos*, o tradutor (TRD) é o especialista em tradução e, por isso, este deverá buscar, por meio destas informações, a definição dos procedimentos e técnicas mais adequados a serem aplicados.

Já o processo de tradução de Nord (2016) é baseado em um modelo circular, o qual transcorre pelos seguintes passos:

- análise e/ou interpretação do *skopos* do texto-fonte (TF): “fatores relevantes para a realização de certo propósito pelo texto alvo (TA) em uma dada situação (SIT_A)” (p. 69);
- análise do TF: visão geral do texto e análise detalhada das categorias do texto, tendo uma atenção redobrada aos elementos que, segundo o *skopos* do TA, são importantes para a reprodução do TA;
- escolhas tradutórias: identificação dos elementos ou características que deverão ser adequados para a função no TA;
- estruturação do TA.

Figura 2: Processo de tradução



Fonte: Nord (2016, p. 72).

Este modelo apresentado na figura 2 permite ao tradutor estar sempre envolvido processo de análise, estratégias e compreensão, sendo possível, assim, confirmar ou corrigir as escolhas realizadas.

Para a análise do TF, deve-se levar em consideração os fatores extratextuais e intratextuais. Dentre os aspectos do primeiro grupo, encontram-se: o emissor, sua intenção, o público-alvo, o meio de comunicação, o lugar, o tempo da produção e da recepção e o motivo da comunicação. Os aspectos intratextuais, por sua vez, são as informações sobre o tema e o conteúdo do texto, as pressuposições feitas pelo autor, a estruturação do texto, os elementos

não verbais utilizados, as características lexicais, as estruturas sintáticas, a entonação e a prosódia.

Na visão de Nord (2016), o texto completa sua função com a recepção, “o que depende das expectativas do receptor, que é determinada pela situação em que eles (os receptores) recebem o texto, pelo seu entorno social, seu conhecimento de mundo e/ou suas necessidades comunicativas” (p. 41).

Dessa forma, apesar de o receptor normalmente ser passivo ao processo tradutório, ele é de extrema importância nas escolhas realizadas, uma vez que o emissor pretende ser compreendido e a tradução permite que a comunicação aconteça entre culturas e línguas diferentes.

Tradução é a produção de um texto alvo funcional, mantendo-se em relação com um determinado texto fonte que é especificada de acordo com a função pretendida ou exigida do texto alvo (*skopos*). A tradução permite que um ato comunicativo aconteça, o que de outra forma não seria possível devido as barreiras linguísticas e culturais (NORD, 2016, p. 61).

Nord (2016), dentre outros estudiosos, considera a funcionalidade um critério primordial para haver uma relação entre o TF e TA. Mas, qual será esta relação? Qual a profundidade? Isso será especificado pelo *skopos*, que determinará quais elementos devem ser preservados e quais devem ser adaptados para a situação-alvo.

Ainda sobre esta relação TF/TA, a autora apresenta a lealdade como a responsabilidade do tradutor com a situação do texto-fonte e a situação do texto-alvo, e aproveita para evidenciar a diferença entre a lealdade e a fidelidade.

Lealdade é um princípio ético indispensável nas relações entre os seres humanos, que são parceiros de cooperação de um processo de comunicação. A “fidelidade”, por outro lado, é considerada uma relação mais ou menos técnica de semelhança entre dois textos (NORD, 2016, p. 62 - 63).

c. Quanto às expressões metafóricas

Assim como em qualquer tradução, as expressões metafóricas são foco de grandes discussões e com diversas possibilidades de tradução, seja pela aproximação da cultura do emissor ou pela proximidade da cultura do receptor. Além disso, os textos bíblicos são ricos nesse tipo de expressões e, por essas razões, este assunto será tratado com destaque.

A partir deste momento, os dados mostrados nesta sessão abarcam parte de exemplos advindos de uma pesquisa²⁵ realizada por Leitão, Araújo, Pereira, Tuxi e Soares (2016), como requisito para a disciplina Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília (UNB), ministrada pelo Professor Dr. Enrique Huelva Unternbäumen. Uma publicação parcial da pesquisa foi emitida em 2017, cujo título é “A construção metafórica e metonímica do signo em língua de sinais brasileira: uma análise cognitivo-cultural”.

A partir dos estudos iniciados por George Lakoff e Mark Johnson (1980 apud Unternbäumen et al, 2017), a metáfora passa a ser vista como um mecanismo da cognição humana que constrói o mundo, tendo como ponto de partida as experiências cotidianas. Surge, dessa forma, a relação entre domínios conceituais, definidos por Kövecses (2010 apud Unternbäumen et al, 2017), como qualquer organização coerente da experiência. Para conceituar o que é a vida, por exemplo, tem-se o conhecimento organizado sobre o que é jornada/caminhada/viagem.

Os linguistas Lakoff e Johnson (1980) explicam que a metáfora não acontece primeiramente na linguagem, uma vez que ela está no pensamento. Assim, a origem da metáfora ocorre na mente e não na língua, já que ela é formada a partir de experiências sensoriais. Para chegar às metáforas conceituais, é importante reconhecer as palavras ou expressões linguísticas metafóricas que advêm da terminologia do domínio mais concreto.

Na visão da linguística cognitiva, a metáfora conceitual é definida como a compreensão de um domínio conceitual em termos de outro domínio conceitual, na seguinte relação: Metáfora Conceitual: Domínio Conceitual A = Domínio Conceitual B.

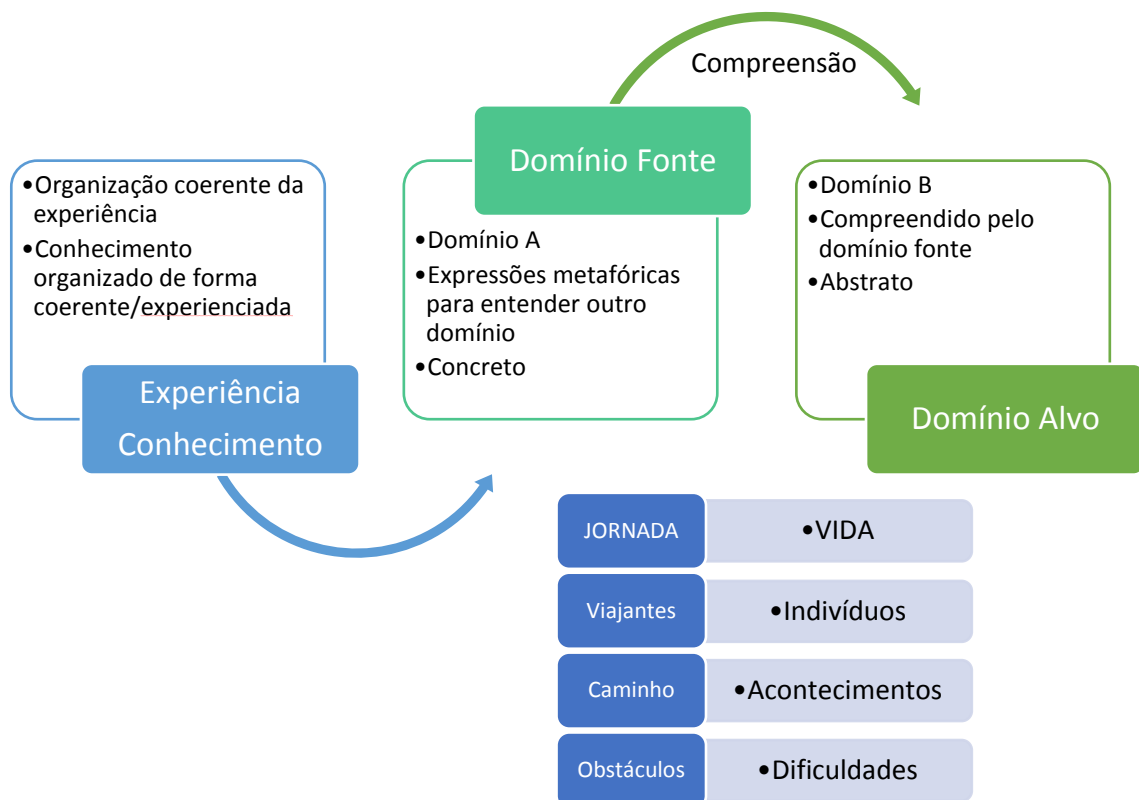
Por exemplo, na frase “Ele está *sem direção na vida*”, os termos lexicais *sem*, *direção* e *na* carregam uma organização experiencial: *sem* indica o desprovimento de algo, *direção* mostra o deslocamento de um ponto a outro e *na* revela a relação de se estar dentro de algo. A manifestação destas expressões linguísticas metafóricas experienciadas é o que conceitua o domínio A (vida): VIDA É JORNADA/VIAGEM.

Portanto, as expressões linguísticas metafóricas revelam a existência das metáforas conceituais. Elas normalmente empregam um conceito mais abstrato como domínio-alvo e um mais concreto ou físico, como domínio-fonte. Assim, as experiências com o mundo físico servem como uma fundamentação lógica para a compreensão de domínios mais abstratos. De

²⁵ Parte desta pesquisa ainda não foi publicada, mas será utilizada para fins desse trabalho como exposição das questões metafóricas em Libras.

forma esquemática, considera-se esta metáfora do seguinte modo, segundo a pesquisa realizada por Leitão, Araújo, Pereira, Tuxi e Soares (2016):

Figura 3: Metáforas



Fonte: Leitão, Araújo, Pereira, Tuxi e Soares (2016).

Kövecses (2005 apud **Unternbäumen** et al, 2017) explica que, aparentemente, muitas metáforas conceituais podem ser encontradas em diversas línguas. Este entendimento parte do princípio de que, como elas têm sua base em uma experiência corporal que é universal, acredita-se que as metáforas conceituais provavelmente ocorram em muitas línguas e culturas do mundo. Este é o caso das emoções que, por mais que as experiências de sentir a afetividade sejam diversas entre as culturas, há uma convergência para a universalidade.

Em sua pesquisa, Costa (2015) apresenta uma leitura de Taub (2001, p. 100), representada a seguir, a respeito de como a característica icônica do conceito de “penetrar”

adentra a constituição do conceito na elaboração do sinal em Língua Americana de Sinais (ASL).

Figura 4: Mapeamento em língua de sinais americana, sinal THINK-PENETRATE



Figura 10. Sinal PENSAMENTO PENETRANTE (THINK-PENETRATE) em ASL.
Fonte: Taub (2001, p. 100)

Mapeamento Icônico		Mapeamento metafórico
ARTICULADORES	FONTE	ALVO
Testa	Um objeto Crânio/cabeça	Uma ideia Mente; local do pensamento
Toque na testa;	Objeto localizado na cabeça	Ideia entendida pelo sinalizador
Movimento do sinal em direção ao destinatário;	Enviando um objeto para alguém	Comunicando a ideia para alguém
Configuração da mão não	Barreira para o objeto	Dificuldade da comunicação
Inserido entre os dedos de B	Penetração da barreira	Sucesso na comunicação apesar da dificuldade
Local do sinalizador	Sinalizador	Autor da ideia
Local do destinatário	Destinatário	Destinatário que receberá a ideia

Quadro 3. Duplo mapeamento para PENSAMENTO PENETRANTE. Adaptado de Taub (2001, p. 103)

Fonte: Costa (2015, p. 58).

Em estudos realizados por Faria (2003), a expressão metafórica em Libras parte de uma fonte física para um alvo abstrato.

Figura 5: Mapeamento em Libras, sinal ABRIR A CABEÇA



Figura 11. Metáfora *abrir a cabeça* em Libras.
Fonte: Faria (2003, p. 126).

Mapeamento Icônico		Mapeamento metafórico
ARTICULADORES	FONTE (física)	ALVO (abstrato)
Ponto de articulação: testa	Objeto (cabeça)	Mente, pensamento.
Configuração de mão: utilização das duas mãos formando configuração de mão em B	Instrumento ou objeto (cabeça) que precisa ser aberto.	Abertura da mente, pensamento.
Movimento: sinal “abrir” (também utilizado nos classificadores de abrir porta)	Representação da abertura do “objeto” cabeça.	Ampliação do conhecimento sobre as situações no mundo.

Quadro 4. Duplo mapeamento para ABRIR CABEÇA.

Fonte: Costa (2015, p. 59- 60).

Esta iconicidade demonstra uma representação do surdo na construção e visão do social que, por sua vez, se reflete na codificação da língua. O uso da imagem como fonte da elaboração do sinal demonstra que a Libras, uma língua de modalidade visuoespacial, constitui metonímias significativas que são a base da elaboração da metáfora. A iconicidade faz referência pontual, seletiva e concreta na porta de entrada da metonímia, o que permite a compreensão conceitual do sinal por meio de uma metáfora complexa.

Depois da identificação de como acontecem as expressões metafóricas em Libras, vale a pena refletir sobre as possibilidades de tradução. É possível pensar em dois extremos: deixar a metáfora mais literal ou aproximá-la à cultura de chegada. Porém, qualquer que seja a decisão tradutória, é necessário ter um embasamento teórico que justifique tal escolha.

A tradução das metáforas é uma antiga discussão realizada por diversos autores, desde Eugene Nida²⁶ em 1969, com seu foco em traduções bíblicas e seu conceito sobre

²⁶ Eugene Nida (1914 – 2011): nome de grande destaque na tradução da Bíblia, possibilitando que milhares de pessoas em diversas línguas tivessem acesso à leitura da Bíblia, e autor de diversos livros, tais como: *Toward a Science of Translating* (1964), *The Theory and Practice of Translation* (1969), *Customs and Cultures* (1954) e

equivalência formal e dinâmica²⁷, até Berman (2013), com críticas a uma tradução mais próxima da cultura-fonte por tornar o texto etnocêntrico²⁸.

Para o processo de tradução, usarei Nord (2016) como base teórica para o desenvolvimento do presente trabalho. Isso por que existe nesta autora uma preocupação maior no receptor do texto, em outras palavras, a função do texto só se completa caso haja satisfatória compreensão por parte do destinatário. Ademais, os tópicos abordados por Nord (2016) são fundamentais para o processo de tradução e formação do *skopos* desta pesquisa, isto é, os fatores extratextuais e intratextuais – que serão debatidos mais aprofundadamente no capítulo que se segue, intitulado “Tradução Bíblica”.

Contudo, no caso das metáforas, diversas são as possibilidades de tradução. Para tratar de algumas das estratégias possíveis, Barbosa (2004) indica alguns caminhos, tais como a tradução literal, modulação, equivalência, omissão e explicitação, transferência, explicação e adaptação.

A tradução literal refere-se à ideia difundida a respeito da tradição, na qual é mantida uma fidelidade semântica, porém, fazendo as adequações morfossintáticas necessárias na língua de chegada. Apesar de ser criticada e acusada por causar erros de tradução, ela pode ser essencial, dependendo do objetivo da tradução, como por exemplo, a comparação entre textos (BARBOSA, 2004).

A modulação, por sua vez, “reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real” (BARBOSA, 2004, p. 67). Em alguns momentos da tradução, ela pode ser obrigatória, como no caso citado pela autora entre o inglês e o português: *keyhole* traduzido por buraco da fechadura.

No caso da equivalência, Barbosa (2004, p. 67) traz um processo mais generalista da equivalência que consiste em “substituir um segmento do texto da LO²⁹ por um outro seguimento da LT³⁰, que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente”. Esta é uma estratégia comumente utilizada em expressões idiomáticas,

Stine, (2012) – “Em direção a uma ciência de tradução” (1964), “A teoria e a prática da tradução” (1969), “Costumes e culturas” (1954) tradução minha.

²⁷ Equivalência formal e dinâmica: “a correspondência formal e a equivalência dinâmica. A primeira enfatiza a mensagem em si, em força e conteúdo. A segunda tem como preocupação resgatar o efeito pretendido pelo texto original” (OLIVEIRA, 2007, p. 100).

²⁸ Etnocêntrico: que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura (BERMAN, 2013, p. 39).

²⁹ LO: língua original.

³⁰ LT: língua da tradução.

provérbios e ditos populares. Segundo a autora, a omissão e a explicitação são opções quando existem elementos desnecessários ou repetidos sob o ponto de vista da LT.

Barbosa (2004, p. 71) aponta a transferência como um dos processos possíveis, que consiste em inserir material da língua de origem no texto traduzido. A transferência pode assumir as seguintes formas: estrangeirismo, estrangeirismo transliterado (transliteração), estrangeirismo aclimatado (aclimação), estrangeirismo + uma explicação de seu significado mediante nota de rodapé ou diluição do texto.

O estrangeirismo, segundo Barbosa (2004), ou empréstimo, segundo Vinay e Dérbelnet (1977, apud BARBOSA, 2004), trata-se de transcrever ou copiar vocábulos ou expressões que sejam desconhecidas na cultura de chegada. Neste caso, o termo deve aparecer com alguma marcação, tais como aspas ou itálico. Os mesmos autores denominam-no como empréstimo, embora com um entendimento diferente daquele utilizado pela linguística.

A transliteração ocorre quando se substitui uma convenção gráfica por outra, isto é, quando duas línguas, pelo seu alto grau de distanciamento, não possuem um alfabeto em comum.

A aclimação, por sua vez, consiste em um passo posterior ao estrangeirismo. Em outras palavras, “a aclimação consistiria em o tradutor realizar, ele mesmo, essas transformações a que o empréstimo estaria sujeito durante o uso pelos falantes da língua que o adota” (BARBOSA, 2004, p. 73). Neste caso, a palavra não é simplesmente copiada, mas acaba sofrendo alguma transformação a ser feita pelo tradutor. Este tipo de análise precisa ocorrer de forma diacrônica para que seja possível analisar o processo de transformação como um todo.

Por fim, a transferência com explicação se torna necessária para que o leitor compreenda o seu significado, podendo ocorrer em nota de rodapé, notas no final do capítulo, notas ou glossário no final do livro ou, ainda, diluída no texto.

Outra alternativa para a tradução é a retirada da expressão no texto de origem, sem optar pelo estrangeirismo, e substituí-la pela explicação, caso haja necessidade de se retirar os estrangeirismos para facilitar a comunicação.

Finalmente, então, o tradutor pode optar pela adaptação.

A adaptação é o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere ao TLO³¹ não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT. Esta situação pode ser recriada por uma

³¹ TLO: Texto na Língua Original.

outra equivalente na realidade extralinguística da LT (BARBOSA, 2004, p. 76).

Independentemente da escolha feita pelo tradutor no momento em que se depara com expressões metafóricas, seja pela divergência dos sistemas linguísticos ou das realidades extralinguísticas, é fundamental que ela esteja baseada em uma teoria que a justifique. Em função disso, foram expostas algumas das perspectivas sobre o processo tradutório.

2.3 Conclusão

A partir de pesquisas já realizadas, fica mais compreensível perceber como a Libras vem se posicionando dentro do campo da tradução. Não há por que desconsiderar qualquer que seja o conceito escolhido, seja uma tradução intersemiótica ou intermodal. Línguas de sinais já se firmaram como línguas. Prova disso são as inúmeras possibilidades de traduções encontradas em diversos materiais e/ou realizadas a todo momento nos mais variados contextos. À vista disso também, novas pesquisas são tão importantes no fortalecimento e na estruturação do processo tradutório.

Ademais, é importante observar que os diversos teóricos da tradução admitem as muitas possibilidades as quais o tradutor pode optar no seu processo de tradução. Estas escolhas são motivadas tanto pelo pedido do indivíduo que solicita a interpretação como também pela recepção comunicativa do público a quem se deseja alcançar. A tarefa que antecede o trabalho de tradução propriamente dito não deve ser descartado, visto que, ao longo deste processo, existe um sistema de inter-relações que deve ser notado para se chegar ao produto final.

Isto posto, após as análises realizadas pelo tradutor, o próximo passo é escolher qual das estratégias são mais adequadas à demanda de tradução em questão.

CAPÍTULO 3

3. TRADUÇÃO BÍBLICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar um panorama sobre as traduções bíblicas. A Bíblia, considerada uma escritura sagrada por muitas pessoas e diversas religiões, deve ser tratada como um texto sensível, segundo Simms (1997). Portanto, é fundamental que se explicita como se deu este processo sutil da tradução desses textos. Ademais, farei um rápido levantamento das traduções realizadas para a Libras, bem como uma pormenorização dos fatores extralinguais e intralinguais descritos por Nord (2016) para a construção do *skopos* pertinente à tradução bíblica para a Libras.

3.1 A sensibilidade do texto bíblico

Antes de tratar sobre as traduções bíblicas propriamente ditas, é crucial e basilar entender por que a Bíblia é vista como um texto sensível por Simms (1997) e como outros autores compreendem esta sensibilidade. Afinal, o que viria a ser essa sensibilidade? Segundo Lopes (2009), os textos, em geral, são passíveis de sensações como prazer ou desprezo. Desta feita, é compreensível notar que o texto não é, em si, uma unidade dotada destes elementos, mas, por sua vez, estas percepções sensoriais podem surgir nos leitores, já que as pessoas não são estritamente passivas diante de uma leitura.

Isto posto, Simms (1997) indica que cada situação pode interferir na percepção de textos sensíveis. Para tanto, ele apresenta quatro bases nas quais os textos sensíveis podem ser enquadrados: textos contrários ao estado, à religião, à decência e aos cidadãos comuns.

Tradicionalmente, os quatro fundamentos em que um texto pode ser considerado sensível são que eles podem ser contrários ao estado, à religião (eu ampliaria isso à "cultura"), à decência ou ao cidadão particular³² (SIMMS, 1997, p. 5).

Ao se referir aos textos religiosos, Simms (1997) aponta que o que torna o texto sagrado é a crença de que o texto traz consigo as intenções de um “Autor Original”, ou seja, quem escreve o texto é considerado um mero escriba inspirado pela Palavra divina.

³² *Traditionally, the four grounds on which a text may be considered sensitive are that they may be contrary to the state, to religion (I would broaden this to “culture”), to decency or to private citizen.*

O que faz um texto sagrado é a crença de que ele expressa as intenções do Autor Original, de modo que o "autor do texto" no sentido comumente entendido é meramente um escriba, aquele que trancreve uma Palavra mais original com a qual ele está inspirado³³ (SIMMS, 1997, p. 19).

Lopes (2009) sugere que os textos sagrados são considerados sensíveis por demonstrarem uma relação afetiva entre o texto e os leitores, sobretudo aos que acreditam na condição exposta por Simms (1997). É exatamente neste ponto crucial que entra a sutileza da tradução, em virtude de que a grande maioria dos leitores tem acesso à Bíblia somente por meio da tradução.

Assim, se, por um lado, tem-se um objeto quase que intocável, que não pode ser burlado ou defraudado, por outro, verifica-se a tradução como uma ferramenta que toca essa modalidade de texto e, por assim fazê-lo, se sujeita à total sacralização ou à total desmoralização (LOPES, 2009, p. 67).

Sem dúvida, o leitor da Bíblia procura encontrar durante sua leitura a “voz divina”. E, por não se conhecer a língua-fonte, por não ter à disposição de todos um texto que apresente a voz divina por si mesma, a doutrina indica que os apóstolos e profetas receberam a palavra divina para que pudesse ser entendida pelo homem (NEVES e LOPES, 2016). Neste contexto, o hebraico e o aramaico são considerados línguas-fonte do Velho Testamento e o grego, do Novo Testamento, isto é, línguas que constituem os “originais” disponíveis para traduções. E foram a partir destes originais que a tradução dos textos bíblicos chegou à LPB.

3.2 Panorama geral das traduções bíblicas

A primeira tradução da Bíblia, datada no terceiro século a.C., é conhecida como Septuaginta. Miller e Huber (2006) explicam que uma das possibilidades para essa tradução foi um pedido realizado pelo rei Ptolomeu II, o qual solicitou, para integrar à biblioteca de Alexandria, a tradução da lei dos judeus (os cinco livros de Moisés) do hebraico para o grego. Este trabalho foi realizado por 72 estudiosos das Escrituras (seis expertos de cada uma das doze tribos de Israel), os quais ficaram isolados em uma ilha por 72 dias até que a tradução

³³ *Whats makes a text sacred is the belief that it express the intentions of the Original Author, so that the “author of the text” in the commonly understood sense is merely a scribe, one who transcribes a more originary Word with which he is inspired.*

fosse terminada. A tradução foi extremamente elogiada e aceita, tornando-se a versão grega padrão das Escrituras.

Hoje, devido ao trabalho de diversos estudiosos, como Wycliffe (incentivador da tradução para o inglês, em 1382) ou o próprio Lutero (tradutor da Bíblia para o alemão, em 1522), é possível ter acesso a estes textos em 500 línguas. Entretanto, ainda existem mais de três mil línguas que não tiveram condição de ter os textos bíblicos traduzidos em sua própria língua (MILLER e HUBER, 2006).

Em 1681, foi lançada a primeira tradução da Bíblia para a língua portuguesa de Portugal, inicialmente apenas do Novo Testamento, por João Ferreira de Almeida. Após seu falecimento em 1691, o trabalho foi concluído com a publicação completa da Bíblia, em 1753, por Jacobus op den Akker, amigo de Almeida (MILLER e HUBER, 2006).

Assim como outras obras, a Bíblia também apresenta diversas traduções. No quadro a seguir, Miller e Huber (2006) apresentam uma cronologia das traduções bíblicas para a língua portuguesa:

Figura 6: Versões da Bíblia em português

Bíblia em português
1753: Tradução de João Ferreira de Almeida
1790: Versão de Figueiredo
1898: Versão Revista e Corrigida de Almeida
1917: Tradução Brasileira
1932: Versão de Matos Soares
1959: Versão Revista e Atualizada de Almeida
1959: Versão dos Monges Beneditinos
1968: Versão dos Padres Capuchinhos
1981: Bíblia de Jerusalém
1981: A Bíblia Viva
1988: Bíblia na Linguagem de Hoje
1993: Tradução em Português Corrente
1993: Segunda Edição da versão Revista e Atualizada de Almeida
1994: Tradução Ecumênica da Bíblia
2000: Nova Tradução na Linguagem de Hoje
2001: Nova Versão Internacional
2002: Tradução da CNBB
2002: Bíblia do Peregrino
2009: Quarta Edição da versão Revista e Corrigida de Almeida

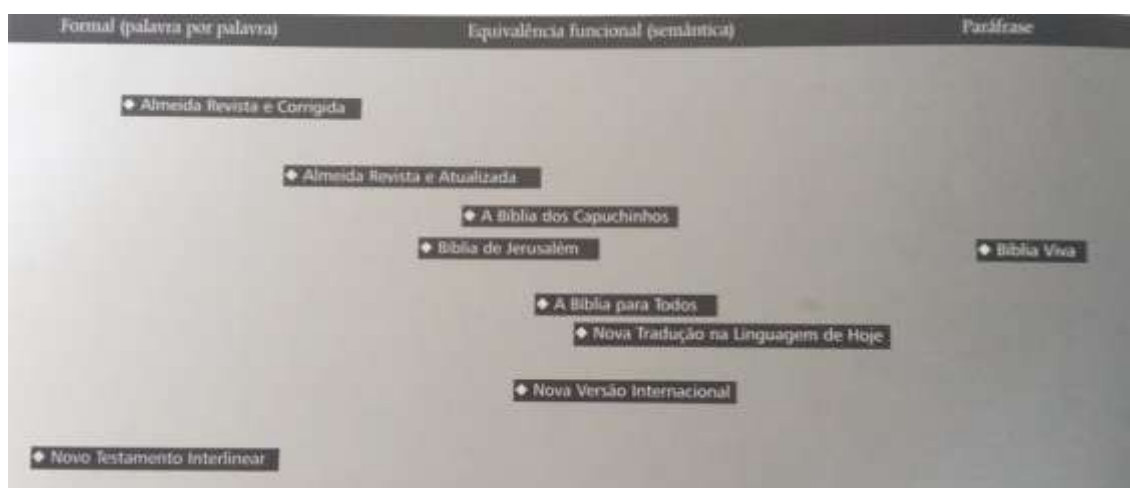
Fonte: Miller e Huber (2006, p. 224).

Neste ponto, vale tecer algumas considerações sobre as versões apresentadas. A versão Almeida Revista e Corrigida (ARC) foi elaborada por tradutores brasileiros que foram responsáveis por retirar as ilustrações e dar uma feição mais brasileira ao texto. Já existem quatro edições publicadas – 1898, 1969, 1995 e 2009. A versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), concluída em 1959, é considerada fiel aos princípios da tradução, segundo uma equivalência formal. Apenas em 1993, o texto recebeu sua segunda edição (MILLER e HUBER, 2006).

A Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) teve sua primeira edição publicada em 1988 e, em 2000, foi lançada a segunda edição. É tida como uma tradução em “linguagem comum”, “isso significa que emprega uma linguagem que é acessível às pessoas menos instruídas e que, ao mesmo tempo, é aceitável às pessoas eruditas” (MILLER e HUBER, 2006, p. 225). Esta se orientou pela tradução dinâmica (funcional ou comunicacional). “Neste sentido, a NTLH é diferente de quase todas as outras traduções bíblicas conhecidas e usadas no Brasil” (MILLER e HUBER, 2006, p. 225).

Isto posto, por existirem diferentes versões e opiniões acerca das múltiplas traduções bíblicas, Miller e Huber (2006) estruturaram tais publicações da seguinte forma:

Figura 7: Princípios da tradução da Bíblia



Fonte: Miller e Huber (2006, p. 228).

Como se pode observar em relação à tradução bíblica, assim como às inúmeras obras, não existe um consenso sobre o melhor processo de tradução. Há os que defendem uma tradução mais formal, deixando as explicações necessárias nos comentários e notas, evitando

opiniões teológicas durante o processo tradutório. Por outro lado, existem estudiosos que defendem traduções menos formais, dando mais foco ao público-alvo e seu entendimento sem dificuldades do texto (MILLER e HUBER, 2006).

No entanto, apesar de tantas opiniões discordantes, Miller e Huber (2006) concluem seu texto desta forma:

A maioria dos especialistas no assunto entende que não existe só uma maneira correta de traduzir a Bíblia, mas que a maioria das traduções a que se tem acesso hoje em dia podem ser úteis a diferentes grupos de leitores. Para os tradutores, por sua vez, o grande desafio é encontrar o meio-termo exato entre a fidelidade (aos originais) e compreensão (dos leitores). Entretanto, na medida em que nossa compreensão dos textos bíblicos avança e as línguas modernas continuam mudando, o perfeito equilíbrio entre esses dois polos é um alvo cada vez mais distante (MILLER e HUBER, 2006, p. 229).

3.3 Produções bíblicas traduzidas para a Libras

Diversas denominações religiosas desenvolvem trabalhos com a comunidade surda há um considerável tempo, como é o caso da Igreja Católica, das Igrejas Protestantes e Testemunhas de Jeová.

A Igreja Católica, principalmente devido ao envolvimento com a educação dos surdos, já possui trabalhos evangelísticos voltados para esta comunidade, dentre os quais podemos citar a Pastoral de Surdos São Francisco de Assis, que realiza as missas para os surdos em São Paulo desde 1989. Na maioria do tempo, a missa é mediada por um intérprete e por um surdo auxiliar. Contudo, no momento de consagração, o padre usa o bimodalismo³⁴ (SILVA, 2011).

Assim como na Igreja Católica, diversas denominações de Igrejas Protestantes, Pentecostais, Neopentecostais e Testemunhas de Jeová também desenvolvem trabalhos evangelísticos com a comunidade surda. Todavia, a diferença é que se pode encontrar publicações significativas como, por exemplo, “O Clamor do Silêncio” – produzido pela Junta de Missões Nacionais (JMN) da Convenção Batista Brasileira, em uma primeira edição em 1991, revisada e republicada, em 2002, por Marília Moraes Manhães (SILVA, 2011):

Assim, a edição do Clamor do Silêncio revela uma produção de uma atividade missionária batista com surdos vinculada à lógica da missão

³⁴ Bimodalismo: uso concomitante de uma língua oral e de uma língua de sinais (FERREIRA BRITO, 1993, p. 31).

transcultural, em que os surdos são vistos como um grupo não alcançado, com língua e cultura (SILVA, 2011, p. 122).

Hoje, diversos projetos de tradução da Bíblia para a Libras vêm sendo produzidos por diferentes grupos religiosos. Apesar de os textos bíblicos em LPB serem iguais, variando apenas a possível versão escolhida, não se aconselha utilizar traduções de outros grupos religiosos, por apresentarem interpretações distintas de um mesmo texto, dentre elas:

- a) 23 livros do Novo Testamento traduzidos pela Missionária Marília Manhães – coordenadora nacional do ministério com surdos da JMN –, em um projeto pessoal, disponível em DVD;
- b) o Novo Testamento traduzido pelo ministério Comunicar da Primeira Igreja Batista de Curitiba, disponível no aplicativo para celular e no canal do YouTube, Bíblia em Libras Comunicar (<https://www.youtube.com/channel/UCfwfJaMARKZ-wsx0t1ursYw>);
- c) projeto da *Wycliffe Associates*, cuja metodologia é baseada em uma tradução grupal, de forma colaborativa, denominada DOT (*Deaf Owned Translation*). Este programa tem como objetivo iniciar a tradução da Bíblia para todas as línguas até 2025 – e a Libras é uma delas (<https://www.eventbrite.com.br/e/dot-brasil-oficina-de-traducao-inscricoes-encerradas-registration-32657316914#> – acessado em 22 de novembro de 2017);
- d) as Testemunhas de Jeová já realizaram a tradução completa da Bíblia para a Libras, disponível no site <https://www.jw.org/bzs/> (acessado em 6 de dezembro de 2017).

Salvo a tradução feita pelo grupo Testemunhas de Jeová, as demais traduções ainda não estão completas. Ainda é possível encontrar alguns textos traduzidos de maneira amadora no YouTube. Porém, na grande maioria destas produções, não há preocupação com iluminação, plano de fundo, enquadramento ou vestuário e outras questões que podem comprometer os trabalhos realizados. Além disso, não há informações sobre as escolhas tradutórias, tampouco a formação dos tradutores.

3.4 *Skopos* da tradução da Bíblia para a Libras

Nord (2016) defende que uma análise textual voltada para a tradução difere de modelos de análise de textos desenvolvidos em outros campos de estudo, uma vez que

“finalidades diferentes exigem abordagens diferentes” (p. 15). Além de a análise orientada para a tradução garantir a compreensão e interpretação correta do texto, ela deve fornecer bases seguras para as escolhas realizadas pelo tradutor. Dentre os fatores que compõem o *skopos* proposto por Nord (2016) para a análise textual, destaco, a seguir, os mais relevantes para a tradução da Bíblia para a Libras.

3.4.1 Fatores extratextuais

3.4.1.1 Emissor e intenção do emissor

Um conceito importante abordado por Nord (2016, p. 23) é a separação entre o emissor e o produtor do texto. Embora registre que, em algumas situações, seja a mesma pessoa, em outras, elas são distintas. “Parece sensato fazer uma distinção metodológica entre o produtor do texto (P), que, na verdade, produz o texto, e o emissor (E), que transmite um texto para veicular certa mensagem”.

No caso do tradutor, ele é considerado tanto um receptor do texto-fonte, temporário e especial, como, também, um produtor do texto-alvo. De acordo com Nord (2016), os tradutores, enquanto receptores, não leem o texto para seus próprios desejos, não há “necessidades pessoais” para a leitura do texto; mas leem no lugar de outro receptor que pertence a uma cultura diferente do texto-fonte. Pois, recebido o texto, o tradutor deve transmitir a mensagem a partir de informações extraídas do texto-fonte.

No caso das traduções bíblicas, os conceitos de emissor e produtor do texto podem trazer algumas inquietações. Afinal, quem é o emissor da mensagem? Os tradutores podem ser considerados emissores diluídos?

A primeira questão sobre o emissor é posta em discussão quando se tenta confrontar a fé e a ciência – áreas as quais possuem limites em suas explicações e conclusões divergentes. Se por um lado existe a fé, que concebe o próprio Deus como o emissor da mensagem e os homens, instrumentos inspirados por Ele – capazes de transmitir Sua mensagem –, por outro, a ciência que, sem provas da inspiração divina, se detém a investigações com foco na veracidade dos textos e dos seus autores, considerando os homens como os emissores.

Esta pesquisa não tem como objetivo abordar a discussão em questão. Mas, não irei excluir nenhuma das possibilidades apresentadas. Para fins desta pesquisa, o homem, visto como o autor da obra, será considerado o emissor do texto, mesmo que, a depender da crença,

tenha sido usado por Deus para a transmissão da mensagem. Contudo, não nego a necessidade de tradutores envolvidos em um mesmo projeto compartilharem da mesma fé, bem como pertencerem à mesma comunidade religiosa, uma vez que estes especialistas podem ser considerados, até certo ponto, emissores diluídos de qualquer obra que venha a trabalhar, utilizando de seus conhecimentos, suas teorias e escolhas.

No caso das traduções bíblicas, deve-se considerar que a comunidade cristã também possui sua própria cultura a partir de uma percepção de mundo própria, de conceitos particulares e de terminologia singular. Dessa forma, a prática da mesma fé favorece a compreensão da mensagem, assim como a harmonia entre o que propõem os textos sagrados em sua essência e a prática destes princípios sagrados. Essa seria a forma mais aproximada do tradutor conseguir se aproximar do olhar do Outro.

A recepção do tradutor (isto é, a maneira como recebe o texto) acontece, portanto, tendo em vista as necessidades comunicativas do iniciador ou do público do texto alvo, como se a leitura do texto fonte fora feita pelo olhar do Outro (NORD, 2016, p. 32).

Nord (2016, p. 91) define intenção como o “ponto de vista do emissor, que quer atingir certo propósito com o texto”. Contudo, a autora adverte que, mesmo com as melhores intenções, o objetivo não está garantido porque é o receptor quem completa esta ação comunicativa. Ademais, a intenção é fundamental para o processo tradutório, por determinar a estruturação do texto no que concerne ao conteúdo e à forma.

Outra questão apresentada por Nord (2016) é que a intenção, quando identificada, está relacionada ao princípio da lealdade. “Mesmo que a função do texto seja alterada na tradução, o tradutor não deve atuar contrariamente à intenção do emissor” (NORD, 2016, p. 93).

3.4.1.2 Público-alvo

Como exposto anteriormente, algumas teorias da tradução têm seu foco no público-alvo. Esta consideração também deve ser levada em conta quando se trata dos surdos. Foram colocadas no primeiro capítulo desta dissertação as dificuldades linguísticas encontradas pela comunidade surda no decorrer da história – e esta passagem se reflete até hoje no entendimento da LPB pelos surdos, uma vez que uma parcela deles não possui acesso a um

processo educacional adequado, considerando a Libras como primeira língua e LPB, a segunda.

Portanto, é imprescindível que o tradutor tenha em mente a imagem do seu destinatário ao passar pelo processo de coenumeração. Sobre os tipos de leitores envolvidos, Neves e Lopes (2016) consideram pelo menos dois tipos: o leitor religioso e o leitor leigo. O primeiro tem conhecimento das mensagens bíblicas, busca um entendimento mais aprofundado da Palavra, procurando textos mais parecidos com as publicações originais. O leitor leigo, por sua vez, não tem a mesma clareza que o religioso e pode apresentar dificuldade de compreensão do texto pela sua carência do saber linguístico-teológico, mesmo se este possuir interesse no conteúdo bíblico. Assim sendo, este último tipo de leitor possibilita ao tradutor maior liberdade de tradução (NEVES e LOPES, 2016).

Isto posto, a divisão apresentada direciona os enfoques na tradução. Nord (2016, p. 97) lembra que “em quase todas as abordagens relevantes de análise textual para a tradução, o público é considerado fator muito importante, se não o mais importante.” E, no caso onde o público do texto-fonte não é compatível com o do texto-alvo, situação presente em traduções bíblicas, Nord (2016) aponta que, como os públicos estão em situações diferentes, a adaptação dos elementos textuais que são determinados pelo público do texto-fonte é de especial importância.

Os receptores do TA são diferentes dos receptores do TF em pelo menos um ponto: são membros de outra comunidade cultural e linguística. Então, uma tradução não pode ser dirigida ao “mesmo” receptor a que se destina o original (NORD, 2016, p. 99).

Nos textos bíblicos, muitas vezes é informado não apenas quem escreveu o texto como também para quem ele se direciona, o que permite conhecer o receptor do texto-alvo e em qual contexto ele está inserido. Este tipo de informação favorece o processo de tradução quanto à compreensão dos elementos intratextuais do texto-fonte.

No caso do texto-alvo na tradução para a Libras, ao se considerar o processo educacional dos surdos, é necessário lembrar que o nível de conhecimento de língua, tanto da LPB como da Libras, pode ter uma grande discrepância entre os indivíduos surdos. É nesta visão, na importância de se manter o diálogo com qualquer que seja o leitor, que Neves e Lopes (2016) esclarecem a necessidade da produção de diversas versões, no intuito de satisfazer às necessidades de cada grupo.

3.4.1.3 Meio

Nord (2016, p. 106) inicia este tópico conceituando um elemento importante que pode ser direcionado para a tradução entre modalidades diferentes. “Referimo-nos como “meio” ao veículo que conduz o texto para o leitor (na teoria da comunicação, “canal” representa ondas sonoras ou impressões de papel)”. Aqui, o conceito é ainda mais amplo, considerando meio ou canal as percepções visuais, tanto presenciais como gravadas.

O que a autora salienta é que o modo como um texto é transmitido, em uma comunicação presencial ou por escrito, afeta a condição da recepção. Semelhantemente, também pode haver interferência comunicacional a depender de como as informações são conduzidas como, por exemplo, o nível de explicação, arranjo dos argumentos, escolha dos tipos de frase e características de coesão.

No caso das traduções entre modalidades diferentes, é notória a diferença do meio. Mas, as estratégias escolhidas para uma comunicação face a face e uma gravação podem e devem ser diferentes. No primeiro caso, as interações entre o intérprete (no caso de traduções simultâneas) e o seu público-alvo, na maioria das vezes, permitem conceituações e novas possibilidades de explicações. Por outro lado, assim como nas línguas orais registradas em escrito, as gravações em Libras devem ser muito bem trabalhadas para que diminuam as possíveis dúvidas. Além disso, é possível utilizar outras ferramentas que auxiliem na compreensão da mensagem, tais como imagens, fotos, legendas e glossários.

3.4.1.4 Lugar e tempo

O lugar e o tempo, apesar de serem conceitos diferentes, serão aqui abordados no mesmo item por motivo forte de vinculação entre eles. Isso porque ambos estão relacionados ao fato de uma cultura poder influenciar na produção do texto-fonte. Autores como Reiss (1974) e Thiel (1978) apud Nord (2016, p. 113), denominam o tempo e o espaço como uma dimensão global, “pano de fundo geográfico, histórico e sócio-cultural” ou “pressupostos (situacionais) implicados”.

Os aspectos linguísticos relacionados aos fatores supracitados também podem ser de fundamental importância para a compreensão e interpretação de um texto, tanto quanto as condições culturais e políticas devem ser consideradas no processo tradutório.

Em relação às traduções bíblicas, Nord (2016) menciona que as pessoas estão arraigadas às tradições de tradução, de maneira que também avalia “inadequadas as traduções” menos formais, como no caso da Nova Tradução na Linguagem de Hoje ou Bíblia Viva. “A tradição

criou uma ‘língua de tradução’ particular que é, em regra geral, aceita sem críticas e considerada característica de um determinado tipo de texto” (NORD, 2016, p. 123).

Na Teologia, estes elementos – lugar e tempo – se enquadram em duas disciplinas: hermenêutica e exegese. De maneira simplificada, Ferreira (2007) diferencia estes conceitos da seguinte forma:

Hermenêutica bíblica é a disciplina que, partindo de pressupostos básicos, estuda e sistematiza a teoria da interpretação das Escrituras. A exegese é o estudo bíblico à luz dos princípios hermenêuticos, com o propósito de determinar com a maior precisão possível a intenção do escritor original (FERREIRA, 2007, p. 30).

Além desta explanação, outros autores trazem o conceito dessas disciplinas no contexto bíblico:

A Hermenêutica é geralmente estudada com o objetivo de interpretar as produções literárias do passado. Sua tarefa especial é mostrar o caminho pelo qual as diferenças ou a distância entre o autor e os seus leitores podem ser removidas. Ela nos ensina que isso só é realizado adequadamente quando o leitor se transporta para o tempo e o espírito do autor (BERKHOF, 2004, p. 9).

Assim, “o termo técnico ‘exegese’ para o trabalho de interpretação de textos bíblicos deve-se ao caráter mais específico desse trabalho interpretativo: trata-se de uma interpretação ‘minuciosa’” (WEGNER, 1998, p. 11).

Kunz (2008) descreve que um dos métodos utilizados pela exegese é o histórico-gramatical, no qual o significado de um texto é baseado no que as suas palavras expressam no seu sentido simples, segundo um contexto histórico. E, para isso, é necessário um estudo profundo e detalhado do texto. Neste caso, o intérprete deve fazer algumas perguntas ao texto: quem? (quais são as pessoas envolvidas?); o quê? (que sucedeu?); onde? (qual a localização geográfica?); quando? (qual o fundo histórico?); por quê? (qual o propósito disto?); como? Todas estas questões irão ajudar a compreender o texto em um contexto histórico, literário e cultural.

Dessa forma, podemos observar que as traduções bíblicas realizadas para as línguas orais já percorrem um processo minucioso e que diversas questões apresentadas por Nord (2016) podem ser cruzadas com as questões discutidas na exegese histórico-gramatical.

3.4.2 Fatores intratextuais

Antes de especificar os fatores intratextuais, é importante salientar algumas características estruturais dos textos bíblicos. Isso porque, normalmente, nas traduções de LPB para a Libras, algumas dessas características se perdem.

A Bíblia cristã protestante é composta por 66 livros, divididos em dois grupos, dado o momento histórico do nascimento de Jesus: Antigo Testamento, composto por 39 livros, e Novo Testamento, formado por 27 livros. Cada obra das Escrituras é dividida em capítulos os quais, por sua vez, são subdivididos em versículos. Esta configuração surgiu no início do século XIII para facilitar o estudo e o manejo das passagens. Diversas mudanças estilísticas foram feitas ao longo da história para que a leitura dos textos se tornasse mais agradável (MILLER e HUBER, 2006). Outra característica presente nos textos bíblicos atuais é a delimitação das passagens, com indicação de uma unidade de pensamento, denominada perícopes (KUNZ, 2008).

No entanto, lembro que as divisões em capítulos, versículos e perícopes não estavam presentes nos textos originais. Desta feita, podem ser encontradas discordâncias quanto a essas divisões em traduções atuais (WEGNER, 1998).

Figura 8: Estrutura dos textos bíblicos



Legenda: A - Nome do livro; B – Título; C: Número do capítulo; D: Número dos versículos;

E: Perícopes; F: Textos subjacentes

Fonte: A Bíblia Sagrada (1994, p. 184)

No caso das traduções bíblicas para a Libras, o que se percebe, na sua grande maioria, é a ausência de divisão em versículos. Tem-se a tradução do livro, do capítulo e do versículo seguida do texto. Contudo, normalmente é respeitada a perícopes ou um contexto menor que também tenha uma unidade de pensamento. Provavelmente, isso se dá devido à estrutura linguística, sintática e morfológica que necessita de um novo arranjo para melhorar a compreensão do texto.

Em alguns casos, a organização linguística não permite seguir a ordem cronológica dos versículos apresentados nas línguas orais. Além disso, a sinalização do versículo interromperia a fluência do texto em Libras.

3.4.2.1 Assunto

Nord (2016) considera a delimitação do assunto um fator importante por diversas razões, dentre as quais destacam-se: a inserção do assunto em um contexto cultural específico (POPOVIC, 1977, apud NORD, 2016); a limitação das realidades extralinguísticas frente à contextualização do assunto, o que possibilita ao tradutor reconhecer (ou não) sua competência para realizar o trabalho específico; a possibilidade de se poder prever a traduzibilidade do texto e de trazer informações de natureza extratextual, como o emissor e o tempo.

Assim, é possível fazer uma reflexão sobre a formação e a necessidade de especificar as áreas de atuação do tradutor. No caso em análise, a formação dos tradutores intérpretes LPB/Libras ainda é muito recente e falar de áreas específicas de tradução parece ainda uma possibilidade utópica.

Dessa forma, o que deve ser motivo de reflexão é a competência linguística e o conhecimento prévio, o “horizonte” de determinado assunto. A falta de um dos dois fatores pode prejudicar a compreensão do texto tanto pelo tradutor quanto pelo público-alvo. Além disso, o tradutor precisa ter conhecimento do “horizonte” do leitor, compreendendo as idiossincrasias individuais e as influências culturais (SHERNER, 1984, apud Nord, 2016).

No caso da tradução bíblica, é primordial o conhecimento do assunto, das terminologias utilizadas e da interpretação dada por determinada comunidade religiosa. Caso o tradutor não tenha profundo conhecimento da área específica – no caso, os ensinamentos bíblicos e os fundamentos protestantes – é elementar que ele faça parte da comunidade religiosa em questão, seja estudioso das Escrituras.

3.4.2.2 Conteúdo

Muitas vezes, parece ser naturalmente lógico determinar o conteúdo de um texto, principalmente quando se tem domínio da língua-fonte. Contudo, é possível identificar alguns recursos capazes de favorecer a compreensão intuitiva do texto, bem como desenvolver uma rede de referências que otimize e enriqueça a tradução. Dentre esses recursos, destacam-se o uso de paráfrases, da coesão, de conotações e da situação interna, isto é, informações factuais ou ficcionais (NORD, 2016).

Sobre esses recursos, vale destacar as conotações. Elas estão altamente relacionadas à experiência comunicativa do falante e, mesmo podendo mudar, devem ser consideradas como competência linguística tanto do emissor quanto do receptor. Contudo, existem aquelas que são próprias de uma comunidade:

Outras conotações, entretanto, são válidas apenas para certas pessoas, visto que funcionam somente se os participantes compartilharem o conhecimento dos mesmos fenômenos sociais, políticos e culturais específicos (NORD, 2016, p. 167).

3.4.2.3 Pressuposições

Dentre os diversos conceitos de “pressuposição”, Nord (2016) escolhe o da pressuposição pragmática ou situacional defendida por Schimidt (1976).

Essas pressuposições são implicitamente aceitas pelo falante que acredita acontecer o mesmo também com o ouvinte. Portanto, a comunicação somente pode ter sucesso se o falante e o ouvinte aceitarem, implicitamente, uma quantidade suficiente das mesmas pressuposições (NORD, 2016, p. 170).

A autora ainda considera que as pressuposições têm referências culturais do emissor. E o tradutor deve estar atento, caso uma informação seja trivial à cultura-fonte, mas não ao receptor, devendo, portanto, ser indicada no texto-alvo. Contudo, o tradutor deve ter ciência de que uma informação implícita no texto-fonte pode ter alterações importantes no efeito, desde que sejam explicitadas.

Também é possível que um texto na cultura-fonte apresente uma explicação já agregada na cultura-alvo, sendo irrelevante traduzir tal informação. Tanto em um caso quanto no outro, é possível que o tradutor utilize procedimentos como a expansão ou a redução textual.

3.4.2.4 Estruturação

O que é importante destacar sobre a estrutura do texto quando se estuda textos bíblicos é a presença de intratextos como, por exemplo, a nota de rodapé. Assim, “a tarefa principal do tradutor é determinar qual função os intratextos preenchem no hipertexto (NORD, 2016, p. 181).

É comum encontrar em Bíblias de traduções mais formais comentários e notas. Dessa forma, os tradutores dessa linha permitem ao receptor ler explicações adicionais (MILLER e HUBER, 2006). Contudo, nas produções videográficas para a Libras, ainda não há uma orientação de como podem ser realizados os comentários e notas, uma vez que nos vídeos há uma estrutura diferente que não permite ao tradutor permanecer no vídeo e construir um comentário. Assim, nas traduções para a Libras, as explicações, se necessárias e relevantes, estão agregadas diretamente ao texto. Quando uma explicação compromete a fluidez do texto, por exemplo, as notas e os comentários aclaradores podem vir no início do texto. Assim, a mensagem pode seguir de forma mais natural e com fácil entendimento.

3.4.2.5 Léxico

A análise dos itens lexicais pode ajudar na caracterização de um texto, uma vez que a escolha lexical é determinada por fatores externos e internos. Por isso, Nord (2016, p. 203) orienta que este quesito deve ser levado em conta no processo tradutório, ou seja, “um texto orientado ao público revela-se, principalmente, através das escolhas lexicais: emprego de palavras de registros específicos, dialetos e estilos que não são determinados pelo emissor ou pela inserção de explicações”.

Em textos nos quais o fator tempo é determinante nas escolhas lexicais no momento da tradução, é necessário fazer uma escolha entre uma tradução “sincrônica” ou “atualizada” para que o léxico seja bem empregado (NORD, 2016). E, como aqui se trata de um texto escrito há muito tempo, é claro que as escolhas lexicais do texto-fonte serão baseadas no período de sua escrita. Por isso, é tão comum encontrar diversas traduções bíblicas nos dias atuais, como as já mencionadas neste estudo.

Alguns exemplos lexicais muito frequentes nos textos bíblicos são as metáforas e as parábolas que remetem a elementos culturais da época. Em razão disso, as escolhas e estratégias que o tradutor fará no processo até chegar ao texto-alvo em Libras, principalmente pensando no seu público-alvo, são de extrema importância para que a mensagem seja compreendida.

3.5 Interdependência entre os fatores de análise

O modelo de análise textual proposto por Nord (2016) apresenta diversos fatores – extratextuais e intratextuais – que devem ser observados durante o processo tradutório. Contudo, apesar de ser possível encontrar explicações individuais de cada fator, a autora reforça que eles são interdependentes.

O princípio mais importante, portanto, é o da recursividade. Esse tipo de análise não é um processo de via única, mas contém números quaisquer de círculos recursivos, em que as expectativas são confirmadas ou rejeitadas e em que o conhecimento é adquirido e aumentado e a compreensão, constantemente modificada (NORD, 2016, p. 138).

3.6 Conclusão

Constata-se que a tradução da Bíblia, apesar de sua longa história, sempre esteve cercada de desafios. Por se tratar de um texto sagrado para diversas crenças, sua tradução vai além de um trabalho tradutório, chega a ser um reflexo da fé. Diversas traduções tiveram seus inícios com uma visão missionária.

Diante desta perspectiva, busquei uma metodologia de tradução que tivesse seu foco no receptor, mas sem perder os traços significativos de tal tipo de texto. Para isso, tive Nord (2016) como base teórica, a fim de destacar os fatores que mais se aproximam do tipo textual em questão: os textos bíblicos.

CAPÍTULO 4

4 METODOLOGIA

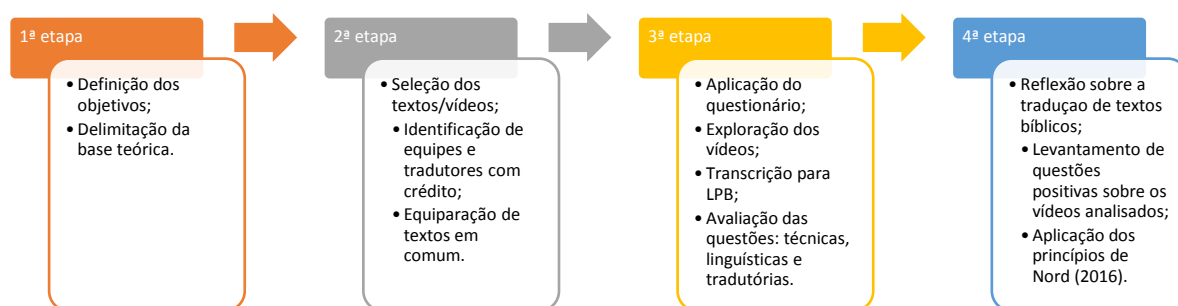
A proposta de uma metodologia de tradução deve estar baseada não apenas nas teorias da tradução mas também em estudos linguísticos que descrevam tanto a língua-fonte quanto a alvo, evitando desacertos no processo tradutório. As poucas pesquisas sobre metodologias de tradução da língua portuguesa para a Libras apresentam uma diversidade tradutória significativa.

Dessa forma, a proposta deste capítulo é a de realizar uma análise comparativa entre duas produções bíblicas traduzidas para a Libras, baseada nas questões apresentadas na teoria deste trabalho. Ao final, farei uma reflexão sobre a tradução de textos bíblicos para a Libras baseada em tópicos específicos apontados por Nord (2016), visto no capítulo anterior, que podem ajudar tradutores em seus processos e escolhas.

4.1 Etapas da pesquisa

Esta pesquisa foi esquematizada em quatro etapas para que, assim, se compreenda mais claramente os passos deste estudo:

Figura 9: Metodologia da pesquisa



Fonte: Araújo (2018).

- 1ª etapa: foram delimitados os objetivos principais e secundários e, também, o início das escolhas teóricas que serviram de fundamento científico para a pesquisa.
- 2ª etapa: foram escolhidos os textos para a análise. Para isso, foi necessário eleger traduções bíblicas realizadas por equipes de confiança – no caso, a Missionária Marília

Manhães e o pastor Adoniram Mello, por já terem desenvolvido um longo e estruturado trabalho com comunidades surdas. No início da pesquisa, não haviam muitos textos disponíveis em comum entre os tradutores escolhidos e, por conseguinte, as possibilidades ficaram reduzidas. Assim, foi selecionado o texto do livro Efésios, capítulo 6, versículos de 10 a 20 (Ef. 6: 10-20). Esse texto proporciona análises em situações com fortes marcas culturais, religiosas e metafóricas.

- 3ª etapa: para auxiliar nas análises, elaborei um questionário que foi enviado para os tradutores escolhidos (Anexos 1 e 2). Dessa forma, consegui recolher dados que não estavam presentes nos materiais analisados, mas que fazem parte de seus processos tradutórios. Além disso, iniciei o processo de análise dos textos com transcrição de Libras para LPB mediante glosas e estudo dos aspectos técnicos, linguísticos e tradutórios.
- 4ª etapa: com toda a base teórica e dos dados finalizada, foi possível desenvolver tópicos específicos propostos por Nord (2016), observar os pontos positivos dos materiais selecionados e apontar possíveis adequações dos vídeos analisados.

4.2 Tipo de pesquisa e abordagem de pesquisa

Inicialmente, é importante enquadrar esta pesquisa nas áreas dos Estudos da Tradução. Rodrigues (2013) apresenta um mapa abrangente proposto por uma editora especialista em Estudos da Tradução, *Saint Jerome Publishing*, com 27 categorias que podem ser usadas para determinar as pesquisas nesta disciplina, a saber: (1) Tradução Audiovisual e Multimídia; (2) Tradução Bíblica e de Textos Religiosos; (3) Bibliografias; (4) Interpretação em Contextos Comunitários e de Prestação de Serviços; (5) Interpretação Simultânea e de Conferências; (6) Estudos Contrastivos e Comparados; (7) Estudos Baseados em Corpus; (8) Interpretação Legal e Jurídica; (9) Avaliação e Controle de Qualidade; (10) História da Tradução e Interpretação; (11) Estudos Interculturais; (12) Estudos da Interpretação; (13) Tradução Literária; (14) Tradução Automática e Auxiliada pelo Computador; (15) Trabalhos em Categorias Múltiplas; (16) Estudos do Processo Tradutório; (17) Metodologia de Pesquisa; (18) Interpretação em Língua de Sinais; (19) Tradução Técnica e Especializada; (20) Terminologia e Lexicografia; (21) Tradução e Gênero; (22) Tradução e Ensino de Língua; (23) Tradução e Política; (24) Tradução e Indústria de Prestação de Serviços Linguísticos; (25) Políticas de Tradução; (26) Teoria da Tradução e (27) Formação de Tradutores e Intérpretes.

Ainda seguindo o autor, é importante ressaltar que, apesar das divisões propostas por diversos pesquisadores, estas categorias são interdependentes e se complementam. Dessa forma, é possível atribuir esta pesquisa às seguintes categorias: Tradução Audiovisual e Multimídia; Tradução Bíblica e de Textos Religiosos; Estudos Contrastivos e Comparados; e Interpretação em Língua de Sinais.

Além disso, baseada em Gerhardt e Silveira (2009), esta pesquisa possui atributo qualitativo – concentrada na compreensão e explicação dos fenômenos –, de natureza aplicada – gerando conhecimento para aplicação prática, dirigido à solução de problemas específicos – e descritiva, uma vez que tem como objetivo descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade, com o intento de realizar um levantamento de uma amostra de traduções de textos bíblicos para a Libras.

4.3 Contexto da pesquisa e seleção do *corpus*

Nesta pesquisa, apresento uma análise comparativa das traduções bíblicas realizadas da língua portuguesa para a Libras e, ao final, aplicarei ao mesmo texto a proposta de Nord (2016). As produções escolhidas pertencem à Marília Manhães, responsável pela coordenação do ministério com surdos da Junta de Missões Nacionais (JMN) e ao canal Bíblia em Libras Comunicar, da Igreja Batista de Curitiba, coordenado e sinalizado pelo pastor Adoniran Melo.

A JMN conta com um ministério dedicado à evangelização da população surda no Brasil. Reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelos surdos na inserção social, esse ministério tem como objetivo capacitar igrejas e despertar voluntários para esta missão (<http://www.missoesnacionais.com.br/surdos>). Vale destacar que Marília Moraes Manhães atua junto à JMN desde 2000.

O pastor Adoniran Melo, por sua vez, está à frente do ministério com surdos da Primeira Igreja Batista de Curitiba desde o ano de 2005 (<https://www.pibcuritiba.org.br/especiais/ministerio-especiais-2/>). Seu trabalho iniciou-se com um projeto de tradução do Evangelho de João. Tempos depois, completou o Novo Testamento traduzido e disponibilizou este material em um aplicativo para celulares.

No aspecto quantitativo de tradução bíblica para a Libras, a JMN possui publicações de 23 dos 66 livros da Bíblia, todos do Novo Testamento, disponíveis em DVD (contatos no e-mail: abibliaemlibras@hotmail.com). Já o canal do YouTube, Bíblia em Libras Comunicar, dispõe de todos os 27 livros do Novo Testamento. Portando, para que fosse possível a comparação, ficou evidente que os dados deveriam ser selecionados dentro dos seis livros em

comum. Assim, foi encolhido o trecho bíblico: Efésios, capítulo 6, versículos de 10 a 20 (Ef. 6: 10-20).

4.4 Registro dos dados

Apesar de a preferência atual dos pesquisadores de línguas de sinais ser a realização do registro e da análise de seus dados utilizando o software ELAN, infelizmente não foi possível dispor deste recurso nesta pesquisa. Os dados videográficos da JMN ficam encapsulados em pasta não visível aos leitores do material e são criptografados, o que impossibilita a transferência do material para o ELAN.

Assim sendo, escolhi o registro do material pela transcrição dos sinais por meio de glosas e, mesmo sabendo de suas limitações, considerei a ferramenta mais adequada para a utilização nesta pesquisa. O único acesso livre para observação é o vídeo do Pastor Adoniran Melo, pelo site do YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=VLMdKklNPdo>).

4.5 Critérios analisados no *corpus*

De acordo com o que já foi apresentado na parte teórica deste trabalho, selecionei alguns critérios para a análise e os dividi da mesma forma apresentada anteriormente, conforme sugeridos por Naves et al (2016) no Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis. Devido ao fato de essas orientações terem sido elaboradas para a criação de roteiros de janela/espaco de Libras para filmes e programas de TV, foram necessárias algumas adaptações, como a retirada de alguns critérios, bem como acréscimo de outras sugestões de análises, para que fosse possível alcançar os objetivos desta pesquisa.

Quadros 4: Critérios para produções audiovisuais acessíveis

Questões técnicas	Questões linguísticas	Questões tradutórias
Iluminação	Uso de terminologia	Formação do tradutor
Plano de fundo	Datilologia	Procedimentos tradutórios
Enquadramento do intérprete	Descritores imagéticos	Expressões metafóricas
Vestuário		

Fonte: Araújo (2018).

Dessa forma, após a seleção exata dos trechos das traduções analisadas, iniciei a análise a partir das questões técnicas, passando, posteriormente, para as questões linguísticas e tradutórias.

4.6 Análise dos dados

Para uma melhor análise dos dados – tanto linguísticos quanto tradutórios –, preparei um questionário (Anexo 1 e 2) que foi entregue aos dois tradutores supracitados, como recurso adicional de aquisição de informações. As respostas contidas nestes documentos serão apresentadas, quando necessárias, conforme as questões analisadas.

Deste ponto em diante, a identificação dos textos será feita da seguinte forma:

Quadro 5: Identificação dos textos pelos tradutores

Tradutor \ Texto	Texto A Efésios 6: 10-20
Pr. Adoniran Melo	Texto A1
Missionária Marília Manhães	Texto A2

Fonte: Araújo (2018).

4. 6.1 Texto A - Efésios 6: 10-20

4. 6.1.1 Transcrição

Antes de apresentar a transcrição de Libras para LPB, segue o texto de Efésios 6: 10-20 em LPB escrita na versão Almeida Revisada e Atualizada.

A armadura de Deus

10 Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. 11 Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; 12 porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. 13 Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. 14 Estai, pois, firmes,

cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. 15 Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; 16 abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. 17 Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; 18 com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos 19 e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, 20 pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo.

As transcrições dos vídeos seguiram a proposta de Felipe e Monteiro (2007), conforme detalhado no capítulo 2 desta dissertação.

Quadro 6: Transcrição para a Libras da tradução do texto de Efésios 6: 10-20

Texto A1 - Efésios 6: 10-20 Pr. Adoniran Melo	Texto A2 - Efésios 6: 10-20 Missionária Marília Manhães
<p>FIM 1sAVISAR2s VOCÊ 3sCOPIAR1s DEUS COPIAR FORÇA</p> <p>VOCÊ TER COURAÇA PRÓPRIA DEUS. NÓS GUERRA HOJE CONTRA DIABO CONTRA PESSOAS? NÃO!. CONTRA ÁREA_{DIABO}. DIABO VERDADE.TAMBÉM NÓS CONTRA <i>FORÇA OCULTAS</i> MAL.</p> <p>HOJE VOCÊ PODER COURAÇA FORTE DEUS TRAZER PERTO DEUS COURAÇA CAPACETE... COISAS PRÓPRIA DEUS.</p> <p>VOCÊ TAMBÉM PRECISAR FIRME, NUNCA CAIR.</p> <p>VOCÊ PRECISAR TAMBÉM CINTURÃO* VERDADE, TAMBÉM COURAÇA JUSTIÇA, TAMBÉM PÉ</p>	<p>TEMA "PODER D-E-U-S"</p> <p>VOCÊS FORÇA UNIÃO D-E-U-S TEU PODER FORÇA. PRECISA BUSCAR TODO PODER D-E-U-S 3sDAR3P VOCÊS FIRME EVITAR ARTIMANHAS_{1s} DIABO. PORQUE NÓS NÃO-LUTAR CONTRA PESSOAS NÃO!. NÓS LUTAR CONTRA DIABO MAL TER AQUI MUNDO CÉU TAMBÉM. PESSOAS GOVERNO PODER FORÇA AQUI AGORA MUNDO É MAL, POR ISSO, AGORA PRECISA PEGAR FORÇA D-E-U-S. D-I-A AZAR MAL MUNDO DAR CONSEGUIR CONSEGUIR DIABO VENCER VENCER V-A-I CONSEGUIR FIRME RESISTIR. "VAI DIZER" MEDO NUNCA.</p>

<p>COLOCAR SANDÁLIAS (de cano alto) HISTÓRIA JESUS PAZ EVANGELIZAR PAZ</p> <p>VOCÊ TAMBÉM PRECISAR COLOCAR ESCUDO FÉ. PORQUE DIABO FECHA 3sATIRAR1s BATER ESCUDO DESVIAR FECHA ATIRAR BATER ESCUDO DESVIAR FECHA ATIRAR BATER ESCUDO DESVIAR</p> <p>TAMBÉM VOCÊ PODER USAR CAPACETE SALVAÇÃO, TAMBÉM ESPADA* ESTA_{espada} PALAVRA DEUS VOCÊ ORAR ESPÍRITO ORAR ^{muito} HORA QUALQUER ORAR^{muito muito}</p> <p>TAMBÉM PENSAR ORAR MUITO SEMPRE TODAS AS PESSOAS ESPÍRITO SANTO VOCÊ TAMBÉM ORAR EU FALAR PARECE _{DEUS}DAR_{1s} _{1s}ANUNCIAR_{3p} CORAGEM _{1s}ANUNCIAR_{3p} HISTÓRIA JESUS EXPLICAR EU PRESO ACORRENTADO, MAS PACIÊNCIA. ORAR TAMBÉM EU CORAGEM _{1s}ANUNCIAR_{3p} DEUS MANDAR_{1s}</p> <p>*Sinais fora da tela</p>	<p>POR ISSO AGORA PRECISAR PREPARAR PRECISAR FALAR A VERDADE PARECE CINTO C-I-N-T-U-R- Ã-O, PRECISAR JUSTIÇA CONTAS FERRO COURAÇA, TAMBÉM CALÇADO RESISTENTE. FALAR VONTADE ANUNCIAR JESUS MOSTRAR PAZ MOSTRAR F-É. ESCUDO PARECE MOSTRAR FÉ CONSEGUIR CONSEGUIR TUDO DIABO ARTIMANHAS_{1s} VENCER. VOCÊ CONSEGUIR MOLEZA. IGUAL CAPACETE MOSTRAR TAMBÉM BÍBLIA PARECER ESPADA MOSTRAR ESPÍRITO DÁ.</p> <p>PRECISAR SEMPRE ORAR PEDIR D-E- U-S _{3s}AJUDAR_{3p} VOCÊS VIDA ORAR SEMPRE. ESPÍRITO TUA VIDA POR ISSO ATENÇÃO DESISTIR NÃO. ORAR SEMPRE. PESSOA CRENTE MUNDO ORAR TAMBÉM MIM PORQUE QUERER D-E-U-S _{3s}DAR_{1s} MENSAGEM CERTA FALAR CERTO CORAGEM_{muito} _{1s}MOSTRAR_{3p} TODO SEGREDO É JESUS HISTÓRIA JESUS.</p> <p>EU TRABALHAR JESUS. AGORA MESMO PRESO POR ISSO ORAR QUERER CORAGEM CONTINUAR ANUNCIAR HISTÓRIA JESUS PERFEITA IGUAL D-E-U-S _{3s}MANDAR_{1s} _{1s}ANUNCIAR_{3p}</p>
---	--

4. 6.1.2 Questões técnicas

Para a análise das questões técnicas, seguirei as orientações de Marques e Oliveira (2012), conforme a descrição no capítulo 2 desta dissertação.

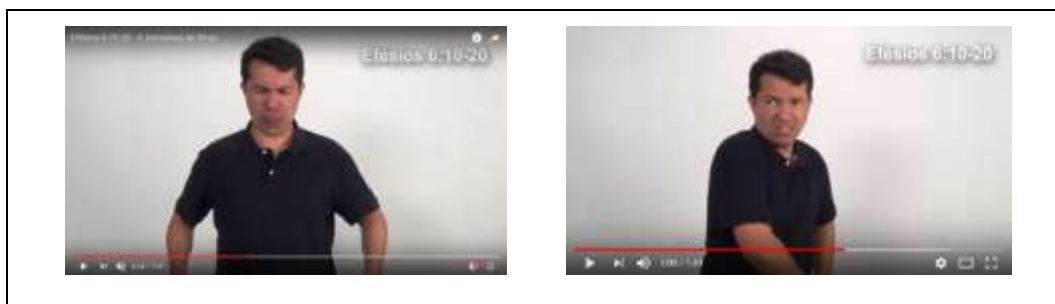
Quadro 7: Análise comparativa – questões técnicas

Questões técnicas	Pastor Adoniran Melo (Texto B1)	Missionária Marília Manhães (Texto B2)
Tempo total de vídeo	1 minuto e 18 segundos (0:00 até 1:18)	2 minutos e 12 segundos (28:18 até 30:30)
Iluminação	Sutil presença de sombras à direita da sinalização	Presença de sombras
Plano de fundo	Branco	Azul claro
Enquadramento do intérprete	Parte superior: entre 10cm e 15cm acima da cabeça Parte inferior: na linha do umbigo Parte lateral: mais de 10cm para cada lado dos cotovelos no momento em que os dedos médios se tocam em frente ao peito	Parte superior: entre 10cm e 15cm acima da cabeça Parte inferior: na linha do quadril Parte lateral: mais de 10cm para cada lado dos cotovelos no momento em que os dedos médios se tocam em frente ao peito
Vestuário	Camisa tipo polo, cor preta	Camisa de cor marrom clara com botões claros Acessórios: aliança na mão esquerda e brincos pequenos

Fonte: Araújo, 2018

Em relação às questões técnicas do vídeo A1, observa-se que houve um extremo cuidado na produção e edição do vídeo, compatível, em sua maioria com os padrões propostos por Marques e Oliveira (2012). Contudo, é possível identificar dois momentos nos quais a sinalização ficou fora do enquadramento previsto – nos minutos 0:44 (sinal de cinturão) e 1:09 (sinal de espada), figura 10, como se pode verificar nas imagens a seguir. Todavia, em ambos, é possível inferir o sinal pelo contexto da sinalização.

Figuras 10: Sinalização fora do enquadramento



Fonte: A Bíblia em Libras Comunicar (2017).

Em relação à tradução A2, realizada pela missionária Marília Manhães, é possível perceber que a imagem reflete o período no qual foi produzida, momento este em que as tecnologias e as produções videográficas não podiam ser comparadas com as atuais quanto à qualidade. Entretanto, em uma análise diacrônica, percebe-se a evolução nos padrões técnicos. No vídeo A2, existem falhas na iluminação e de enquadramento do plano de fundo, além do uso de uma vestimenta extremante sóbria e ~~expressão corporal~~ sisuda (Figura 11), condições que são melhor trabalhadas no vídeo A1.

Figura 11: Questões técnicas – iluminação, enquadramento e vestimenta



Fonte: A Bíblia em Libras – Carta de Paulo aos Efésios (2005).

Portanto, mediante estas observações, é notória a importância que se deve dar à produção de materiais videográficos em Libras. Mesmo que a tecnologia permita melhorar a qualidade visual, alguns detalhes devem ser considerados atentamente, como é o caso do enquadramento. Por mais simples que seja, alguns sinais podem ser cortados, o que não é adequado para qualquer informação dada em Libras. Para que não haja o risco de corte, é sugerido por Marques e Oliveira (2012) que a parte inferior do enquadramento fique entre seis e oito centímetros abaixo da posição das mãos do sinalizante, de forma que a sinalização não saia do quadro de filmagem.

Nos questionários entregues aos tradutores dos vídeos analisados, o questionamento sobre os padrões técnicos aplicados foi respondido da seguinte forma: as produções realizadas pelo ministério comunicar, liderado pelo pastor Adonrian Melo, seguem a padronização de camisa preta e fundo branco para os textos do Novo Testamento e fundo azul, para a inserção de imagens, no Velho Testamento. A missionária Marília Manhães, responsável pelos vídeos A2, por sua vez, relata ter seguido todo o padrão profissional para uma produção de qualidade, sendo observada a iluminação, o plano de fundo, o enquadramento, o vestuário e outros elementos. Em relação ao comentário feito pela produção do vídeo A2, a resposta não é condizente com as imagens por completo, mas sabe-se que novas produções vêm sendo desenvolvidas pela missionária Marília Manhães e padrões ainda mais atualizados estão sendo seguidos.

4. 6.1.3 Questões linguísticas




Para a análise das questões linguísticas, serão abordados os seguintes aspectos: uso de terminologia, datilologia e descritores imagéticos, de acordo com a base teórica referida no capítulo 2.

- Uso de terminologia

Para a pesquisa de terminologia bíblica em Libras, ambos os colaboradores consultados relataram no questionário o uso do Manual de sinais bíblicos. Contudo, em sua resposta, a Missionária Marília Manhães complementa que alguns termos utilizados não foram os registrados no Manual, visto que esse passa por um processo de revisão devido a erros teológicos. Para a produção do vídeo A2, ela ressalta que foi necessário fazer um levantamento dos sinais que eram utilizados por comunidades não evangélicas para que a compreensão da mensagem atingisse um público mais amplo.

O quadro 8 faz referência às terminologias teológicas usadas na tradução. Para isso, comparei as escolhas lexicais realizadas pelos tradutores com o manual produzido pela JMN – O clamor do silêncio: Manual de sinais bíblicos. Esta publicação foi desenvolvida com o objetivo de ajudar os ministérios com surdos dentro das igrejas Batistas, tendo como origem as pesquisas sobre os sinais recorrentes neste contexto, bem como seus significados bíblicos (JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS, 1991).

Quadro 8: Análise comparativa: terminologias teológicas

Questões linguísticas - Terminologia na área religiosa	
Efésios 6: 10 – 17 (Texto A)	
Sinal: DEUS segundo o Manual O Clamor do Silêncio (1991)	
	
Texto A1 (sinal/tempo)	Texto A2 (sinal/tempo)
 <p>0:06</p>	 <p>28:20; 28:26; 28:33; 28:58; 29:43; 29:49; 30:05</p>
O sinal utilizado confere com o Manual de sinais bíblicos da JMN.	O sinal utilizado não confere com o Manual de sinais bíblicos da JMN. Todas as vezes em que a tradutora escolhe o sinal DEUS, a estratégia utilizada é a datilologia da palavra.

Sinal: DIABO segundo o Manual O Clamor do Silêncio (1991)



Texto A1 (sinal/tempo)



0:16

Texto A2 (sinal/tempo)



28:36; 28:44; 29:04

O sinal utilizado confere com o Manual de sinais bíblicos da JMN.

O sinal utilizado confere com o Manual de sinais bíblicos da JMN.

Sinal: FÉ segundo o Manual O Clamor do Silêncio (1991)



Texto A1 (sinal/tempo)



0:59




Texto A2 (sinal/tempo)



29:28; 29:31

O sinal utilizado confere com o Manual de sinais bíblicos da JMN.

O sinal utilizado não confere com o Manual de sinais bíblicos da JMN. Uso da datilologia em vez do sinal registrado no manual.

<p>Sinal: ARMADURA DE DEUS segundo o Manual O Clamor do Silêncio (1991)</p> 	
Texto A1 (sinal/tempo)	Texto A2 (sinal/tempo)
 <p>0:08</p>	 <p>29:23</p>
O sinal utilizado é semelhante ao constante no Manual de sinais bíblicos da JMN.	Não houve a tradução do termo armadura, mesmo ele estando presente no título apresentado. O termo “armadura de Deus” foi substituído por “PODER D-E-U-S”.

Fonte: Araújo (2018).


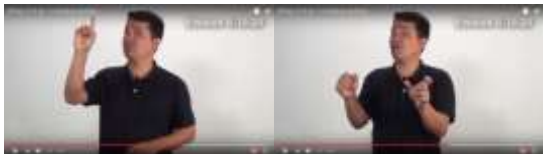

Como se observa no texto A1, as escolhas dos termos teológicos conferem com os sinais já registrados pelo Manual, o que não acontece com o texto A2 que, na maioria das vezes, mesmo com a existência de um sinal registrado, opta pela datilologia de alguns termos.

No texto A2, no termo “armadura de Deus”, a Missionária Marília Manhães optou por uma tradução funcional, realizando a troca dos termos “armadura” por “poder”. Este é um caso em que a terminologia traz consigo toda a representação da metáfora exposta no texto. Contudo, tal substituição pode “enfraquecer” a metáfora apresentada. Além disso, sim, é possível considerar que um dos significados do termo “armadura de Deus” seja “poder de Deus”, mas não é o único, como apresentarei mais adiante.

No texto, o termo “palavra de Deus” é utilizado no versículo 17 da seguinte forma: *Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus.* Normalmente, esta expressão é utilizada para se referir à própria Bíblia. No Manual de sinais

bíblicos, há o sinal de Bíblia registrado, portanto, quando outro termo se refere à Bíblia, costuma-se usar o mesmo sinal. Contudo, na análise entre as traduções, escolhas diferentes foram utilizadas por seus autores – o que demonstra um entendimento distinto do mesmo termo, a depender da opção de cada tradutor, conforme demonstrado no quadro 9 a seguir:

Quadro 9: Análise comparativa da terminologia Palavra de Deus

Questões linguísticas - Terminologia na área religiosa	
Efésios 6: 10 – 17 (Texto A)	
<p>Sinal:</p> <p>PALAVRA DE DEUS</p> 	
Texto A1 (sinal/tempo)	Texto A2 (sinal/tempo)
 <p>1:10</p>	 <p>29:42</p>
O sinal utilizado não confere com o sinal de Bíblia do Manual de sinais bíblicos da JMN.	O sinal utilizado é semelhante ao existente no Manual de sinais bíblicos da JMN. Assim como em outros momentos, no sinal alusivo a DEUS, que compõe o sinal de Bíblia, houve o uso da datilologia.





Fonte: Araújo (2018).

- Uso de datilologia

Como visto no capítulo 2, o uso da datilologia é um elemento das línguas de sinais utilizado para transmitir nomes próprios ou servir de empréstimo linguístico das línguas orais quando ainda não houver um sinal registrado que transmita aquele conceito.

Na análise das produções tradutórias, a presença ou não desta estratégia é bastante perceptível, uma vez que o texto A1 não utiliza este artifício em nenhum momento. Já o texto A2, por seu turno, recorre várias vezes à datilologia.

Quadro 10: Questão linguística – datilologia

Questões linguísticas – Datilologia			
Efésios 6: 10 - 17 (Texto A)			
Tempo	Missionária Marília Manhães (Texto A2)		
28:20; 28:26; 28:33; 28:58; 29:43; 29:49; 30:05	D-E-U-S		
29:18	C-I-N-T-U-R-Ã-O		
29:28 29:31	F-É		 

Fonte: Araújo (2018).



No primeiro caso, no uso do léxico “Deus”, houve o movimento no sentido correto, mas, no espaço superior direito do enquadramento, onde é registrado o sinal de Deus. Nesse caso, acredita-se que o uso da datilologia é escolhido para marcar a pessoa. Em “cinturão”, o movimento e a localização coincidiram com a proposta de Castro Júnior (2011). Vale ressaltar que ela foi utilizada após o uso do sinal de cinturão (ou cinto) e deve ter sido empregada para especificar a palavra cinturão. Já no uso da datilologia em “fé”, não houve movimentação e a localização deu-se em frente ao rosto. Esses exemplos demonstraram a utilização das estratégias propostas por Barbosa (2003), no caso de Deus e fé, estrangeirismo. Já em cinturão, estrangeirismo + explicação.












A proposta gramatical do uso da datilologia por Castro Júnior (2011) é posterior à produção do texto A2 e, após observar a aplicação datilológica neste exemplo, reafirmou-se a necessidade de se estabelecer regras para seu uso na presente pesquisa. Castro Júnior (2011) propõe a necessidade de um movimento, de dentro para fora, que deve acontecer em frente ao peito e não em frente ao rosto. No quadro 10, é perceptível a variação de seu uso nos diferentes momentos, em especial, em instantes cujo rosto da tradutora é coberto pela datilologia – fator que não favorece a leitura da palavra.

- Descritores imagéticos

Como visto no capítulo 2, o uso dos descritores imagéticos enriquece a língua e o entendimento da mensagem, por proporcionar produções mais visuais. Em ambos os textos – A1 e A2 – encontram-se exemplos de descritores imagéticos. Destaco alguns no quadro 11:

Quadro 11: Análise comparativa – descritores imagéticos

Questões linguísticas – Descritores imagéticos			
Efésios 6: 10 – 17 (Texto A)			
Sinal/ Tempo	Pastor Adoniran Melo (Texto A1)	Sinal/ Tempo	Missionária Marília Manhães (Texto A2)
COURAÇA 0:30 0:37		COURAÇA 29:23	

CINTURÃO 0:44		CINTURÃO 29:17	
SANDÁLIAS 0:50		SANDÁLIAS 29:24	
ESCUDO 0:57	 	ESCUDO 29:30	
CAPACETE CAPACETE		CAPACETE 29:38	
FLECHAS 1:48	 		Houve uma omissão desta parte do texto pela tradução.

Fonte: Araújo (2018).

Os descritores imagéticos dos elementos da armadura de Deus – couraça, capacete, cinturão, sandálias e escudo – descrevem o formato, tamanho e densidade dos objetos – utilizando de diversos exemplos de transferência. A seleção destes mesmos termos foi proposital para que fosse possível observar a predileção tradutória de cada especialista, em outras palavras, não há apenas uma possibilidade lexical, mas sim evidência de relações pessoais entre os elementos descritos e o tradutor, sem valorar como melhor ou pior as preferências. O fundamental é que essas escolhas estejam coerentes com a relação entre o objeto e a sua descrição.

Como exposto anteriormente, a descrição dos elementos na Libras é fundamental para enriquecer o texto. Em ambos os materiais analisados, o emprego dos descritores imagéticos foi claro e importante para a transmissão da mensagem, uma vez que diversas características dos objetos foram percebidas com o uso deste elemento linguístico.

4. 6.1.4 Questões tradutórias

Com a exceção da formação do intérprete, as questões tradutórias estão extremamente ligadas às linguísticas, podendo, muitas vezes, haver confusão entre elas. Contudo, para esta pesquisa, as considero escolhas estratégicas para o processo tradutório em si. Portanto, refletirei neste tópico sobre a formação do tradutor, os processos tradutórios e as expressões metafóricas.

1) Quanto à formação do tradutor

Já foi exposto no capítulo 2 a importância da formação dos tradutores, bem como a sua especialização em áreas específicas do conhecimento. Isso se faz necessário pela interferência no produto final da tradução, pela relevância da compreensão prévia do assunto, do reconhecimento dos termos utilizados e da ciência das culturas envolvidas.

Por isso, a escolha das produções videográficas passou pela formação dos tradutores envolvidos no processo, assim como pelas suas experiências em traduções bíblicas. Tanto o pastor Adoniram Melo quanto a missionária Marília Manhães têm formação na área teológica e pertencem à comunidade surda.

Em relação às produções já realizadas pelos tradutores supracitados, registro que o Pastor Adoniran Melo e sua equipe já possuem os 27 livros do Novo Testamento e 18 histórias do Velho Testamento traduzidos. A Missionária Marília Manhães e sua equipe, por

sua vez, já traduziram 23 livros do Novo Testamento. Os demais estão em fase de estudo. Sendo assim, ambos já possuem experiência em trabalhos de tradução para a Libras na área religiosa.

2) Quanto ao processo tradutório

Para a análise do processo tradutório utilizado pelas duas traduções, serão levantadas algumas questões propostas pelo *skopos* de Nord (2016), em relação aos fatores extratextuais e intratextuais. Porém, serão considerados apenas os fatores coletados nos questionários enviados aos tradutores e os dados presentes nos vídeos.

Com as respostas dos questionários recebidas, foi possível conhecer dados sobre as questões técnicas utilizadas, o público-alvo, o papel do tradutor e a linha de tradução – se mais formal ou mais funcional, algumas das respostas são apresentadas no quadro 12.

Quadro 12: Análise comparativa – processo tradutório

Questões do <i>skopos</i>	Pr. Adoniran Melo	Missionária Marília Manhães
Emissor da Bíblia em Libras	Deus / Sinalizador (caso este último não faça um trabalho fiel ao texto sagrado)	Deus
Público-alvo	Surdos usuários da Libras Usuários da Libras Indivíduos crentes Indivíduos não crentes	Surdos usuários da Libras Usuários da Libras
Versão bíblica e fontes de pesquisa	Nova Versão Internacional (NVI) Manual de sinais bíblicos (JMN) Sinais utilizados dentro do âmbito da sua igreja Sinais validados por grupo de	Nova Versão Internacional (NVI) Nova Tradução da Linguagem de Hoje (NTLH) Almeida Revisada e Atualizada (ARA)

	surdos que desenvolvem sinais religiosos (não especificou)	Bíblia de Jerusalém (BJ) Comentários e dicionários bíblicos Dicionários teológicos Mapas bíblicos Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue de língua de sinais Manual de sinais bíblicos (JMN)
Equipe de trabalho	28 pessoas no total (técnicos, programadores, designers, intérpretes e seis surdos) Consulta a pastores surdos (cerca de 17 contatos)	Oito pessoas no total (quatro ouvintes e quatro surdos, dentre elas: teólogos, exegetas, TILS, revisores, produtores e editores de vídeo)

Fonte: Araújo (2018).

A última pergunta do questionário dizia respeito ao emissor, isto é, quem eles consideravam o emissor da Bíblia em Libras. O pastor Adoniran Melo reconhece a complexidade da questão e, pela fé, acredita que a Bíblia é a Palavra de Deus, independentemente da língua. Ainda em sua opinião, quando o intérprete sinalizador não é fiel ao texto sagrado, esse, o sinalizador, passa a ser o emissor. A missionária Marília Manhães, por sua vez, reforça que Deus é o emissor soberano da Bíblia, sendo ela uma mera recebedora do entendimento e significado por meio de Deus, para então, transmitir a mensagem em Libras.

A partir da coleta de dados dos questionários, percebi a atenção destes tradutores com o público-alvo, ao indicar surdos e não surdos usuários de Libras como principais receptores do material. Ambos tiveram a preocupação de buscar materiais de apoio já publicados, como também pastores e exegetas. Ademais, a presença de surdos nas equipes de trabalho demonstra o cuidado na validação das traduções para que a mensagem seja emitida de maneira clara.

Ainda sobre o público-alvo, os dois tradutores consideram seus materiais bilíngues. Porém, observei na análise dos vídeos que a presença de informações em LPB é escassa ou

quase nula – apenas existem as referências do texto traduzido, em ambos, e o título do texto traduzido, no caso do vídeo A2.

1. Estrutura

Para os fatores intratextuais, vale fazer uma comparação entre as estruturas do texto escrito em LPB e as traduções preparadas em Libras. Como mencionado, em línguas escritas, a Bíblia possui uma divisão meramente didática para facilitar as pesquisas e os estudos. Além disso, os textos costumam apresentar títulos de acordo com cada história – este modelo já foi exposto no capítulo 3.

Nos vídeos, o texto A1 inicia-se sem a apresentação do título. Em contrapartida, o texto A2 expõe o título antes do início da tradução do texto. Em seguida, ambos mostram qual será o trecho traduzido: A1 mantém esta informação durante todo o vídeo no canto superior direito da tela e A2 apenas quando mostra o título, como demonstrado nas figuras 12 e 13.

Figuras 12: Apresentação do título 1



Fonte: A Bíblia em Libras Comunicar (2017).

Figuras 13: Apresentação do título 2



Fonte: A Bíblia em Libras – Carta de Paulo aos Efésios (2005).

Nas pesquisas realizadas, além das duas traduções expostas neste trabalho, apenas a tradução feita pelas Testemunhas de Jeová mostra exatamente o versículo o qual está sendo sinalizado no decorrer do vídeo. Este método pode favorecer pesquisas que se disponham a traduzir a Bíblia versículo por versículo, assim como no texto escrito. Nas traduções apresentadas, por seu turno, é necessário que se veja todo o vídeo e que se tenha conhecimento do texto na LPB para fazer o recorte desejado.

Todavia, na atual pesquisa, é impossível saber a real possibilidade de se realizar esta divisão, por versículos, seguindo a orientação dos textos de línguas orais na modalidade escrita, uma vez que as estruturas linguísticas são diferentes e necessitam de ajustes sintáticos. Seria preciso realizar a tradução de toda a Bíblia para afirmar a viabilidade desta metodologia. Por enquanto, a maioria das traduções bíblicas segue a divisão das perícopes.

Por fim, não há a presença de notas de rodapé, comentários ou glossários no início ou no final dos textos analisados. Estes artifícios são usados nos textos escritos para incluir alguma explicação sobre o texto sem interferir diretamente sobre ele. Quando o assunto é a Libras e se constata a brevidade de seus registros e padronizações, é importante utilizar esta tática sempre que possível.

3) Quanto às expressões metafóricas

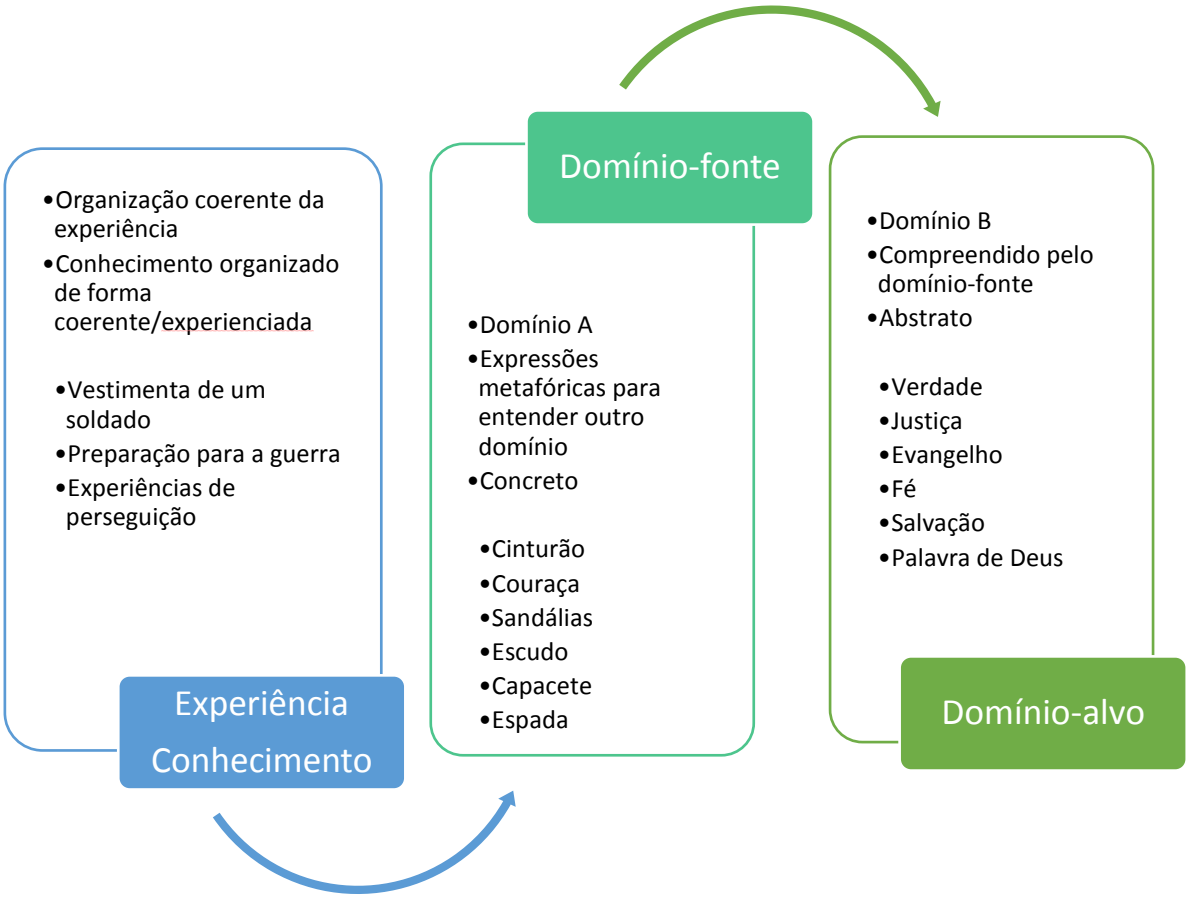
Lakoff e Johnson (1980) conceituam as metáforas como uma forma de cognição humana para representar suas experiências no mundo, as quais são, inicialmente, produzidas no pensamento, para, posteriormente, serem projetadas na fala. Deste modo, para a análise da presente pesquisa, mais do que perceber se as expressões metafóricas passaram por uma tradução literal ou livre, pretende-se observar como as escolhas tradutórias foram capazes de manter as relações metafóricas na sinalização dos textos.

No texto em análise, por exemplo, pode-se encontrar a metáfora da “Armadura de Deus” como sendo um acessório indispensável para a vida cristã. Nesse texto, cada uma das partes da armadura tem relação com uma característica ou objeto fundamental para o exercício da vida cristã. A primeira pergunta que pode surgir é: por que o uso desta metáfora na Bíblia?

Ball (2000) levanta a hipótese interessante de que, provavelmente, as circunstâncias da elaboração do trecho analisado de Efésios 6: 10-20 condiz com a relação entre o soldado que vigiava os presos na prisão. Assim, estando Paulo preso de frente àquele soldado, observou-o como estava vestido e pronto para a guerra. No texto de Efésios, Paulo explica que os cristãos

estão em guerra, não contra outros homens, mas contra o diabo, e que devem estar preparados assim como os soldados. Dessa forma, ele desenvolve a seguinte metáfora, segundo o esquema a seguir:

Figura 14: Construção da metáfora “Armadura de Deus”











Domínio-fonte A	Domínio-alvo B
Cinturão	Verdade
Couraça	Justiça
Calçados/Sandálias	Preparação do evangelho da paz
Escudo	Fé

Capacete	Salvação
Espada (do espírito)	Palavra de Deus

Fonte: Araújo (2018).

Ao se observar as escolhas realizadas pelos tradutores na metáfora, é possível concluir que, em ambos os textos, a opção adotada foi a manutenção desta relação tanto no domínio-fonte quanto no alvo.

Quadro 13: Análise comparativa: elementos da metáfora

Questões linguísticas – Metáfora Efésios 6: 10 – 17 (Texto A)			
Sinal/ Tempo	Pastor Adoniran Melo (Texto A1)	Sinal/ Tempo	Missionária Marília Manhães (Texto A2)
COURAÇA 0:30 0:37		COURAÇA 29:30	
COURAÇA 0:30 0:37		COURAÇA 29:23	
CINTURÃO 0:44		CINTURÃO 29:17	
SANDÁLIAS 0:50		SANDÁLIAS 29:24	

ESCUDO 0:57		ESCUDO 29:30	
CAPACETE 1:06		CAPACETE 29:38	
ESPADA 1:10		ESPADA 29:44	

Fonte: Araújo (2018).

Na análise das escolhas metafóricas, as estratégias utilizadas ocorreram de modo diferenciado. No texto A1, as escolhas foram mais voltadas para a manutenção das metáforas, sem explicações ou acréscimos, com exceção do trecho 2, segundo o quadro 13. No caso do texto A2, é possível perceber a tendência mais funcional das escolhas, mesmo que as metáforas tenham sido mantidas, pois se optou por explicações, acréscimos e, em um momento, omissão, para que o texto ficasse mais agradável e pouco ou nada estranho para os surdos.

Quadro 14: Análise comparativa – tradução da metáfora

Trecho 1 em LPB	14 Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça.		
Tradução A1	VOCÊ CINTURÃO COURAÇA JUSTIÇA,	PRECISAR VERDADE, TAMBÉM	Estratégia: tradução literal. A metáfora foi mantida como no texto-fonte, sem acréscimos.

Tradução A2	POR ISSO AGORA PRECISAR PREPARAR PRECISA FALAR A VERDADE PARECER CINTO C-I-N-T-U-R-Ã-O, PRECISAR JUSTIÇA COSTAS FERRO COURAÇA	Estratégia: estrangeirismo e transferência com explicação. A metáfora foi mantida, mas houve uma explicação tanto no falar a verdade quanto na forma e no material da couraça.
Trecho 2 em LPB	15 Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz;	
Tradução A1	TAMBÉM PÉ COLOCAR SANDÁLIAS (de cano alto) HISTÓRIA JESUS PAZ EVANGELIZAR PAZ	Estratégia: transferência com aclimação. A metáfora foi mantida como no texto-fonte, mas com o acréscimo de que seria o evangelho.
Tradução A2	TAMBÉM CALÇADO RESISTENTE FALAR VONTADE ANUNCIAR JESUS MOSTRAR PAZ	Estratégia: transferência com aclimação. A metáfora foi mantida como no texto-fonte, mas com acréscimo de informações.
Trecho 3 em LPB	16 abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno.	
Tradução A1	VOCÊ TAMBÉM PRECISA COLOCAR ESCUDO FÉ. PORQUE DIABO FECHA 3sATIRAR1s BATER ESCUDO DESVIAR FECHA ATIRAR BATER ESCUDO DESVIAR FECHA ATIRAR BATER ESCUDO DESVIAR	Estratégia: equivalência. A metáfora foi mantida como no texto-fonte, sem acréscimos.
Tradução A2	MOSTRAR F-É ESCUDO PARECER MOTRAR FÉ CONSEGUIR CONSEGUIR TUDO DIABO	Estratégia: transferência com explicação. A metáfora foi mantida como no texto-fonte,

	ARTIMANHAS _{IS} VENCER. VOCÊ CONSEGUIR MOLEZA	mas houve uma omissão da função do escudo, sendo trocada por uma explicação.
Trecho 4 em LPB	17 Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus;	
Tradução A1	TAMBÉM VOCÊ PODE USAR CAPACETE SALVAÇÃO, TAMBÉM ESPADA ESTA _{espada} PALAVRA DEUS	Estratégia: tradução literal. A metáfora foi mantida como no texto-fonte, sem acréscimos.
Tradução A2	IGUAL CAPACETE MOSTRAR TAMBÉM BÍBLIA PARECER ESPADA MOSTRAR ESPÍRITO DÁ.	Estratégia: transferência com explicação. A metáfora foi mantida como no texto-fonte, mas com acréscimos.

Fonte: Araújo (2018).

As escolhas realizadas pela tradução no caso das metáforas, se o princípio do tradutor for mais funcionalista, passam por uma linha tênue entre o que diz o texto e o que o tradutor entendeu. No contexto deste estudo, cujo trabalho está diretamente relacionado a um texto sensível – mensagem da Bíblia –, a preocupação é a seguinte: estudar e considerar as muitas variáveis possíveis na tradução, a fim de se manter o significado, os acréscimos, as explicações e as omissões para que não haja prejuízo no decorrer do texto.

Existe na Bíblia um certo dinamismo entre os textos ali apresentados, os intratextos. Estas conexões permitem ao leitor interpretar e entender seus dizeres específicos com o auxílio de estratégias. No caso da tradução para a Libras, substituir um termo ou expressão por uma explicação pode comprometer o entendimento de outros textos. Por outro lado, como já exposto anteriormente, o uso de estratégias como os acréscimos e explicações, dentro do próprio texto, muitas vezes é a opção mais viável para que não se perca o entendimento e a fluência do texto.

A respeito da escolha sobre uma das teorias de tradução, o Pastor Adoniran Melo disse ter como base os princípios da hermenêutica bíblica. Marília Manhães, por sua vez, afirmou utilizar uma tradução baseada no significado. Ademais, ela informou que existe uma grande preocupação por sua parte no significado da mensagem original, com extremo cuidado para

não acrescentar ou omitir elementos ao significado. A missionária ainda especificou na resposta do seu questionário que, no caso de palavras ou ideias desconhecidas, opta pelas seguintes soluções: orações descritivas ou substituições da ideia original em LPB por algo semelhante em Libras, ou seja, informação conhecida na comunidade surda.

4.7 Aplicação do texto sagrado baseada nos princípios propostos por Nord (2016)

Neste tópico serão utilizadas as mesmas questões recomendadas no Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (NAVES et al, 2016), a saber: questões técnicas, linguísticas e tradutórias – sendo a última baseada em Nord (2016), segundo sua análise textual voltada para a tradução.

4.7.1 Questões técnicas

A qualidade do produto videográfico em Libras depende, em grande parte, das questões técnicas. Por isso, elas não podem e não devem ser desconsideradas no processo tradutório. As normas sugeridas por Marques e Oliveira (2012) e também utilizadas no Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (NAVES et al, 2016) para a produção de janela de Libras, atendem, em grande parte, às necessidades dos textos bíblicos.

Quadro 15: Questões técnicas na tradução de textos bíblicos

Norma proposta por Marques e Oliveira (2012)		Possíveis sugestões para os textos bíblicos
Iluminação	Sem excesso ou carência de brilho; sombras precisam ser evitadas.	Sem adequações.
Plano de fundo	Fundo branco.	Caso necessário, fazer o uso de fundo azul ou verde que permita a inserção de imagens.
Enquadramento do intérprete	Parte superior: entre 10cm e 15cm acima da cabeça. Parte inferior: na linha do umbigo. Parte lateral: mais de 10cm para	Sem adequações.

	cada lado dos cotovelos no momento em que os dedos médios se tocam em frente ao peito.	
Vestuário	<p>Camisetas tipo básica (<i>T-Shirt</i>), com mangas curtas ou longas; o decote não deve ser aberto, não deve ter estampas, formas, listras, botões ou bolsos.</p> <p>Pessoas de pele clara: utilizar camisas com cor azul marinho para os títulos, preta para os textos e vermelha para as citações.</p> <p>Pessoas morenas ou negras: utilizar camisas com cor bege para os títulos, cinza para os textos e vermelha para as citações.</p>	<p>A divisão de cores para os textos bíblicos pode ser uma alternativa viável – seguindo a mesma linha de pensamento de Marques e Oliveira (2012).</p> <p>Camisas com cor azul marinho ou bege para identificar o texto (nome do livro, capítulo e versículos). Fazer uma pausa e informar o título da perícopes. Camiseta preta ou cinza para o texto e vermelha, caso o tradutor deseje fazer algum comentário sobre o texto, no início ou no final da tradução.</p>

Fonte: Araújo (2018).

4. 7.2 Questões linguísticas

O uso correto da terminologia, da datilologia e dos descritores imagéticos ajuda a proporcionar um produto final mais adequado aos usuários da Libras, de forma clara e compreensível. As questões linguísticas, essas e outras, estão ligadas ao conhecimento do tradutor sobre a língua-alvo e suas culturas. Por suas características, a Libras é uma língua que tem sido registrada e estudada há pouco tempo, se comparada às línguas orais. Por essa razão, é primordial que o TILS esteja em constante estudo e aprimoramento da língua de chegada, haja vista que não só os estudos teóricos são fundamentais para o aprimoramento deste especialista mas também a convivência na comunidade surda é requisito essencial e indicado e, neste caso especificamente, em uma comunidade cristã.

4. 7.3 Questões tradutórias

A formação do tradutor passa pela valorização do trabalho e do tempo investido em estudos específicos da área da tradução para que o trabalho seja feito de forma segura e coerente. Contudo, o tempo dedicado dentro das faculdades e universidades é insuficiente para a especificação do trabalho. Assim, cabe ao profissional buscar conhecimento específico na área desejada. Para a condição de tradução de textos bíblicos, acredito ser essencial o aprofundamento no estudo dos termos e interpretações deles. Para isso, a vivência em uma comunidade cristã e/ou estudos teológicos é/são indispensável(eis) para este tradutor.

As escolhas lexicais tomadas nas questões metafóricas, apesar de todos os questionamentos que as envolvem estão relacionadas a como será feita a análise do texto, a como o tradutor entende o objetivo do texto e a qual público-alvo a tradução se destina. O importante é que, após o estudo do texto, este especialista encontre as teorias que darão suporte às escolhas adotadas.

Essas escolhas tradutórias são individuais e dependem da relação, da intimidade e do conhecimento que o tradutor tem com as línguas envolvidas neste processo. Dessa forma, não há que se julgar aqui ou em qualquer outro trabalho as melhores e mais adequadas preferências. Não obstante, é com esta parcela da pesquisa que pretendo contribuir um pouco mais para que os processos tradutórios sejam realizados de forma mais segura e uma metodologia de tradução possa oferecer uma possível rota nesta árdua tarefa.

O processo tradutório proposto por Nord (2016) passa não só pela análise do *skopos* do texto-fonte, como também pela adequação para o receptor. No caso das traduções bíblicas, o iniciador (INI), aquele que tem interesse pelo texto traduzido, pode ser a comunidade surda, um surdo específico ou o próprio tradutor. O tradutor (TRD) pode ser tanto um ouvinte quanto um surdo com a compreensão bicultural das línguas envolvidas. Os receptores ou o público-alvo são, sobretudo, os surdos usuários de Libras que buscam o conhecimento das histórias narradas na Bíblia, mas, outros públicos também podem ser atingidos por este mesmo produto final, como os ouvintes usuários da Libras, por exemplo.

O levantamento do *skopos* do texto-fonte de Efésios 6: 10-20, será iniciado pelos fatores extratextuais que foram especificados no capítulo 3. Mas, antes disso, deve-se atentar para o fato de que todo o processo tradutório tem início com um texto-fonte. Além disso, uma vez que a Bíblia tem diversas versões publicadas, se faz necessária a escolha de uma delas para este trabalho.

Com a relevância que o público-alvo tem no processo tradutório e na abordagem funcional – com a intenção de oferecer um material bilíngue –, é essencial retornar ao assunto sobre o processo educacional atual do surdo no Brasil. Sobre uma perspectiva bilíngue, considerando a LPB como segunda língua, é compreensível verificar a utilização de materiais em versões que possibilitem uma leitura mais fluida pelos surdos, mesmo que haja algumas críticas em relação às suas estratégias tradutórias.

Por conseguinte, a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), em uma versão mais funcional, facilita a compreensão da leitura pelos surdos. Contudo, para a aplicação do modelo de análise textual apresentado por Nord (2016) durante o estudo do *skopos*, são utilizadas outras versões e estudos que permitem uma aproximação do texto original com abordagens mais formais. Para isso, a versão Almeida Revisada e Atualizada (ARA) servirá de suporte principal para a pesquisa neste estudo.

Para ciência, seguem os textos nas duas versões:

Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH)

A armadura do cristão

10 Para terminar: tornem-se cada vez mais fortes, vivendo unidos com o Senhor e recebendo a força do seu grande poder. 11 Vistam-se com toda a armadura que Deus dá a vocês, para ficarem firmes contra as armadilhas do Diabo. 12 Pois nós não estamos lutando contra seres humanos, mas contra as forças espirituais do mal que vivem nas alturas, isto é, os governos, as autoridades e os poderes que dominam completamente este mundo de escuridão. 13 Por isso peguem agora a armadura que Deus lhes dá. Assim, quando chegar o dia de enfrentarem as forças do mal, vocês poderão resistir aos ataques do inimigo e, depois de lutarem até o fim, vocês continuarão firmes, sem recuar. 14 Portanto, estejam preparados. Usem a verdade como cinturão. Vistam-se com a couraça da justiça 15 e calcem, como sapatos, a prontidão para anunciar a boa notícia de paz. 16 E levem sempre a fé como escudo, para poderem se proteger de todos os dardos de fogo do Maligno. 17 Recebam a salvação como capacete e a palavra de Deus como a espada que o Espírito Santo lhes dá. 18 Façam tudo isso orando a Deus e pedindo a ajuda dele. Orem sempre, guiados pelo Espírito de Deus. Fiquem alertas. Não desanimem e orem sempre por todo o povo de Deus. 19 E orem também por mim, a fim de que Deus me dê a mensagem certa para que, quando eu falar, fale com coragem e torne conhecido o segredo do evangelho. 20 Eu sou embaixador a serviço desse evangelho, embora esteja agora na cadeia. Portanto, orem para que eu seja corajoso e anuncie o evangelho como devo anunciar.

Almeida Revisada e Atualizada (ARA)

A armadura de Deus

10 Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. 11 Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; 12 porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. 13 Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. 14 Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. 15 Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; 16 abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. 17 Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; 18 com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos 19 e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, 20 pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo.

• Emissor e intenção do emissor

Para discorrer sobre o emissor deste texto, apesar de se tratar do último capítulo desta carta, será preciso retornar às outras cartas consideradas como as de autoria de Paulo. Assim, será possível colher algumas informações e pesquisar referências adicionais sobre a vida e o contexto histórico deste autor-personagem.

No caso dos participantes das histórias bíblicas, a bibliografia pode ser comprometida por falta de dados sobre seu início e fim, e ainda por apresentar omissões em momentos das suas vidas. Sobre Paulo, o emissor deste texto, só se tem alguns registros pessoais encontrados nas cartas escritas por ele (BALL, 2000).

Nascido na cidade de Tarso, por volta do ano 3 d.C., foi batizado com o nome de Saulo, mas por viver em um mundo romano, também era chamado de Paulo, a versão em Latim do seu nome. Foi um grande homem religioso e fanático ao Judaísmo. Após a morte de Jesus, quando seus seguidores se reuniam para adorações e pregações em praças públicas, Saulo, movido pela ira e crueldade, decidiu perseguir e eliminar todos que fossem contra o Judaísmo. Os nazarenos, como eram conhecidos os seguidores de Jesus, tinham seus ensinamentos

contrários à Lei de Moisés, afirmando que Jesus era o prometido. Assim, para Saulo, deveriam ser silenciados (BALL, 2000).

Segundo o mesmo autor, a perseguição contra os nazarenos se tornou mais obstinada e cruel para Saulo – sendo conhecido em toda a região como o mais feroz inimigo de Jesus. Contudo, a perseguição não fez com que o grupo se extinguisse, mas, pelo contrário, eles se dispersaram e continuaram a anunciar suas crenças por onde iam. Este acontecimento, por um lado, fazia Saulo duvidar dos seus propósitos e, por outro, aumentava a sua ira.

Em uma de suas viagens de perseguição aos nazarenos para Damasco, o livro bíblico de Atos, capítulo 9, narra o encontro entre Saulo e o Cristo – momento este marcado por um grande brilho vindo do céu que o cegou. Naquele instante, Saulo teve uma conversa com Cristo e compreendeu que estava equivocado quanto às suas ideias. Ao chegar a Damasco, Saulo recupera sua visão, é batizado e começa um novo momento em sua vida, desta vez, como proclamador de Cristo.

A partir deste fato, Saulo passa de perseguidor para perseguido e os líderes judeus, enfurecidos pela mudança de comportamento de Saulo, pretendem matá-lo. Impossibilitado de sair da cidade de Damasco por ordem de prisão do governador, Saulo foge em um cesto, por cima dos muros da cidade, para Jerusalém (II Coríntios 11, versículos de 32 a 34).

A mudança de Saulo para Paulo ocorreu com o passar do tempo, refletindo uma nova personalidade e forma de vida:

Movimentando-se entre os gentios, Saulo passou a ser chamado de Paulo, pois essa era a forma romana de seu nome. Enquanto estava na sinagoga, e mesmo depois de tornar-se cristão, era conhecido pelos amigos como Saulo. Mas esse nome era israelita, e de certa forma representava tudo o que ele fora como judeu e fariseu. O nome Paulo indicava o novo homem e seu novo trabalho. Enquanto permaneceu entre os gentios das províncias, foi se tornando cada vez mais conhecido como Paulo, com o correr dos anos, até o fim de sua vida, usou o nome romano para assinar todas as suas cartas (BALL, 2000, p. 51).

No decorrer dos anos, Paulo percorreu diversas cidades como missionário: Jerusalém, Tarso, Antioquia, Chipre, Icônio, Lista, Derbe, Trôade, Filipos, Tessalônica, Atenas, Corinto e Éfeso, dentre diversas outras cidades. Neste percurso, ajudava a fundar igrejas, anunciava a vida de Jesus e revisitava as novas igrejas. Entretanto, sempre foi perseguido e, muitas vezes, expulso das cidades, sob ameaça de morte, além de ter sido apedrejado e preso.

O fim dos trabalhos e da vida de Paulo é narrado no texto de I Timóteo, capítulo 4. Ball (2000, p. 119), segundo seus estudos da época, descreve sua ideia sobre os últimos acontecimentos após seu julgamento, aproximadamente no ano 63 d.C.: “Era uma sentença de morte. Por ser um cidadão romano, Paulo não seria crucificado, mas decapitado”.

Depois da breve síntese sobre a vida de Paulo, é possível compreender suas intenções ao escrever as cartas para as igrejas. Muito possivelmente, sua formação ajudou a aconselhá-las no caminho que ele acreditava ser o mais próximo da vontade de seu Deus. Ele tinha receio, por exemplo, de que as igrejas, ainda novas na fé, pudessem ser influenciadas por ideias opostas das que ele, Paulo, havia passado para os líderes locais.

• Público-alvo

Em relação ao público-alvo do texto-fonte, ele era direcionado às igrejas e aos cristãos da época. Durante sua vida cristã, Paulo costumava escrever cartas para as igrejas que ajudou a fundar ou visitou em algum momento. Dos livros bíblicos, 13 são considerados escritos por ele: Romanos, I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses, I Timóteo, II Timóteo, Tito e Filemom.

A carta aos Efésios é considerada uma mensagem mais generalista, direcionada a todas as igrejas e não somente a de Éfeso. Isso é inferido pela falta de cumprimentos pessoais, o que era de praxe fazer:

Não foram feitas referências pessoais, nem saudações às famílias locais ou colaboradores. Se a carta fosse destinada apenas aos efésios, Paulo teria enviado cumprimentos a muitos, segundo o seu costume, pois trabalhara três anos entre eles – mais tempo que em qualquer outra cidade. Em vez disso, pretendia que ela fosse uma admoestação final a várias igrejas (BALL, 2000, p. 112).

Hoje em dia, as cartas de Paulo continuam a ser estudadas como forma de conhecer determinadas orientações indicadas para as igrejas – considerando que os problemas vividos antigamente ainda podem ser encontrados nos tempos atuais. Evidentemente, em alguns casos, é preciso considerar os costumes vividos no contexto de produção da mensagem para se compreender alguns conselhos.

No caso da proposta de uma tradução para a Libras, presume-se que o principal público-alvo seja o indivíduo surdo usuário de Libras que deseja conhecer mais das histórias

bíblicas. Nessa situação, é importante que o tradutor avalie as necessidades de estratégias de tradução para que a apresentação dos personagens e lugares presentes nas histórias, bem como as adaptações culturais – levando em conta as falhas educacionais ainda não bilíngues e o limitado conhecimento de mundo de alguns surdos – sejam efetivadas satisfatoriamente.

Quanto aos sinais de personagens e lugares bíblicos, o Manual de sinais bíblicos registra 93 personagens e 25 lugares. Todavia, a grande maioria dos surdos, principalmente os que não fazem parte ativamente de uma comunidade cristã, dificilmente conhecerá esses sinais. Para isso, o tradutor pode apresentar três estratégias: a) realizar a datilologia juntamente com os sinais dos personagens e lugares sempre que forem mencionados; b) desenvolver um glossário que apresente esses sinais; c) no caso de lugares, representá-los mediante mapas.

• Meio

O texto-fonte se encontra no meio escrito. Contudo, essa tradução se trata de uma mudança de modalidade, ou seja, o texto deixa de ser escrito e passa ser visual e, com isso, algumas características mudarão. De todo modo, um aspecto que pode ser considerado como o mesmo nos dois casos é a ausência física do público-alvo, o que impossibilita qualquer tipo de interação.

O que é facilmente percebida na tradução é a mudança da estrutura, que será tratada a seu tempo. No entanto, nas produções videográficas, é possível agregar outros sistemas linguísticos para melhorar a compreensão do público-alvo, como é o caso do uso de imagens que, por serem visuais, corroboram com o entendimento e fixação do conteúdo sinalizado. Assim, os surdos, por sua característica linguística, são favorecidos com as informações visuais. Portanto, o uso de imagens pode ser proveitoso, principalmente quando puder mostrar traços culturais que não fazem mais parte do cotidiano, caso presente no texto de Efésios 6: 10-20.

• Lugar e tempo

De acordo com Ball (2000), os tempos vividos por Paulo eram concentrados na região do Mediterrâneo, onde três nações dominavam as demais: Roma, Grécia e Israel. Roma possuía uma grande força nos seus exércitos, o que permitiu que governasse o “mundo”. A Grécia, por sua vez, era detentora do conhecimento e da cultura – a arte, a literatura e a ciência. Vale ressaltar que mesmo sob os domínios do império romano, a língua grega era considerada própria das pessoas cultas. Por isso também, o Velho Testamento (fração bíblica

antes do nascimento de Jesus) foi traduzido para o grego e as cópias mais antigas do Novo Testamento (porção bíblica após o nascimento de Jesus) estão em grego.

Israel foi a nação que mais deixou sua marca por questões religiosas. Este povo estava disperso por todos os lugares e, à vista disso, construíam sinagogas para adoração onde habitavam. Essa disseminação ocorreu devido ao fato de a Assíria, a Babilônia e Roma invadirem a Palestina e levarem judeus para os cativeiros. Assim, os israelitas conseguiam influenciar todas as culturas para as quais imigravam.

Ainda vale lembrar que, por uma questão religiosa, os seguidores de Jesus eram perseguidos, presos e mortos. Por isso, Paulo vivia uma condição muito delicada desde a sua decisão de aceitar as novas ideias religiosas da época.

- Assunto

O assunto desenvolvido por Paulo, neste trecho específico, condiz com a preparação que o cristão deve ter para enfrentar e permanecer firme frente às guerras espirituais que podem surgir durante a sua vida. Dessa forma, assim como nos demais textos bíblicos, é fundamental que o tradutor tenha familiaridade com os termos que possam vir a aparecer no texto.

Para saber quais escolhas devem ser feitas, é preciso reconhecer o “horizonte” do seu público-alvo. Esta é uma questão que merece uma atenção especial do tradutor. Tendo selecionado o público-alvo, como os surdos usuários de Libras, há de se saber que, mesmo dentro deste grupo, existe uma grande variação de escolarização, tanto em Libras como em LPB, de conhecimento de mundo, de acesso a informações e outros conhecimentos linguísticos significativos.

Nesse aspecto, é válido considerar as possibilidades de notas e comentários, principalmente antes do texto para que o entendimento seja mais claro, bem como a criação de um glossário para os possíveis sinais-termo utilizados durante a tradução.

- Conteúdo

Foulkes (1993) faz uma análise do texto de Efésios 6: 10-20, buscando, inclusive, entender melhor os registros bíblicos a partir do original na língua grega. Ei-la a seguir:

10 Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. No início deste trecho, o autor afirma que o verbo no grego transmite ideia de passividade, a pessoa não fortalece a si própria, e de continuidade.

11 Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo. Aqui se encontra a junção de todos os instrumentos que o cristão precisa ter para viver satisfatoriamente bem neste mundo. Esses instrumentos podem tanto se referir à armadura do próprio Deus como ao que Ele oferece. O autor também explica por que usá-la: para permanecer firme na guerra contra o inimigo. Nesse ponto, Foulkes (1993) concorda com Ball (2000) na relação que Paulo fez entre o soldado que o vigiava e os crentes em suas batalhas espirituais.

12 porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Esse versículo reforça e deixa mais claro contra quem os cristãos estão lutando. “Os cristãos devem batalhar contra aqueles que, debaixo da autoridade do próprio diabo, possuem tal poder no mundo e, em consequência, mantêm os homens nas trevas” (FOULKES, 1993, p. 142)

13 Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. O dia mau se refere aos dias nos quais os conflitos e as perseguições se agravam. Apesar de tudo que passariam e passarão, os cristãos deveriam e deverão permanecer firmes.

14 Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. A partir desse ponto, são descritas as peças da armadura, na mesma ordem em que são colocadas pelo soldado. O verbo “cingir-se” é utilizado em outros textos bíblicos, descrevendo a ação preparatória e necessária para o uso das roupas da época. Têm-se, então, uma relação com outros textos da Bíblia: Isaías, capítulo 11, versículo 5 apresenta os dizeres “a justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade, o cinto dos seus rins” e o capítulo 59, versículo 17 do mesmo livro enuncia “vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o capacete da salvação na cabeça”. Além disso, há outra peça – a couraça da justiça – que o autor entende como a retidão de caráter, isto é, lealdade aos princípios e à santa lei de Deus.

15 Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz. Neste trecho, entende-se que o cristão deve estar em prontidão para levar o evangelho e, mais uma vez, Paulo faz uma relação com outro texto bíblico de Isaías, capítulo 52, versículo 7 – “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!” Além de apresentar o sentido de que o cristão deve estar fundamentalmente preparado para as adversidades da vida, o autor lembra que as sandálias romanas possuíam cravos em suas solas para evitar que

escorregassem durante a luta. Assim, o evangelho da paz produzirá em todos aqueles que creem na Palavra a serenidade e firmeza para encarar os desafios que surgirem.

16 abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Nos tempos de Paulo, os dardos eram feitos com estopas e embebidos com substâncias inflamáveis. Dessa forma, os escudos de madeira que cobriam quase todo o corpo do soldado precisavam ser cobertos com couro, a fim de cessar o fogo rapidamente. Paulo imaginava as armas do inimigo como fogo e entendia a necessidade do cristão de proteger-se com sua fé.

17 Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; A salvação é vista como um instrumento de proteção oferecida por Deus e remete mais uma vez a Isaías 59:17. Por fim, há a espada. A Bíblia é comparada à espada em outros trechos, como em Hebreus, capítulo 4, versículo 12 – “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”. No entanto, a ideia aqui é usá-la como arma defensiva. O próprio Jesus fez uso de textos bíblicos na ocasião em que foi tentado (Mateus, capítulo 4, versículos de 1 a 10).

18 com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos. Apesar de a oração não estar incluída na armadura em um momento de conflito, a oração é um instrumento de grande importância para os que creem. E a interpretação deve ser feita como um pedido de Paulo para que as pessoas usem toda esta “vestimenta” em oração e que seja realizada a todo tempo. Por fim, Paulo lembra aos cristãos de orar pelos outros que também passam por conflitos.

19 e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, Paulo continua suplicando por oração, agora por si próprio, não pela sua liberdade, mas por coragem e sabedoria para continuar o que acreditava ser sua missão.

20 pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo. O termo embaixador é usado por Paulo por este acreditar ser a representação do seu Deus e sentir o peso da responsabilidade que carregava.

Isto posto, o texto é rico em relações metafóricas, mas elas não se prendem apenas ao trecho apresentado. É preciso entender a história de Paulo mais aprofundadamente. As referências apreendidas no estudo da vida deste personagem bíblico – estudioso das

Escrituras, entre outros –, podem ajudar a entender as relações entre seus textos, assim como a decidir pela melhor proposta de tradução – seja efetuando a tradução de parte ou de todo o texto sagrado. Essas escolhas não podem ser esquecidas de modo algum, pois elas tendem a favorecer o entendimento do receptor.

- Pressuposições

Segundo Nord (2016), é aconselhável que o emissor e o receptor tenham uma quantidade aceitável de pressuposições em comum em relação ao texto que os conecta. No caso estudado neste estudo, suponho que o emissor seja tanto Paulo como todos os tradutores que puderam trabalhar em seu texto. Ressalto mais uma vez que, em contextos de textos bíblicos – e sua forte ligação com a fé –, é importante o tradutor compartilhar da mesma linha de fé que a do autor do texto-fonte. Analogamente, o receptor, no momento da acolhida do texto, também deve possuir pré-conceitos sobre as narrativas bíblicas. Assim, a apreensão de informações deste será potencializada.

Em relação à interferência cultural nas pressuposições, é fundamental que o tradutor esteja atento às necessidades referenciais dos surdos. Como já foi colocado neste trabalho, devido à falta de acessibilidade a informações, em alguns momentos é indispensável optar pela extensão do texto para abranger uma explicação ou comentário.

- Estruturação

Uma das características visivelmente alterável em uma tradução de texto escrito para a Libras é a estrutura. A saída do papel para o vídeo acarreta inúmeras mudanças. É imprescindível lembrar que, apesar de Marques e Oliveira (2012) descreverem as produções videográficas em Libras como uma forma de escrita pelo seu valor de registro, em alguns itens é necessário que ocorram mudanças ou adaptações para que o texto não seja prejudicado em sua fluência.

Apesar de identificar as orientações sugeridas por Marques e Oliveira (2012) nas produções em Libras, ainda é necessário que outras questões sejam levantadas em novas pesquisas, como, por exemplo, os aspectos alusivos à estruturação, dentre eles: a inclusão de comentários, explicações e referências, onde e quando devem ser colocadas para que não haja comprometimento do texto em Libras etc. Outras possibilidades de investigação podem advir de questões relacionadas às especificidades de textos como os bíblicos no tocante a: nome do livro, divisões de capítulos e versículos, bem como indicação de títulos.

Outra importante questão a ser estudada é a transformação real dos vídeos em um material bilíngue – prática que vem sendo defendida dentro da comunidade surda. Para isso, é necessário que todas as informações sejam operacionalizadas nas duas línguas sugeridas, no caso, Libras e LPB. Dessa forma, é imperativo o uso de legendas acessíveis nos vídeos.

- Léxico

Como as escolhas lexicais estão intimamente ligadas ao público-alvo, a escolha da versão bíblica pode ser determinante, pelo menos na utilização de legendas. O fato é que, por mais que as traduções formais da Bíblia possam parecer mais próximas do original, sua leitura não corresponde à LPB como segunda língua, tampouco favorece o entendimento por parte do surdo. Por isso, para se ter um melhor alcance da mensagem traduzida, é viável pensar em uma versão mais funcional do léxico nas legendas.

Quanto ao processo tradutório em si, percebi que os dois tradutores inquiridos por meio de questionário demonstraram empenho em realizar diversas pesquisas em várias versões da Bíblia e até estudos nos originais sagrados, a fim de se manter a maior aproximação possível com os textos-fonte. A respeito da comparação entre as escolhas lexicais em Libras – nos casos de textos mais solenes, como as versões formais, e de textos mais funcionais –, observei que não existem tantas possibilidades como em LPB.

Variação linguística ocorre naturalmente em Libras, principalmente por conta de características culturais tão significantes encontradas em cada uma das cinco regiões do Brasil. Por isso também, elas devem ser levadas em conta no processo de tradução. Se estes cuidados forem observados, a mensagem traduzida possivelmente terá mais êxito em ser compreendida por um número maior de indivíduos em toda a nação.

Nas traduções de parábolas e metáforas, por serem intensamente ligadas ao aspecto cultural, o léxico deve ser bastante estudado para que o especialista em questão avalie a necessidade ou não de adaptações transculturais. No caso do texto analisado neste trabalho, a metáfora está presente logo no título “A armadura de Deus”. Se neste momento a escolha tradutória fosse pela explicação da metáfora, talvez os elementos da armadura descritos ao longo do texto perderiam seu propósito.

Em suma, é explícita a relação entre a armadura vestida pelo soldado e as características que o cristão deve possuir. À vista destas informações, talvez o surdo não conheça, na LPB, a palavra armadura ou ele não identificar por completo todos os elementos de uma armadura. Nesta circunstância, o uso de imagens tende a produzir um bom referencial no público-alvo,

assim como o uso de comentários antes do início das traduções em si sobre o texto que está por vir. Estratégias como essas podem facilitar o entendimento do público-alvo e evitar a extensão exagerada do texto.

4.8 Conclusão

Neste capítulo, foi possível observar as particularidades de algumas traduções da Bíblia para a Libras utilizadas pela comunidade surda, em especial, as questões técnicas, linguísticas e tradutórias envolvidas em todo este processo. Em uma visão diacrônica, atenta-se para a melhora considerável da qualidade do material, sobretudo nas questões técnicas. Isso se deve ao avanço da tecnologia na área de produções videográficas.

Em relação às questões linguísticas e tradutórias, verificou-se como as novas pesquisas vêm fomentando a Libras. À vista disso, a estruturação da língua com critérios fundamentados e esclarecidos favorece uma produção mais clara e segura para os receptores da mensagem.

Ao final da análise, foi traçado um caminho viável a ser seguido quanto ao processo tradutório usando Nord (2016). Os fatores propostos por esta autora, contribuíram para a constatação de que a tradução bíblica deve ser realizada com muito esmero, mediante uma pesquisa aprofundada dos textos, posto que a relação existente entre os diversos textos pode ser fundamental para as escolhas nos processos tradutórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de voluntários intérpretes e tradutores dentro das instituições religiosas é e será sempre um referencial dentro da história dos surdos. As igrejas foram os primeiros lugares onde se percebeu o surdo como um indivíduo parte de um povo, com sua língua e cultura próprias. Com uma missão dada, recebida e crida – anunciar aos povos sobre os propósitos de Deus –, os voluntários passam a conviver com a comunidade surda, a fim de aprender sua língua e, dessa forma, se capacitar para cumprir a missão divina. É certo que os desafios foram muitos, mas, aos poucos, as conquistas aconteceram. Contudo, mesmo depois de muitos anos de empenho e dedicação, ainda é possível perceber que o trabalho precisa avançar.

Muitos destes voluntários, apesar de todo o esforço envolvido em aprender a língua e enfrentar os desafios, sentem que ainda falta conhecimento mais estruturado para desempenhar melhor suas atividades. Com os avanços políticos e sociais dos surdos e a mobilização do grupo de intérpretes, surge a profissão do TILS e a criação de cursos superiores na área – incentivos necessários para ampliar o conhecimento tão almejado.

A preocupação em oferecer um trabalho digno para os surdos como em obediência ao que os próprios voluntários cristãos creem, perpassa pelo conhecimento da língua, cultura e também teoria. Buscar o conhecimento dos teóricos tradicionais e das novas pesquisas na área, favorece o desenvolvimento de um trabalho mais condizente com o que se almeja, estruturado e eficaz. Infelizmente, nem todos os tradutores de Libras conseguem estudar em um curso de formação superior nesta área da tradução e, mesmo assim, desempenham suas funções dentro das denominações religiosas por amor a uma causa.

É relevante mencionar a importância deste conhecimento por entender os desafios de se trabalhar com textos sensíveis como os contidos na Bíblia. Para os voluntários cristãos, que acreditam ser a Bíblia a palavra de seu Deus, há o peso da responsabilidade de transmitir o que nela está escrito. E, assim, as dificuldades de uma tradução passam a ser multiplicadas e, por diversas vezes, a insegurança sobre uma escolha ou um modo de traduzir é vivenciada.

Relembro, neste momento, as indagações feitas no início dessa pesquisa: A tradução pode ser feita por uma pessoa incrédula ou que siga outra religião cujo

entendimento não seja o da Bíblia como um texto sagrado? Ou ainda: Traduzir implica em alteração da mensagem divina? Assim, para um tradutor das Escrituras, é fundamental estudar aprofundadamente hermenêutica e exegese da Bíblia, ou seja, conhecimentos teológicos, além de teorias e procedimentos de tradução somados ao contato direto com a língua e com a cultura- alvo, no caso, por meio da convivência com os usuários da Libras. Em suma, é por meio desta percepção que as escolhas tradutórias podem ser feitas com segurança.

Assim, comecei minha pesquisa com uma inquietação pessoal, na busca de traduções bíblicas já realizadas, bem como de modelos que pudessem ser aplicados às especificidades deste tipo de texto e do público-alvo. Com o leque considerável de igrejas que possuem ministérios com surdos, provavelmente haveria uma gama extensa de produções para analisar e selecionar no presente estudo. Então, logo nos primeiros passos, descobri que não seria tão fácil, como imaginava, encontrar traduções com boa qualidade técnica, linguística e tradutória.

Na observação de traduções bíblicas realizadas para a Libras, é notória a escassez de material. A maioria delas é produção amadora de textos curtos, normalmente seguidas de uma mensagem que explique o fragmento sagrado – o texto bíblico por si só, traduzido com a preocupação em atender questões técnicas, linguísticas e tradutórias, é raro. Por fim, foram encontradas duas traduções com grande importância na comunidade surda: uma delas foi produzida pela Missionária Marília Manhães, sendo a pioneira neste trabalho e coordenadora nacional do ministério com surdos da JMN, e outra, do Pastor Adoniran Melo, líder do ministério com surdos da Primeira Igreja Batista de Curitiba.

A partir da análise das duas traduções, nota-se a seriedade nos trabalhos realizados e como, ao longo do tempo, as novas tecnologias ajudaram a aperfeiçoar a qualidade das produções, principalmente em relação às questões técnicas utilizadas. Contudo, ainda se faz necessária uma reflexão sobre as escolhas da tradução que se adéquem melhor ao tipo textual, assim como um espaço no qual o tradutor possa fazer uma nota sobre as teorias de tradução aplicadas, a fim de orientar outros tradutores que acessem estes materiais.

Após a análise comparativa, foi possível refletir como os textos bíblicos podem ser traduzidos baseados no modelo de Nord (2016). Nesta reflexão, constatei que o estudo detalhado dos aspectos intra e extratextuais são fundamentais para esse tipo textual. Defendo, portanto, que o estudo minucioso do emissor e sua intenção, do

público-alvo, do contexto geográfico e temporal, do assunto, do conteúdo, das pressuposições, da estruturação e do léxico podem influenciar e sustentar as escolhas da tradução.

Esta pesquisa foi fundamental para constatar que ao tradutor de textos sagrados não lhe basta a competência teórica, nem mesmo só a teológica, tampouco somente a linguística. Todas as referidas questões devem ser tratadas de modo equiparável, com o mesmo peso no processo tradutório. Os textos não devem ser considerados de forma isolada, mas, como foi demonstrado neste trabalho, é preciso que o tradutor tenha consciência das inter-relações existentes dentro da Bíblia, seu contexto e sua aplicação atual. Além disso, é salutar ter uma base teórica ampla e sólida para fundamentar suas escolhas.

Mesmo após a pesquisa e algumas sugestões terem sido levantadas, certas demandas continuaram em aberto, sobretudo em relação à estruturação de um vídeo que atenda às necessidades de um texto sagrado, como nos casos da inclusão de um glossário, de comentários e notas. Assim sendo, esta investigação científica não se encerra com este trabalho. Espero que ele ajude, de alguma forma, novos tradutores e novas produções a buscarem diferentes soluções para antigos problemas, amparando-os em pesquisas futuras.

Por fim, este trabalho teve como resultado a análise de duas traduções de textos sagrados para a Libras, proporcionando uma reflexão sobre o modo de se traduzir um texto sagrado segundo os aspectos apresentados por Nord (2016). A minha intenção é que ele ofereça um direcionamento para aqueles que almejam adentrar na atividade de tradução de textos sagrados para a Libras.

BIBLIOGRAFIA

A Bíblia em Libras: Carta de Paulo aos Efésios. Produção de Marília Moraes Manhães. Direção de Imagens e edição: Gilmar F. Manhães. Rio de Janeiro: GM VIP Vídeo, Apoio: Missões Nacionais, 2005. DVD (32min23s).

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada. Versão Revisada.** 4ª imp. Juerp: Rio de Janeiro, 1994.

BALL, Charles F. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo.** 3ª edição. Casa Publicadora das Assembleias de Deus: Rio de Janeiro, 2000.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta.** Pomters: Campinas, 2004.

BERKHOF, Louis. **Princípios de Interpretação Bíblica.** 2ª ed. revisada. Cultura Cristã: São Paulo, 2004.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo.** 2ª ed. Copiart: Florianópolis, 2013.

BRASIL. Decreto no. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União** – Seção 1 – 23/12/2005, p. 28.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União** – Seção 1 – 25/4/2002, p. 23.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. **Diário Oficial da União** – Seção 1 – 2/9/2010, p. 1.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União** – Seção 1 – Edição Extra – 26/6/2014, p. 1.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. 245f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. **Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – foco em léxico**. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

_____. **Projeto Varlibras**. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CASTRO, Nelson Pimenta. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. 165f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COSTA, Joseane Marques da. **Leitura e Compreensão de Expressões Metafóricas em Português em L2 por Surdos Sinalizadores**. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A Língua de Sinais Constituindo: O Surdo Como Sujeito. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, mai. - ago. 2005.

DOUETTES, Breno Barros. **Tradução na Criação de Sinais-Termos Religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilíngue**. 438f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

FARIA, Sandra Patrícia. **A Metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da Competência Comunicativa de Alunos Surdos**. 316f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

FAULSTICH, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **Revista TradTerm**, São Paulo, v. 7, n.1, p. 11-40. 2001.

FELIPE, Tania A.; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor**. 6ª ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial: Brasília, 2007.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Integração Social & Educação de Surdos**. Batel: Rio de Janeiro, 1993.

FERREIRA, Fabiano Antônio. As Lentes do Tradutor e do Exegeta: Um Ensaio Em Metodologia Exegética Aplicada ao Antigo Testamento com Estudo de Caso em Jeremias 1.11-12. **Fides Reformata online**. São Paulo, v. XII, n. 2, p. 27-41. 2007.

FOULKES, Francis. **Efésios: introdução e comentários**. Vida Nova: São Paulo, 1993.

GARCIA, Brigitte; SALLANDRE, Marie-Anne. Transcription systems for sign languages: a sketch of the different graphical representations of sign language and their characteristics. **Université Paris 8**. Paris, HAL Id: hal-01043755, p. 1120-1134, dez. 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. UFRGS: Porto Alegre, 2009.

JAKOBSON, Roman. **Os aspectos linguísticos da tradução**. 20ª ed. In: Linguística e comunicação. Cultrix: São Paulo, 1995.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture*. Cambridge University Press: Cambridge, 2005.

_____. *Metaphor, a practical introduction*. 2nd ed. Oxford University: Oxford, 2010.

KUNZ, Claiton André. MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL. Um estudo descritivo. **Via teológica**. Curitiba, v. 2, n. 16, p. 23-53. 2008.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago University Press: Chicago, 1980.

LOPES, Mariú Moreira Madureira. A Sensibilidade na Tradução de Textos Sagrados. **TODAS AS LETRAS**. São Paulo, v. 11, n. 2. 2009.

LUCHI, Marcos. **Interpretação de Descrições Imagéticas: Onde está o Léxico?** 116f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

LUCIANO, Anita Holm Thomsen. **A Interpretação simultânea sob a ótica da lingüística aplicada**. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo; RATT, Mary Louise. Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, n. 39, p. 281-289. 2000.

MARQUES, Rodrigo Rosso; OLIVEIRA, Janine Soares de. **Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**. 2012, Florianópolis, SC. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais2012_busca.html>, acesso em: 11 de abril de 2017.

MASSUTI e SANTOS, 2008. **Intérpretes de Língua de Sinais: Uma Política em Construção**. In: QUADROS, Ronice Müller de (org). Estudo de Surdos III. Arara Azul: Petrópolis, 2008.

MASSUTI, Maria Lúcia; SANTOS, Silvana Aguiar. **Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção**. In: QUADROS, Ronice Müller de (org). Estudo de Surdos III. Arara Azul: Petrópolis, 2008.

MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V. **A Bíblia e sua História: o surgimento e o impacto da Bíblia**. Sociedade Bíblica do Brasil: Barueri, 2006.

MINISTÉRIO COM SURDOS COMUNICAR. **Bíblia em Libras Comunicar**. Curitiba, PR. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCfwfJaMARKZwsxOt1ursYw>>, acesso em: 27 de janeiro de 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Prolibras – Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa**. Brasília, DF. Disponível em: <www.mec.gov.br>, acesso em: 15/1/17.

NACIONAIS, Junta de Missões. **O clamor do silêncio – Manual de sinais bíblicos**. Juerp: Rio de Janeiro, 1991.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Glossário Ilustrado Semibilíngue do Meio Ambiente em Mídia Digital**. 222f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

NAVES et al. **Guia para Produção Audiovisuais Acessíveis**. Secretaria do audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura; LOPES, Mariú Moreira Madureira. Texto Bíblico e “Tradução”: A “Voz Divina” no Plano Humano da Coenunciação. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 205-236, mai.-ago. 2016.

NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: Brill, 1969

NORD, Christiane. **Análise Textual em Tradução: Bases Teóricas, Métodos e Aplicação Didática**. Rafael Copetti Editor: São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Alessandra Ramos. Equivalência: Sinônimos de Divergência. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 1, n. 19, p. 97-114, 2007.

PASCHOAL, Stéfano. Pressupostos para a formação e a atuação do tradutor. **Fragmentos**. Florianópolis, n. 33, p. 215-228, jul.-dez. 2007.

PÊGO, Carolina Ferreira; LOPES, Betty. Reflexões acerca do Curso de Letras-Libras e Suas Contribuições para a Construção de Novas Perspectivas na Educação à Distância. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR À DISTÂNCIA, n. XI, 2014, Florianópolis. Anais... Florianópolis, p. 534-547, ago. 2014.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Reflexões sobre a Tipologia da Interpretação de Línguas de Sinais. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 46-77, jul.- dez. 2015.

PERLIN, Gladis; QUADROS, Ronice Müller. **Ouvinte: o outro do ser surdo**. In: QUADROS, Ronice Müller de (org). Estudo de Surdos III. Arara Azul: Petrópolis, 2008.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos. Texto Base**. Florianópolis, 2008.

QUADROS, Ronice Müller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. MEC/SEESP: Brasília, 2004.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudo Linguísticos**. Artmed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, Ronice Müller; SOUZA, Saulo Xavier. **Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: prática tradutórias do curso de Letras Libras**. Arara Azul: Petrópolis, 2008.

RODRIGUES, Carlos Henrique. *A Interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: Efeitos de Modalidade e Processos Inferenciais. Tese de doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

SANTOS, Ozivan Perdigão. Travessias históricas do tradutor/Intérprete de Libras: de 1980 a 2010. **Revista do Difere**, Belém, v. 2, n. 4, dez. 2012.

SANTOS, Silvana Aguiar. **Intérpretes de Língua de Sinais: um estudo sobre as identidades**. 189f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. 74f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, César Augusto de Assis. **Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos**. 227f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, César Augusto de Assis; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Entre a “cultura surda” e cura da surdez: análise comparativa das práticas da Igreja Batista e da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **Revista Cultura y Religión**, Chile, v. 2, n. 3, p. 82-96, dez. 2008.

SIMMS, Karl. (Org.). **Translating sensitive texts: linguistic aspects**. Rodopi B. V. Editions: Amsterdam - Atlanta, 1997.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Almeida Revisada e Atualizada (ARA)**. Barueri, SP. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/1608/EPH.6.ARA>>, acesso em: 5 de outubro de 2017.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Nova Tradução Na Linguagem de Hoje (NTLH)**. Barueri, SP. Disponível em: <<https://www.bible.com/bible/211/EPH.6.ntlh>>, acesso em: 5 de outubro de 2017.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. UFSC: Florianópolis, 2008.

_____. **História da educação de surdo**. UFSC: Florianópolis, 2009.

TAUB, S.F. *Language from the body: Iconicity and metaphor in American Sign Language*. Cambridge University Press: Cambridge, 2001.

TUXI, dos Santos Patrícia. **A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: Proposta de organização e de Registro de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico em Glossário Bilíngue**. 232f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva et al. A Construção Metafórica e Metonímica do Signo em Língua de Sinais Brasileira: Uma Análise Cognitiva-Cultural. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1, n. 36, p. 7-20, jan. - jun. 2017.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia**. 5ª ed. Sinodal: São Paulo, 1998.

ANEXO 1

Questionário – Pastor Adoniran Melo

Meu nome é Ellen Correia Araújo, sou aluna do mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UNB) e estou desenvolvendo uma pesquisa com foco na tradução da Bíblia para a Língua Brasileira de Sinais. Para isso, me proponho a analisar duas produções que se apresentaram confiáveis e dignas de credibilidade. São elas: a) o projeto pessoal de tradução bíblica para a Libras da missionária Marília Manhães, coordenadora nacional do ministério com surdos da Junta de Missões Nacionais; b) a tradução bíblica para a Libras do ministério Comunicar da Primeira Igreja Batista de Curitiba, sinalizada pelo pastor líder do ministério com surdos.

Gostaria de pedir a colaboração das equipes de tradução destas produções para que eu possa obter mais informações que ajudarão no conhecimento dos trabalhos realizados por mim. Desde já, agradeço a ajuda e compreensão a mim destinadas.

1. Quantos livros da Bíblia já foram traduzidos por vocês?

Resposta: 27 livros no novo e 18 histórias do velho.

2. Vocês consideram o material traduzido como bilíngue?

Resposta: (x) Sim () Não

Caso não considerem o material traduzido como bilíngue, na sua opinião, qual recurso poderia ser usado para torná-lo bilíngue?

Resposta:

.....

3. Qual a versão bíblica utilizada na tradução de vocês? Por quê?

Resposta: Nova versão internacional e pequenos textos de tradução livre, apenas para o novo testamento.

4. Quais foram as fontes de pesquisa de sinais religiosos utilizados no processo tradutório?

Resposta:

- (x) Manual de Sinais Bíblicos produzido pela JMN
- (x) Sinais utilizados dentro do âmbito da sua igreja
- (x) Sinais validados por algum grupo de surdos que desenvolvam sinais religiosos (qual?)

5. Caso o Manual de Sinais Bíblicos **O clamor do silêncio** não tenha sido utilizado, qual seria a razão?

Resposta: Foi utilizado

6. Qual foi o público-alvo almejado para a tradução dos textos bíblicos?

- (x) Surdos usuários da Libras
- () Surdos não usuários da Libras
- () Tradutores e intérpretes de línguas de sinais
- (x) Usuários de línguas de sinais
- (x) Indivíduos crentes
- (x) Indivíduos não crentes
- () Outros

7. Quantas pessoas trabalharam no processo de tradução? Existiam surdos na equipe?

Resposta: 28 pessoas entre técnicos, programadores, designers, interpretes e 6 surdos, alguns pastores surdos ao longo do processo foram consultados, cerca de 17.

8. Foi seguido algum padrão técnico de filmagem para a produção de vídeos para a Libras em relação à iluminação, pano de fundo, enquadramento e vestuário? Qual?

Resposta: Novo testamento em fundo branco e camisa preta, velho testamento em fundo azul para inserção de imagens.

9. Foi utilizada alguma teoria da tradução como embasamento teórico no processo tradutório? Qual? Por quê?

Resposta: Princípios de hermenêutica bíblica.

10. Quem você considera o emissor da Bíblia em Libras? Por quê?

Resposta: Complexo este questionamento, pois quando acredita-se que a Bíblia é a Palavra de Deus, independente da língua em que se traduz, ela continua sendo a Palavra de Deus, logo o próprio IAVÉ é o emissor, mas volto a dizer da complexidade, pois o interprete sinalizador deve ser fiel ao texto sagrado, para assim a emissão ser divina, caso contrário, o emissor é o sinalizador.

ANEXO 2

Questionário – Missionária Marília Manhães

Meu nome é Ellen Correia Araújo, sou aluna do mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UNB) e estou desenvolvendo uma pesquisa com foco na tradução da Bíblia para a Língua Brasileira de Sinais. Para isso, me proponho a analisar duas produções que se apresentaram confiáveis e dignas de credibilidade. São elas: a) o projeto pessoal de tradução bíblica para a Libras da missionária Marília Manhães, coordenadora nacional do ministério com surdos da Junta de Missões Nacionais; b) a tradução bíblica para a Libras do ministério Comunicar da Primeira Igreja Batista de Curitiba, sinalizada pelo pastor líder do ministério com surdos.

Gostaria de pedir a colaboração das equipes de tradução destas produções para que eu possa obter mais informações que ajudarão no conhecimento dos trabalhos realizados por mim. Desde já, agradeço a ajuda e compreensão a mim destinadas.

1. Quantos livros da Bíblia já foram traduzidos por vocês?

Resposta: 23 livros do Novo Testamento.

Estamos finalizando o NT, estão faltando Apocalipse e os Evangelho, que está em estudo.

Estamos trabalhando com muita diligencia, dedicação e responsabilidade. Desde 1996, temos trabalhado neste projeto, fico triste em ver a falta de temor que muitos tem traduzido os textos sagrados. A Bíblia é a palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo. Portando, o tradutor/intérprete de libras tem a tremenda responsabilidade de não modificar o significado. Durante a tradução devo ter o cuidado de não acrescentar nada ao significado, nem omitir nenhuma parte do significado. Buscamos traduzir o significado exato da mensagem original, expressando-o de uma forma natural o idioma Libras. Sendo assim, processo de Tradução é muito criterioso.

2. Vocês consideram o material traduzido como bilíngue?

Resposta: (x) Sim () Não

Caso não considerem o material traduzido como bilíngue, na sua opinião, qual recurso poderia ser usado para torná-lo bilíngue?

Resposta:

.....

3. Qual a versão bíblica utilizada na tradução de vocês? Por quê?

Resposta: Utilizamos várias versões para estudos (Nova Verdão Internacional (NVI), Nova Tradução da Linguagem de Hoje (NTLH), Almeida Revista e Atualizada (ARA), Bíblia de Jerusalém(BJ). Para uma melhor compreensão dos texto bíblicos, além de utilizar comentários e dicionários bíblicos. Dicionários Teológicos, Mapas Bíblicos e Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua de Sinais e outros

4. Quais foram as fontes de pesquisa de sinais religiosos utilizados no processo tradutório?

Resposta:

(x) Manual de Sinais Bíblicos produzido pela JMN

() Sinais utilizados dentro do âmbito da sua igreja

() Sinais validados por algum grupo de surdos que desenvolvam sinais religiosos (qual?)

5. Caso o Manual de Sinais Bíblicos **O clamor do silêncio** não tenha sido utilizado, qual seria a razão?

Resposta: Não utilizamos na íntegra, visto que este manual está sendo revisado devido erros teológicos. Fizemos uma seleção dos sinais que estão no Manual de Sinais Bíblicos, e utilizamos somente aqueles que são usados nas comunidades surdas não evangélicas, visando a compreensão daqueles que irão receber A Bíblia em Libras possam entender o conteúdo. Sendo assim não utilizamos a maioria dos sinais que estão no Manual de Sinais Bíblicos.

6. Qual foi o público-alvo almejado para a tradução dos textos bíblicos?

(x) Surdos usuários da Libras

() Surdos não usuários da Libras

() Tradutores e intérpretes de línguas de sinais

(x) Usuários de línguas de sinais

- () Indivíduos crentes
- () Indivíduos não crentes
- () Outros

7. Quantas pessoas trabalharam no processo de tradução? Existiam surdos na equipe?

Resposta: 4 ouvintes e 4 surdos, fazendo um total de 8 pessoas que atuam em todo processo. (Teólogos, Exegetas, TILS, Revisores, Produtor e Editor de Vídeo,)

8. Foi seguido algum padrão técnico de filmagem para a produção de vídeos para a Libras em relação à iluminação, pano de fundo, enquadramento e vestuário? Qual?

Resposta: Foi seguido todo padrão profissional para uma produção de qualidade sendo observado a iluminação, plano de fundo, enquadramento vestuário e outros.

9. Foi utilizada alguma teoria da tradução como embasamento teórico no processo tradutório? Qual? Por quê?

Resposta: Sim. Utilizamos a Tradução baseada no significado. Sendo o processo tradutória assim descrito:

Durante a tradução temos o cuidado de não acrescentar nada ao significado, nem omitir nenhuma parte do significado. Buscamos traduzir o significado exato da mensagem original, expressando-o de uma forma natural o idioma Libras. Sendo assim, processo de Tradução é muito criterioso. Observar o texto bíblico minuciosamente, com muita atenção, ou seja, ver as dificuldades do texto, ver todos os detalhes a respeito do texto, lemos em duas ou três versões da Bíblia, comparamos as versões e sempre que possível buscamos na língua original.

Observar e estudar o contexto com muito cuidado, descobrir o significado que expressam as palavras e as estruturas gramaticais da língua fonte (português) do texto bíblico que vamos traduzir para a língua receptora (libras). Descobrir o pano de fundo da passagem Bíblica. Descobrir os diversos significados de uma palavra e ou ideias desconhecidas, utilizando as seguintes soluções: empregar uma oração descritiva; substituir a ideia por algo semelhante, já conhecido dos falantes de libras. Sempre buscamos revisar o processo de tradução e interpretação com as seguintes perguntas: O significado da tradução é o mais próximo possível do significado que o autor do texto bíblico original transmitiu? Os surdos usuários da Libras vão entender a mensagem com clareza? A tradução faz uso da *linguagem* que os surdos utilizam em seu dia a dia? Após

essas observações atuamos com afinco para que os surdos tenham a Bíblia acessível em uma tradução e interpretação mais próxima possível de sua língua.

10. Quem você considera o emissor da Bíblia em Libras? Por quê?

Resposta: Deus é o emissor soberano da Bíblia em Libras, porque Ele é a própria palavra viva. Humanamente falando recebo dele o entendimento e o significado do que está escrito e transmito em língua de sinais para que os receptores primeiramente os surdos e os usuários desta língua possam receber de maneira clara em seu idioma.